

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

**O passado em *bits* – memórias e
histórias na internet**

Camila Guimarães Dantas

Rio de Janeiro

Março, 2008

O passado em *bits* – memórias e histórias na internet

Dissertação de mestrado submetida ao PPGMS como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Memória Social.

Orientadora: Prof. Dr^a. Vera Lúcia Doyle Dodebei

Co-orientadora: Prof. Dr^a. Marieta de Moraes Ferreira

Camila Guimarães Dantas

Março, 2008

Dantas, Camila Guimarães.
D192 O passado em bits: memórias e histórias na Internet / Camila Guimarães
Dantas, 2008.
136f.

Orientador: Vera Lucia Doyle Dodebei.
Co-orientador: Marieta de Moraes Ferreira.
Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

1. Memória – Aspectos sociais. 2. Internet (Redes de computação).
3. Informação – Inovações tecnológicas. 4. Patrimônio digital. I. Dodebei,
Vera Lúcia Doyle Louzada de Matos. II. Ferreira, Marieta de Moraes.
III. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003-). Centro de
Ciências Humanas. Mestrado em Memória Social. IV. Título.

CDD – 302

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Vera Dodebei (Orientadora)

Prof. Dr^a. Marieta de Moraes Ferreira (Co-orientadora)

Prof. Dr^a. Regina Abreu

Prof. Dr^o. Manuel Luiz Salgado Guimarães

RESUMO

Esta dissertação de mestrado investiga as novas formas de registro do passado na internet. O estudo das interfaces do acervo digital *People's War*, com 47 mil testemunhos online e 15 mil imagens, possibilitou uma compreensão dos elementos móveis trazidos pelas tecnologias da informação; bem como nos levou a refletir sobre as continuidades nas formas de se reelaborar a memória social. Identificamos nesta nova forma de arquivar o passado uma sincronia com uma memória oficial onde a Segunda Guerra Mundial é um evento marcante para a construção da coesão social inglesa. Verificamos ainda a existência de vozes dissonantes ao projeto que, embora com pouca visibilidade, integram o conjunto do acervo. Um outro elemento destacado foi a fragmentação dos testemunhos que está estritamente relacionada às especificidades tecnológicas do registro e à leitura na tela do computador. Para investigar estes elementos, apontando continuidades e mudanças nos usos do passado, procuramos articular uma bibliografia sobre a memória social, a história e a construção do patrimônio digital.

ABSTRACT

In this work new forms of registering the past on Internet were investigated. Studying the digital archive *People's War* from BBC, and its interfaces with 47,000 records and 15,000 images, offered an opportunity to understand the changes related with social memory and new technology. We argue that this digital archive is a collection of records that integrates a construction of a national identity related to official British memory about World War II. Nevertheless, we cannot say that this is a homogeneous archive since we could find records that disagree with this standard memory. Another important feature of this archive is the fact that many recollections are fragmentary due to the technical issue of reading and writing on a computer screen. In this dissertation an interdisciplinary bibliography on social memory, history and digital heritage was employed to identify what has changed and what continuity remained the same in these uses of the past in this digital archive.

“But it is certain that
What is beautiful seems so only in relation to a specific
Life, experienced or not, channeled into some form
Steeped in the nostalgia of a collective past.
(...)
And each part of the whole falls off
And cannot know it , except
Here and there, in cold pockets
Of remembrance, whispers out of time.”

John Ashbery, *Self-Portrait in a Convex Mirror*, 1975.

Para Luni.

Mapa de agradecimentos

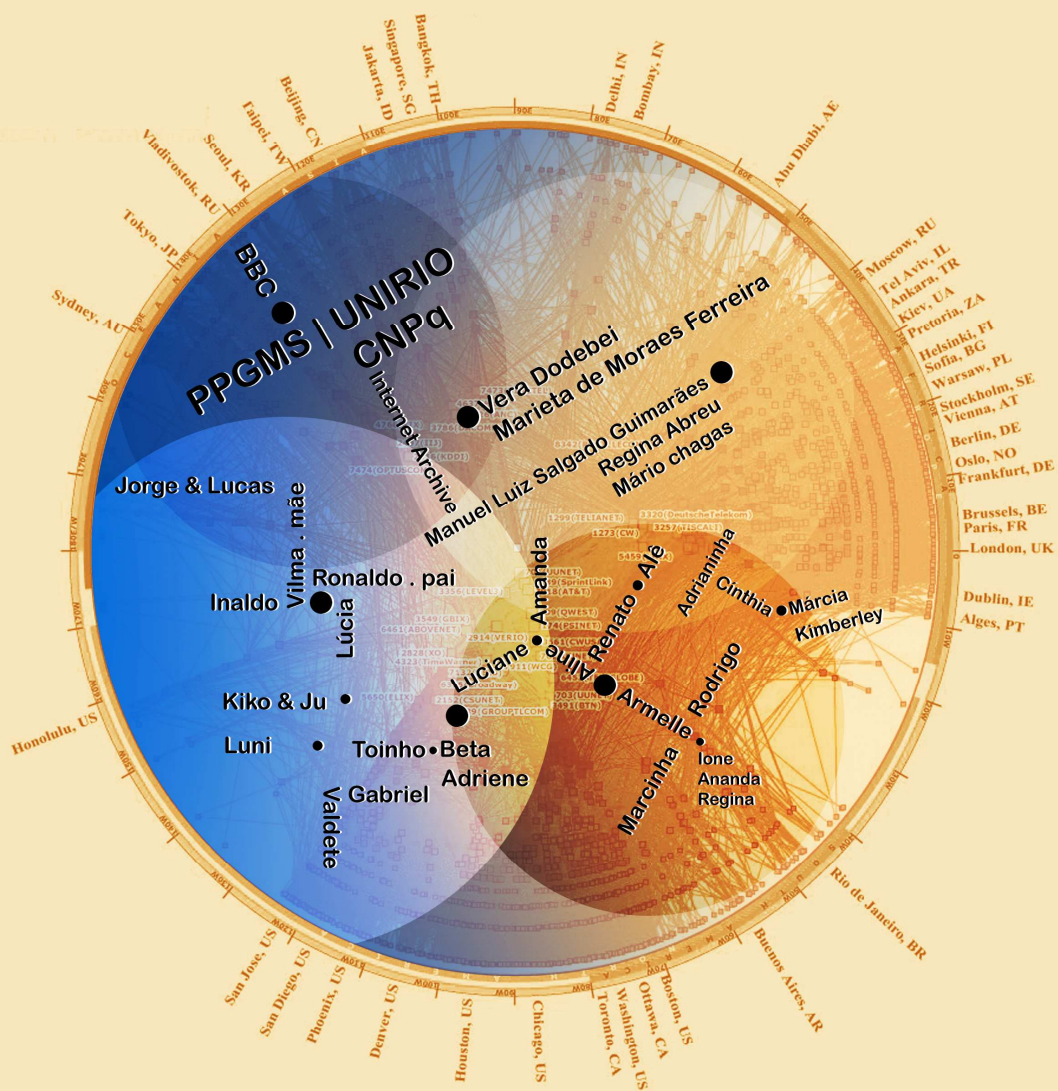


Imagem montada com a ajuda de Antônio Castro a partir de um mapa da internet realizado pelo grupo de pesquisa Coopertive Association for Internet Data Analysis. As referências completas estão no segundo capítulo.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
1.Alguns pontos cardeais nas relações entre Memória, História e Testemunho contemporaneidade.....	10
1.1 Sociedade e memória como noções interdependentes em Halbwachs.....	12
1.2 Halbwachs e a historiografia.....	16
1.3 Memórias e Histórias contemporâneas: o lugar dos testemunhos.....	22
2.Internet, História e Patrimônio: tecendo algumas conexões.....	31
2.1 As redes do presente.....	31
2.1.2 Uma brevíssima história da internet.....	37
2.3 Conexões: dados, telas, historiadores.....	45
2.4 É possível pensar em um patrimônio em suporte digital?.....	58
3.Novas configurações da memória da web: o acervo <i>People's War</i> da BBC.....	70
3.1 A BBC e a memória da Segunda Guerra	70
3.2 www.bbc.co.uk/ww2peopleswar : uma breve história	74
3.3 Navegando em um acervo digital.....	80
3.3.1 Primeiro percurso ou o caminho para deixar um testemunho <i>online</i>	83
3.3.2 Segundo percurso: categoria vida doméstica	87
3.3.3 Terceiro percurso : uma pedagogia da memória.....	96
3.4 Fragmentos digitais: o que há em comum entre os 47 mil relatos online?.....	100
Considerações Finais.....	106
Referências Bibliográficas.....	113
Anexos.....	120

INTRODUÇÃO

**“Haja
hoje
p/
tanto
hontem
[sic]”**

(Paulo Leminski)

No final do nosso século XX, o poeta curitibano já apontava para um composto híbrido expresso no neologismo “hontem”. As relações entre o passado e o presente sempre foram fundamentais para a compreensão de qualquer sociedade, o que não é diferente no mundo contemporâneo. Pode parecer intrigante que nesta época repleta de uma vasta tecnologia informacional, o indivíduo se volte para o “ontem”. Este fenômeno, contudo, é verificado por muitos estudos acadêmicos que apontam a existência de uma “musealização do mundo” ou ainda uma “cultura da memória” na contemporaneidade¹. Ao invés de uma total amnésia, observa-se um vertiginoso crescimento do interesse pelo passado em um cotidiano individual marcado pelo registro em imagens (fotos e vídeos) e textos (blogs e páginas pessoais na internet). Nas sociedades contemporâneas, vive-se a execução de um extenso calendário de comemorações que evidenciam as reelaborações da memória social numa complexa dinâmica entre esquecimentos e lembranças.

O ontem, ou o passado recente, não é apenas o foco de produtos culturais os mais diversos, mas também um dos temas privilegiados pela historiografia. A história do tempo presente é um campo em expansão nos meios acadêmicos. Há, pois, uma sintonia no

¹ Ver, por exemplo: Huyssen, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000. *Tempo Passado – cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo, Cia. das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

interesse pelo tema da memória. Principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, as discussões sobre a memória coletiva começaram a integrar não apenas os debates acadêmicos, mas também as discussões em diversas esferas da sociedade. Sobretudo a partir da década de 1980, a memória tornou-se uma das poucas áreas das ciências humanas na qual parece haver uma convergência entre uma demanda social por estudos e uma preocupação intelectual relevante².

Com uma boa dose de ironia, Tzvetan Todorov afirma que quase tudo passou a ser alvo de construção histórica e que na Europa pode se chegar ao absurdo de se construir um museu por ano³. No Brasil, a memória também vem sendo alvo de iniciativas tanto governamentais quanto de caráter privado, tal como a realização de documentários e películas históricas (por exemplo *Olga*, de Jayme Monjardim). Na internet brasileira já existe uma ampla rede de instituições que possuem páginas, organizam debates e disponibilizam parte de seus acervos aos usuários da rede mundial de computadores. Há muitas páginas acadêmicas, dentre as quais não se pode deixar de citar a do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea (CPDOC/FGV) com vasto material de pesquisa disponível e de livre acesso. Há também as páginas de ONGs e dos grupos que se propõem a divulgar uma determinada memória social, por exemplo a do Grupo Tortura Nunca Mais. Um outro *site* que não podemos deixar de mencionar ao tratarmos do tema da memória é o Museu da Pessoa cujo objetivo consiste em registrar a história de vida de qualquer cidadão; já contando com mais de 4 000 testemunhos e uma rede de projetos e parcerias que extrapola o território nacional⁴. Uma navegação impressionista nos indica a importância que o passado vem recebendo na era digital, muito embora trate-se de um vasto espaço ainda carente de demarcações e mapeamentos.

Nesta atmosfera de embates da memória, desencadeada também pela divulgação de obras memorialistas e testemunhos do trágico século XX, os historiadores procuram

² Wulf Kansteiner aponta esta convergência num artigo que faz um balanço da literatura sobre memória coletiva, ver Kansteiner, W. *Finding meaning in memory: a methodological critique of collective memory studies*. History and Theory, May 2002, vol. 41, n.2, pp. 179-197.

³ Tzvetan, Todorov. *Memória do mal, tentação do bem – indagações sobre o século XX*. São Paulo, Arx, 2002.

⁴ Os endereços dos *websites* citados são respectivamente: www.cpdoc.fgv.br, <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/sa/default.asp> e www.museudapessoa.net (acessados em 1º de janeiro de 2008).

distinguir o termo “memória” da história produzida profissionalmente. A necessidade de explicitar as especificidades da história acadêmica, produzida a partir de um rigor teórico e metodológico, levou algumas vezes a um debate demasiadamente simplista, que apenas desqualificava a memória e colocava a história como detentora da verdade sobre o passado.

A proposta deste estudo é articular o debate existente na historiografia recente e nos estudos transdisciplinares sobre a memória social com as questões colocadas pelas novas tecnologias da informação. Interessa-nos pensar as implicações, as mudanças e as continuidades que podem advir da utilização dos suportes digitais para reelaboração e registro de memórias sociais.

Atendendo às limitações específicas de uma dissertação de mestrado, este estudo pretende focalizar dimensões que não estão completamente separadas no mundo contemporâneo. Os estudos sobre a memória social e a construção do patrimônio na atualidade têm enfatizado a necessidade de se pensar a partir da encruzilhada de saberes onde se constroem as relações com o passado. Esta será a trilha escolhida por este trabalho e , ao mesmo tempo, seu maior desafio⁵ .

Investigar as relações entre a tecnologia e as formas de se pensar o passado, sobretudo nas produções da memória social, pode parecer uma tarefa inglória. Mas, a existência de obras relevantes que dizem respeito a outros períodos ou possuem um outro foco de preocupações inspiram e trazem recursos analíticos valiosos. Nesta introdução ao trabalho, pretende-se esclarecer de que modo nos aproximaremos da mencionada encruzilhada entre tecnologias e registros do passado, isto é, que abordagens teóricas e metodológicas nos auxiliarão nesta empreitada.

A genealogia do observador moderno, elaborada por Jonathan Crary⁶, esclarece pontos fundamentais sobre a história das interseções entre os homens e as tecnologias no mundo ocidental . Crary destaca a emergência de uma determinada subjetividade na qual a “atenção” se tornou um eixo central das vivências, das preocupações e de uma gama de obras filosóficas e artísticas. Partindo do princípio de que as maneiras de ouvir, olhar ou de

⁵ Dodebei, Vera. *Patrimônio e memória digital*. Morpheus, Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano 4 N. 8, 2006. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm> (acessado em 10 de outubro de 2007).

⁶ Crary, J. *Suspensions of perception: attention, spectacle and modern culture*. Cambridge(MA): MIT Press, 2001.

se concentrar possuem um caráter histórico, Crary desenvolveu um estudo fundamental para se compreender as imbricações entre as tecnologias e as formas de percepção daí advindas. Detendo-se nas três últimas décadas do século XIX, o autor realiza uma investigação meticulosa sobre o desenvolvimento do que ele denominou um novo regime ou disciplina da atenção.

É relevante o modo como o autor situa no final do século XIX a emergência de uma disciplina da atenção, então alvo de estudos da psicologia, da fisiologia ótica e da filosofia. Uma disciplina marcada pelas especificidades de uma sociedade industrial e que tem avançado até os nossos dias. Embora não se trate de uma progressão linear, sem resistências, é possível distinguir uma tendência de ampliação de uma disciplina da atenção. As mensagens veiculadas nos meios de comunicação de massa são fruto de estudos para reter a atenção do espectador; os métodos contemporâneos de gerenciamento da atenção estão cada vez mais desenvolvidos, sobretudo no mundo do trabalho, onde as redes das empresas são frequentemente rastreadas para verificar as atividades de seus funcionários⁷. Paradoxalmente, este é o ambiente onde se desenvolveu uma patologia denominada “síndrome de déficit de atenção”, comum principalmente em crianças que não conseguem seguir as demandas por um tipo de atenção necessária ao cumprimento das atividades escolares.

Alguns procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho de Jonathan Crary são bastante instigadores. Não há apenas uma história das idéias sobre a percepção, nem tampouco uma história das invenções óticas (como o estereoscópio, o kinetoscópio, entre outros) ou mesmo dos movimentos artísticos. A escolha de cada pintura, de cada texto científico ou de uma determinada invenção foi realizada seguindo o percurso de seus questionamentos iniciais sobre as relações entre as tecnologias e a “atenção”. Não encontram-se relações mecânicas nas análises de Crary, nem mesmo uma articulação simplista entre as práticas sociais em foco e os discursos selecionados. Ao analisar, por exemplo, alguns pressupostos da psicanálise sobre a atenção - a técnica da associação livre é um aspecto relevante - o autor lança mão não apenas dos textos de Freud, mas também de

⁷ Uma referência de Crary é a obra de Michel Foucault e a noção de sociedade disciplinar desenvolvida pelo autor. Ver, Crary, J. Op. Cit. (p.73-75)

um interessante testemunho deixado pelo médico vienense sobre uma exibição cinematográfica numa praça italiana. Numa carta aos seus familiares, Freud deteve-se nas sensações vivenciadas ao longo da apresentação das imagens: atração, interesse, tédio, solidão em meio à multidão. Sensações típicas da modernidade. A experiência coletiva é marcada pelo sentimento de isolamento do indivíduo que está diretamente relacionado à exacerbação de um tipo de “atenção”. Assistir ao desenrolar das imagens em movimento na praça implica, de um lado, no pertencimento a uma coletividade, ali situada no mesmo momento, e, de outro lado, exige um certo tipo de concentração individual. A análise empreendida pelo autor põe em relevo as relações entre a obra de Freud, suas vivências individuais e o conjunto de artefatos tecnológicos – no caso, o cinematógrafo – que integravam a experiência histórica da modernidade. Neste sentido, a obra em foco traz contribuições importantes e pode nos ajudar a enveredar no nosso mundo cibernético no qual em muitos momentos estamos também diante de uma sensação semelhante de pertencimento e separação; ou ainda, como encontramos em alguns discursos de amnésia e excesso de memórias⁸.

A estratégia utilizada por Crary ao selecionar objetos técnicos, práticas sociais e estudos científicos será uma inspiração fundamental para este trabalho. Por exemplo, o computador, as redes de informação, as práticas sociais no ciberespaço e os campos de estudos ou universos de discursos daí advindos (como patrimônio digital e *public history*) serão analisados a partir de uma sincronicidade histórica. É nosso objetivo indicar as reelaborações da memória e da história, apontando para as relações entre temas que a princípio podem parecer muito distintos.

O pensamento de Pierre Lévy constitui uma outra referência muito importante para que possamos mergulhar neste mundo composto de *bits*. A preocupação maior do filósofo francês é entender de que modo os computadores, e todo o arsenal a eles conectado, compõem uma nova interface social, representando a adoção de uma nova tecnologia da inteligência. Do machado ao avião, da oralidade à informática, as tecnologias não atuam

⁸ Um recente o artigo de Jessica Winter trata do tema aqui mencionado: *The advantages of amnesia: From the Internet to the iPod, technology is bringing rapid advances in memory. What society needs now are new ways to forget*. The Boston Globe, 23 de setembro de 2007. Disponível em: http://www.boston.com/news/globe/ideas/articles/2007/09/23/the_advantages_of_amnesia/.

como meros prolongamentos das capacidades humanas, corporais e intelectuais, mas produzem novas problemáticas e engendram novos modos de ser e de pensar. Isso não significa adotar uma perspectiva determinista ou teleológica. Segundo Lévy, *as técnicas não determinam, elas condicionam. Abrem um largo leque de novas possibilidades das quais somente um pequeno número é selecionado ou percebido pelos atores sociais*⁹.

Os objetos técnicos não existem isolados do uso que é feito deles e não podem ser criados sem a intervenção de processos cognitivos, sociais, históricos e políticos. Este ponto de vista rompe necessariamente com a clássica relação sujeito-objeto. Não se pode dizer simplesmente que o homem produz a técnica ou vice-versa. Uma das idéias com a qual Lévy se contrapõe a esta separação rígida entre sujeitos e objetos é a de *ecologia cognitiva* (ou “*inteligência coletiva*”). Trata-se de pensar os grupos humanos como meios onde diferentes representações, idéias, tecnologias, relações sócio-políticas e econômicas competem entre si, convivem, transformam-se. Deste meio surgem as tecnologias que, por sua vez, produzem nele novas formas de pensar e de viver¹⁰. Muito embora em alguns momentos o autor expresse um otimismo demasiado¹¹, que não compartilhamos, sua obra é fundamental para compreender as relações em foco nesta pesquisa.

Para analisar a informática, Lévy assume uma perspectiva histórica, a partir da qual procura observar o surgimento e o desenvolvimento de diferentes tecnologias da inteligência (oralidade, escrita e cibernética), ao longo do tempo. A oralidade, a escrita e a cibernética não constituem eras autônomas na análise empreendida pelo autor. Há mudanças, algumas rupturas e muitas continuidades na incorporação de uma nova tecnologia da inteligência pela sociedade. Neste sentido, a argumentação de Lévy converge com as posições do historiador Roger Chartier sobre a “revolução do texto eletrônico”. A partir de uma análise da história das práticas de leitura, o historiador francês afirma que *a*

⁹ Lévy, P. *As Tecnologias da Inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1996, p.101.

¹¹ A crença na possibilidade de instauração a partir da internet de um regime altamente democrático na circulação de saber, embora não deixe de ser uma perspectiva alentadora, nos parece distante dos dados empíricos recentemente divulgados e já mencionados neste estudo. Afirmações do tipo “*qualquer grupo ou indivíduo pode ter, a partir de agora, os meios técnicos para dirigir-se, a baixo custo, a um imenso público internacional*” podem levar a interpretações que não estão de acordo com os pressupostos apresentados pelo próprio autor, quando destaca as dificuldades de aprendizagem das “ecologias cognitivas” mais recentes. Ver, Lévy, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

*inscrição do texto na tela cria uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso(...) esses traços indicam uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler*¹². Todo o desenvolvimento da escrita, depois o códex e por fim a imprensa de Guttenberg demonstra de que maneira as novas técnicas incluíam muitas vezes modelos importados da oralidade, primeiramente, e, depois, das tecnologias imediatamente anteriores. Chartier chama atenção para as continuidades presentes ao longo do processo histórico.

O surgimento da escrita e de novas técnicas de registro, fez com que as narrativas e toda uma sabedoria que passava oralmente de geração para geração ganhassem novos suportes, criando um estoque compartilhável de informações (bibliotecas, discotecas, etc.). A Internet se apresenta não apenas como um “estoque” desterritorializado de textos, sons e imagens, mas como um campo de criação de pontos de vista múltiplos sobre este estoque. Como podemos pensar a construção de uma memória social nesse ambiente criado pela rede? O dinamismo e o caráter cooperativo são alguns elementos que devem ser estudados ao tentarmos nos aproximar das memórias sociais construídas em suporte digital. Tais elementos apresentam alguns desafios cruciais para o pesquisador, como por exemplo a velocidade e o excesso de informações.

A rapidez exponencial com que a própria tecnologia tem se desenvolvido gera um desconforto para quem se propõe a estudar determinado aspecto, ou certo conjunto de fontes, e propor uma análise. Além disso, a possibilidade concreta de reelaboração contínua dos materiais disponíveis na rede poderia levar a uma exasperação diante da impossibilidade de investigar um dado objeto. Assim, qualquer estudo que aborde em algum aspecto a internet, deverá dizer respeito a uma dada configuração momentânea, que

¹² Chartier, R. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. Unesp/ Imprensa Oficial, 1999, p.120

pode já estar fora do ar, sem registro algum, e que exigirá do pesquisador um esforço de apreensão deste tipo específico de fontes¹³.

No entanto, as dificuldades colocadas pela rede são, em certo sentido, semelhantes às aquelas encontradas em outros campos de pesquisa. Os desafios colocados para aqueles que trabalham com fontes orais, por exemplo, exigem a adoção de alguns procedimentos distintos daqueles utilizados no trabalho exclusivo com fontes textuais¹⁴. A ilusão de dispor de todas as informações necessárias não parece mais aceita nem mesmo pelos historiadores que têm nos arquivos tradicionais o seu local de pesquisa. Ou seja, o sonho de produzir um saber total sobre determinado objeto já foi há muito tempo abandonado e os deslocamentos de informações ou a própria seletividade encontrada nas fontes foram incorporados como elementos constitutivos da pesquisa, assim como a construção do objeto pelo pesquisador¹⁵. Importa notar que esta humildade do pesquisador não implica necessariamente em uma filiação aos postulados super-relativistas de um certo viés dito pós-moderno. Ou ainda, não significa propor uma desistência de construir um discurso com uma intenção de objetividade a partir de seus instrumentos teórico-metodológicos, a partir de um lugar específico¹⁶.

Retomemos a indagação: como podemos pensar a construção de uma memória social nesse ambiente criado pela rede? Esta dissertação é fruto deste questionamento e se propõe a pensar as transformações e os elementos móveis apresentados por estas novas práticas de escrita e leitura, mas sem deixar de apontar as continuidades. No primeiro capítulo, traçaremos um percurso das investigações sobre a memória, tendo como ponto de partida a obra de Maurice Halbwachs e como ponto de observação privilegiada a

¹³ A necessidade de se buscar ferramentas de pesquisa adequadas mostrou-se, desde início fundamental para o nosso trabalho. Manuseando uma série de endereços de URL relacionados à temática em foco gerou a necessidade de um gerenciamento mais adequado que tornou-se possível com a utilização de um aplicativo chamado Connotea desenvolvido pela revista *Nature* em 2005 com o propósito de auxiliar na indexação de páginas eletrônicas, constituindo um catálogo virtual. Ver, www.connotea.org (acessado em fevereiro de 2006)

¹⁴ Sobre as dificuldades enfrentadas por aqueles que trabalham com a metodologia da História Oral, ver, Joutard, Philippe. *História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

¹⁵ Sobre este tema, ver: Boutry, Philippe. *Certezas e descaminhos da razão histórica* e Revel, Jacques. *História e ciências sociais: uma confrontação instável*. Ambos os artigos encontram-se em Boutier, J. Julia, D. *Passados Recompsto – campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

¹⁶ Ver, Certeau, M. A operação histórica. In: Certeau, M. Op. Cit.

recepção desta obra na historiografia francesa. A proposta deste capítulo é situar historicamente o conceito de memória social e os debates com a disciplina histórica de modo a esclarecer, tanto quanto possível, as conotações destes termos e nossas opções teóricas. No item final do capítulo, abordaremos um ponto de intersecção entre história e memória nos dias atuais: os testemunhos.

No segundo capítulo, mergulharemos nos *bits* que nos rodeiam em uma breve introdução sobre a rede mundial de computadores e o debate sobre a produção do patrimônio digital. Nosso propósito, neste momento, será lançar referências sobre o mundo virtual relacionando-se as principais discussões teóricas em curso. A finalidade deste panorama é tornar possível compreender as principais conexões entre as produções sobre o passado na rede, preparando o terreno para a análise de nosso estudo de caso.

O acervo digital da BBC sobre a Segunda Guerra Mundial será o nosso objeto de estudo no terceiro capítulo deste trabalho. O projeto *People's War*¹⁷ foi criado em novembro de 2003 para ser um depositário dos testemunhos daqueles que viveram durante a Segunda Guerra ou dos que numa segunda geração tiveram contato com as memórias do conflito. O acervo constituído exclusivamente em suporte digital conta hoje com 47 mil relatos, onde estão disponíveis além de textos, fotos e outros documentos históricos. Diferentemente de um arquivo histórico tradicional, este acervo traz uma clara preocupação com a sedução do usuário e constitui-se não apenas de documentos, mas também de material pedagógico e historiográfico. Neste capítulo, será cotejada a história deste projeto e sua relação com a memória social britânica da Segunda Guerra Mundial. As interfaces e as especificidades de um acervo construído via internet serão abordadas através de percursos pelos testemunhos e secções do *site*. O conteúdo será trabalhado de maneira pontual, apenas para dar a ver o que esta plataforma de memórias digitais nos oferece e não como fontes primárias para o estudo sobre a Segunda Guerra Mundial. Focar a elaboração e o enquadramento dos registros do passado a partir deste acervo digital será uma forma de trabalhar alguns instantâneos desta nossa intrincada investigação das memórias e histórias na internet.

¹⁷ Disponível em: www.bbc.com.uk/ww2peopleswar. (acessado em 10 de fevereiro de 2008).

1. ALGUNS PONTOS CARDEAIS NAS RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA, HISTÓRIA E TESTEMUNHO NA CONTEMPORANEIDADE

“A matriz do receptor é um enorme prédio que contém todos os fatos desde a criação do mundo (...) e está ligado a tudo quanto é receptor do país inteiro – e tudo o que você queira saber, ver ou ouvir, é só apertar a tecla e lá está”

(Murray Leinster, 1946)

Este trecho do conto de Leinster está longe de ser profético. Um lugar que contenha todos os fatos do mundo, embora tenha sido freqüentemente imaginado na literatura e expresse um desejo de registro que algumas vezes se manifesta em projetos de memória não parece nada condizente com a nossa realidade histórica. A narrativa fictícia de Leinster remete, porém, a uma perspectiva memorialista ainda presente na contemporaneidade. Neste capítulo, a questão do registro do passado será enfocada a partir das relações entre conceitos fundamentais no campo da memória social e sua relação com a disciplina histórica. Explicando um pouco melhor: nosso objetivo nesta parte é justamente apontar o percurso histórico dos estudos sobre a memória social, identificando as principais inflexões conceituais e esclarecendo nossa posição em um campo onde não é possível enxergar um consenso. Elegemos ainda como ponto de intersecção o lugar dos testemunhos nas tessituras da memória e da história que será abordado no último item deste capítulo.

Neste começo de século XXI, qualquer estudo que se proponha a enveredar no tumultuado campo da memória social há de - em algum momento - mencionar a obra de Maurice Halbwachs. Seja para opor-se a ela ou para reconhecer-se como parte de uma linha investigativa devedora dos estudos inaugurais desenvolvidos pelo sociólogo francês¹. A obrigatória referência aos estudos desenvolvidos por Halbwachs não significa que haja um consenso sobre a nomenclatura ou interpretações, nem mesmo entre aqueles que se dizem

¹ Ver, por exemplo, GONDAR, Jô. “Quatro proposições sobre memória social”. In: Gondar, Jô e Dodebei, Vera. *O que é memória social?* Rio de Janeiro; Contracapa/PPGMS, 2005.(p.11-27)

seus herdeiros .Tratando-se do campo das ciências humanas, sabemos que as polêmicas não se constituem exceções. Assim, diante do emaranhado de vozes que se ouvem sobre a memória é preciso ir contra a tendência de permanecer flutuando entre diferentes matrizes conceituais².

Para o historiador Wulf Kansteiner, a memória é de fato um objeto escorregadio. O autor adverte que aqueles que procuram compreender os fenômenos relacionados com a memória coletiva estão enveredando em um terreno de intersecções, onde não é possível um enfoque apenas das características da memória; onde se mostra relevante uma aproximação indireta. Afirma o autor:

“Memória coletiva não é história, embora seja às vezes constituída do mesmo material. É um fenômeno coletivo, que , no entanto, só se manifesta nas atitudes e declarações dos indivíduos. (...) E só pode ser observada por vias indiretas, mais pelos efeitos do que por suas características”³.

É certo que não poderemos dar conta da totalidade desta dinâmica, pois seria então um projeto por demais enciclopédico e longe das possibilidades atuais de nossos estudos. O que pretendemos é empreender um primeiro esforço no sentido de esboçar alguns pontos cardeais do debate intelectual sobre a memória. A questão que será central na nossa discussão da obra de Halbwachs diz respeito às diferenciações entre memória e história. Em primeiro lugar, pretendemos elucidar de que modo o autor operacionaliza tais categorias na obra *A Memória Coletiva* (1939). A idéia desta primeira parte é sintetizar os principais pontos abordados e as questões daí advindas. Em seguida, pretendemos indicar de que maneira as idéias de Halbwachs se fizeram presentes na historiografia contemporânea. Por

² O estudo realizado por Kervin Lee Klein sobre a utilização da idéia de memória na historiografia contemporânea, explicita a existência de uma confusão conceitual ainda que o nome de Halbwachs se revele como uma referência central. (Klein,2000)

³ Tradução do seguinte trecho: *students of collective memory are indeed pursuing a slippery phenomenon. Collective memory is not history, though it is sometimes made from similar material. It is a collective phenomenon but it only manifests itself in the actions and statements of individuals.(...) And it can only be observed in roundabout ways, more through its effects than its characteristics”*(Kansteiner , 2002:180)

fim, diante das diferentes dimensões que a história passou a ter pretendemos não simplesmente propor o esquecimento de antigas querelas reducionistas, entre a memória e a história, mas sim entendê-las a partir das novas propostas teóricas e metodológicas deste campo de conhecimento. A pergunta que se pode fazer agora é: de que maneira é possível distinguir os usos de tais noções? Sobretudo, interessa-nos indicar alguns eixos que nos permitam mover nestas diferentes dimensões e esboçar alguns pontos de referência.

1.1 Sociedade e memória como noções interdependentes em Halbwachs

Não é possível propor qualquer aproximação com a noção de memória adotada por Halbwachs sem remeter primeiramente à obra *Les Cadres Sociaux de la memoire* (1925). Neste primeiro livro escrito sobre o tema apareceram delineações claras sobre o que seria a sociologia da memória. Quando situamos esta obra entre as produções intelectuais sobre a memória daquele período histórico é que podemos perceber a dimensão criativa e inovadora de Halbwachs. Dialogando com a psicologia, sobretudo Freud, e a filosofia, principalmente Bergson, e construindo uma abordagem alicerçada nos pressupostos da sociologia de Durkheim, esta obra constitui um marco na apreensão da memória a partir de um enfoque social. O pioneirismo de Halbwachs situa-se justamente na criação de uma nova ordem de questões relacionadas à memória, que deixa de ser perscrutada unicamente como um atributo individual⁴.

Na acepção de Halbwachs, só se pode entender os atos de lembrar e esquecer se percebermos suas associações com o todo social. O exemplo de abertura do livro é esclarecedor dos argumentos desenvolvidos pelo autor ao longo da obra. Uma menina está em Paris e não possui lembrança alguma. Ao invés de investigar o caso a partir de uma causa oculta no corpo ou na psique individual da criança, Halbwachs tece toda uma argumentação defendendo a idéia de que o isolamento, dos membros de sua família e de seu grupo, a impediam de ter as lembranças adquiridas socialmente. É a partir dos quadros

⁴ Ver, Hutton, Patrick. *History as an art of memory*. Vermont, University Press, 1993; Santos, Myriam Sepúlveda. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo, Anablume, 2003.

sociais que a memória deve ser investigada. O termo “quadros sociais” era no período bastante utilizado pela crítica literária com o significado de um sistema de referências temporais. Na obra de Halbwachs há uma semelhança semântica, porém a noção é mais ampla. O autor associa quadros sociais a um “sistema de representações” que podem ser sistemas de lógica, de cronologia ou topografia, que antecipam a lembrança fornecendo assim um sistema global de localização do passado no presente.

Nesta obra inaugural, Halbwachs estava, sobretudo, preocupado em estabelecer um panorama de suas concepções sobre a memória, colocando-a no centro de um sistema próprio de interpretação da vida em sociedade. A busca de elementos da memória que propiciam a coesão social e a continuidade da ordem explicita sua filiação à sociologia de Durkheim. Não há neste momento uma preocupação do autor em tecer considerações sobre História, mas é importante destacar primeiramente sua abordagem sobre a memória para que possamos compreender as distinções subseqüentes traçadas por Halbwachs na obra publicada após a sua morte, *A memória coletiva* (1950).

A noção de que o passado é reconstruído pela memória, desenvolvida, principalmente, no terceiro capítulo (*La reconstruction du passé*), é parte fundamental da sua obra. Halbwachs parte de uma situação imaginária de que um indivíduo tivesse em suas mãos um livro de sua infância. A partir desta cena, o autor elabora algumas perguntas: de que modo poderia se perceber aquelas imagens? O que seria lembrado e o que se mostraria perdido na passagem do tempo? Através das imagens do livro seria possível reencontrar lembranças daquele outro tempo? Ou poderia se ter a impressão de estar lendo um outro livro, totalmente novo? A argumentação de Halbwachs procura mostrar que as lembranças de cada indivíduo não podem permanecer completas e a seletividade daquilo que pode ser revisto estaria relacionada à identidade do indivíduo⁵, que reconstrói a sua percepção do passado sob uma forte pressão social ([1925]1994:111). Desta maneira, aquilo que um dado indivíduo poderia lembrar ao folhear as páginas do livro não pode ser explicado pelas contingências individuais. A seguinte citação esclarece este ponto a que estamos nos referindo:

⁵ Halbwachs afirma: “de chaque époque de notre vie, nous gardons quelques souvenirs, sans cesse reproduits, et à travers lesquels se perpetue, comme par l’effet d’une filiation continue, le sentiment de notre identité”. Ver: Halbwachs, Maurice. *Les cadres Sociaux de la mémoire*, Paris, Editions de Minuit, 1994[1925].

“A sociedade obriga a nós homens, de tempos em tempos, não somente a reproduzirmos mentalmente os acontecimentos anteriores de nossas vidas, mas também a retocá-los, a completá-los ou suprimi-los, de modo que, convencidos, apesar desta operação, que nossas lembranças são exatas, nós lhes emprestamos um prestígio que não possuem na realidade.”

““ La société oblige les hommes, de temps en temps, non seulement à reproduire en pensée les événements antérieurs de leur vie, mais encore à les retoucher, à en retrancher, à les compléter, de façon à ce que, convaincus cependant que nos souvenirs sont exacts, nous leur communiquions un prestige que ne possédait pas la réalité”⁶.

As pesquisas posteriores sobre a memória musical e a memória do cristianismo, esta desenvolvida a partir de imagens da Terra Santa, procuraram demonstrar de que forma o modelo de análise previsto em *Les Cadres* poderia ser utilizado. Os dois trabalhos permanecem como referências e o segundo indica uma preocupação do autor pela perspectiva histórica no entendimento dos quadros sociais da memória. De acordo com Patrick Hutton⁷, a obra de Halbwachs sobre a Terra Santa tornou-se uma referência importante para o desenvolvimento de uma historiografia da memória, principalmente por propor uma aproximação histórica com a memória do cristianismo partindo do tempo presente.

Interessa-nos agora compreender como as noções sobre a memória foram desenvolvidas na obra *A memória coletiva*. Neste livro, Halbwachs retoma as preocupações quanto à institucionalização social da memória, mais uma vez tratando-a como dado objetivo da realidade social. Vários exemplos são citados na obra com o intuito de reafirmar algumas posições já indicadas em *Les Cadres* ([1925]1990) e explicitar suas teses de que a memória é constituída por imagens, esquemas do passado, aos quais não temos acesso. Os indivíduos não recordam sozinhos. As lembranças são frutos destes

⁶ Idem, p.113.

⁷ Hutton, P. Op. Cit, p.85.

esquemas ou quadros socialmente adquiridos. Halbwachs refuta as idéias de que haja criação e inspiração no rememorar; para o autor o que existe é uma complexa combinação de variados “quadros” adquiridos socialmente no percurso do indivíduo. Como explicar então as diferenças individuais? Embora esta não seja de modo algum a pergunta do sociólogo, ele indica apenas que as diferenças seriam fruto do acaso. (1968:20-25)⁸.

Halbwachs sublinha em sua argumentação o caráter plural da memória, o que a diferenciaria da história: *há com efeito muitas memórias coletivas. É a segunda característica pela qual elas se distinguem da história. A história é uma e podemos dizer que não há senão uma história*⁹.

A história para Halbwachs é a história das nações; é a história tradicional, factual e teleológica. Estranho é notar que o sociólogo francês integrou o grupo de colaboradores da Revista *Annales*, dirigida por Marc Bloch e Lucien Febvre, na Universidade de Stratsbourg. Os dois historiadores franceses desenvolveram uma série de pesquisas que colocaram em xeque o *status quo* historicista, ampliando os objetos de estudo da história. Toda uma renovação da historiografia contemporânea começou a ser gestada ali e ficaria conhecida como a Escola dos Annales. Mesmo assim, a noção de história que Halbwachs utiliza para se contrapor às definições de memória é bastante restrita, referindo-se, portanto, a uma determinada historiografia hegemônica até a década de 1920. Uma pergunta então pode ser feita: quais seriam os motivos para que Halbwachs trabalhasse com um conceito ultrapassado de História, já que não havia um desconhecimento do assunto? A hipótese de Patrick Hutton é a de que Halbwachs, assim como Durkheim, acreditava que a sociologia deveria deter uma supremacia no campo das ciências humanas¹⁰. Outra possibilidade que pode ser colocada seria a de que o autor se refere aquilo que em seu tempo, de uma maneira geral, era entendido como História, era ensinado nas escolas e circulava fora dos meios de vanguarda acadêmica. Mas, independentemente das motivações do autor importa sublinhar

⁸ Neste livro de Halbwachs há muito pouco espaço dedicado a problematizações desta ordem. A postulação de noções positivas sobre a memória deve-se não somente a influência de Durkheim, mas também à necessidade de institucionalização de um novo campo de conhecimento, que inicialmente necessita afirmar-se frente aos outros campos de saber.

⁹ Halbwachs, M.. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista do Tribunais, 1990 [1950], p.85.

¹⁰ Hutton, P. Op. Cit., p.76.

neste momento qual era o conceito de história utilizado por Halbwachs para construir suas comparações.

Para Halbwachs a *história, que se coloca fora dos grupos e acima deles, não vacila em introduzir na corrente dos fatos divisões simples e cujo lugar está fixado de uma vez por todas. Ela obedece assim fazendo somente a uma necessidade didática de esquematização*¹¹. A História é o lugar também onde se destacam os indivíduos e não os grupos como no caso da memória. Mais uma vez, percebemos que o autor está se referindo a uma história dos heróis, dos manuais escolares da época e de uma parte da academia francesa que ainda seguia a cartilha de Seignobos e os pressupostos factualistas de Leopold Van Ranke. O contrário desta história seria no pensamento de Halbwachs a dimensão da memória coletiva onde *o grupo é visto de dentro. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas*¹². Essa imagem unificadora, quase redentora da memória, em oposição à história é desenvolvida ao longo desta parte do livro. E, como trataremos a seguir, esta dicotomia gerou todo um debate entre as fronteiras da memória e da história.

1.2 Halbwachs e a historiografia

De que modo os historiadores se apropriaram da obra de Halbwachs? As posições críticas de Halbwachs e, de algum modo, em descompasso com o que estava sendo produzido pelos *Annales*, tornaram-se um impedimento para que seu modelo teórico sobre a memória coletiva fosse amplamente utilizado pelos historiadores? Em primeiro lugar, é importante notar que no debate sobre o tema da memória os historiadores chegaram relativamente tarde. Só na década de 1960 é que os estudos sobre o tema ampliaram-se de

¹¹ Halbwachs, M.. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista do Tribunais, 1990 [1950], p.82.

¹² Idem, p.88.

fato na historiografia francesa e, então, a partir da década seguinte a obra do sociólogo passaria a ocupar um papel de destaque¹³.

Muito embora Maurice Halbwachs tenha sido colega de Marc Bloch e Lucien Febvre, como já dissemos, a primeira geração da Escola dos *Annales* não se utilizou de modo sistemático das noções sobre a memória coletiva desenvolvidas pelo sociólogo. Marc Bloch, em *Os reis Taumaturgos* utiliza o conceito de “representações coletivas do passado”, remetendo diretamente a Durkheim, quando aborda fenômenos que poderiam ser descritos, em alguns momentos, no vocabulário de Halbwachs, como uma *memória coletiva* do ritual do toque dos reis para cura da pele dos súditos que se estendeu da Idade Média até o século XVII. Já Febvre introduz em seus escritos da década de 1930 o termo “instrumental intelectual”, para se referir a um sistema de representações coletivas de determinado período histórico. Porém, o termo não obteve boa aceitação entre os historiadores¹⁴. Desse modo, embora os historiadores estivessem começando a investigar os rituais, as complicadas relações envolvidas na perpetuação de uma dada tradição, não houve de imediato uma larga utilização da obra de Halbwachs.

Para tentar entender estas relações, vamos fazer um parêntese sobre o universo intelectual francês¹⁵. A difusão da sociologia fundada por Durkheim não se desenrolou sem resistências no meio universitário, onde desde a Terceira República os historiadores exerciam uma hegemonia. O saber erudito produzido pelos historiadores profissionais era visto como alicerce fundamental para construção da nação francesa. A Sociologia, diferentemente, ainda era no início do século XX um campo de conhecimento minoritário, que propunha uma unificação da produção das ciências do homem a partir do método elaborado por Durkheim. A Escola dos *Annales*, beneficiou-se do estatuto que a disciplina

¹³ As pesquisas consultadas, que fizeram um primeiro mapeamento sobre os estudos da memória na historiografia, sobretudo a obra de Patrick Hutton (1993), estão centradas no cenário francês, dada inclusive a importância desta historiografia e sua ressonância nos meios acadêmicos brasileiros. Porém, cabe a ressalva de que o tema da tradição, desenvolvido por autores ingleses e alemães, discutia questões que se aproximavam dos temas trabalhados pelos estudos da memória coletiva. Um estudo comparativo sobre esses debates e as nomenclaturas específicas de cada período também seria bastante interessante, mas não é nosso objetivo neste momento.

¹⁴ Ver, Burke, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989) – A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP. P.132-133.

¹⁵ Uma referência importante sobre o tema é: REVEL, Jacques. (1998.) *História e ciências sociais: uma confrontação instável*. In: JULIA, Dominique. BOUTIER, Jean. *Passados recompostos – campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV/Editoras UFRJ.

histórica já possuía e ainda que não postulasse nenhum método unificador e resguardasse a singularidade de abordagens individuais, conquistou espaços importantes e influenciou várias gerações de pesquisadores¹⁶.

A sociologia emergente e a Escola do Annales não ocupavam necessariamente posições antagônicas no meio universitário francês, mas ao mesmo tempo não houve de início um diálogo profícuo, no sentido de viabilizar o que hoje talvez nomeássemos como transdisciplinaridade. A obra de Halbwachs permaneceu algumas décadas distante da prática historiográfica francesa e, por conseguinte, de boa parte da historiografia¹⁷.

O primeiro historiador a apropriar-se da obra do sociólogo francês foi Philippe Ariès, em *O homem diante da morte* (1977). A obra tornou-se uma referência e foi um ponto de partida para o desenvolvimento de estudos sobre a história da memória¹⁸. Mas, certamente foram os estudos de Pierre Nora, na década de 1970, que chamaram atenção para o legado de Halbwachs e a importância da obra do sociólogo.

O trabalho de Pierre Nora reuniu um conjunto de investigadores que se propuseram a inventariar as tradições nacionais francesas. A coleção *Lugares de memória* é fruto de uma empreitada coletiva, que influenciou muitos outros estudos sobre a memória e a identidade nacionais. A idéia perseguida por Nora, de buscar uma certa topografia nas representações coletivas do passado nacional, está diretamente associada às teses de Halbwachs. Ao analisar o seguinte trecho da obra de Halbwachs reconhecemos esta relação de modo claro: “É porque a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança

¹⁶ O grupo dos Annales exerceu o domínio na VI Seção da École Pratique des Hautes Études, fundada por Lucien Febvre e depois chefiada por Fernand Braudel. Depois a VI Seção tornou-se a École des Hautes Études en Sciences Sociales e foi durante muito tempo dirigida por historiadores. Hoje a instituição procura proporcionar pesquisas interdisciplinares e continua a ser uma referência nas ciências humanas. A página da EHESS fornece dados importantes sobre sua história e sobre as pesquisas em curso. Ver, <http://www.ehess.fr/html/html/26.html> (acessado em 10 de julho de 2007).

¹⁷ Sobre a relevância da historiografia francesa no Brasil, ver: Ferreira, Marieta de Moraes (2000). . *Les professeurs français et l'enseignement de l'histoire à Rio de Janeiro pendant les années 1930*. In: François Crouzet; Philippe Bonnichon; Denis Rolland. (Org.). Pour l'histoire du Brésil - Mélanges offerts à K. de Queirós Mattoso. 1 ed. Paris, v. 1, p. 123-140.

¹⁸ Na década de 1970 a chamada “história das mentalidades”, ou a terceira geração dos Annales, procurou incorporar mais objetos de estudo à disciplina histórica. Um dos principais representantes da Nova História, como também ficou conhecida esta geração de historiadores, é Jacques Le Goff que escreveria anos mais tarde vários estudos sobre a memória e sua relação com a História.

subsiste é inútil fixá-la pura e simplesmente”¹⁹. Ao reler esta passagem percebemos de que maneira a obra de Pierre Nora é parte de uma linhagem analítica fundada a partir de Halbwachs. Isto inclui não somente a própria delimitação de uma ordem de problemas relacionados à memória, mas também a forma de tratá-los. Em *Lugares de memória*, Nora trabalha com a idéia de que tais lugares foram criados socialmente quando a memória do grupo já não era capaz de propiciar a perpetuação daquele passado através da oralidade. É interessante perceber como idéias importantes da obra de Halbwachs foram desenvolvidas por Nora e renovadas ou complexificadas, em muitos aspectos, a partir da pesquisa empírica realizada pelos historiadores envolvidos na obra.

Na década de 1980, as discussões sobre a memória coletiva começaram a integrar não apenas os debates acadêmicos, mas também as discussões em diversas esferas da sociedade. Desde então, a memória é uma das poucas áreas das ciências humanas onde parece haver uma convergência entre uma demanda social por estudos e uma preocupação intelectual relevante. Nesta atmosfera de embates da memória, desencadeada também pela divulgação de obras memorialistas, testemunhos do trágico século XX, os historiadores procuram distinguir o termo “memória coletiva” da história produzida profissionalmente. A necessidade de explicitar as especificidades da história acadêmica, produzida a partir de um rigor teórico e metodológico, levou algumas vezes a um debate por demais simplista que, apenas, desqualificava a memória e colocava a história como detentora da verdade sobre o passado.

A historiografia atual não mais se propõe a reiterar a idéia de que a memória é o falso em oposição à história e sua veracidade absoluta. Até porque, a própria disciplina histórica, como as ciências humanas em geral, vem se repensando continuamente, com a dissolução de antigos paradigmas explicativos e ausência de consenso teórico. Ao mesmo tempo, as antíteses apresentadas por Halbwachs não podem ser reeditadas, uma vez que os estudos recentes produzidos no campo da disciplina histórica não se encaixam nas concepções expressas pelo autor há mais de cinquenta anos.

Os verbetes já clássicos do historiador francês Jacques Le Goff na Enciclopédia Einaudi (1996) procuram estabelecer as diferenças, mas não reduz os termos memória e

¹⁹ Halbwachs, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista do Tribunais, 1990 [1950], p.80.

história a simples antíteses. Le Goff, aborda a memória sobretudo como um objeto de estudo da história e elabora uma profissão de fé do ofício do historiador. Em tempos de relativismo geral é possível compreender tais posições do historiador francês. Porém, permanecer num debate que objetive meramente a delimitação de fronteiras não nos parece mais válido²⁰.

Aliás, esta seria uma questão já ultrapassada nos debates atuais. Henry Rousso afirma que hoje já não faz mais sentido opor de um lado a produção historiográfica e de outro as diversas reconstruções feitas pelos indivíduos e grupos sobre o passado²¹. Os estudos de história da memória rompem com esta oposição. O esquecimento e a seletividade são enfocados como atributos não necessariamente pejorativos e as operações da memória passaram a ser objeto de estudo da disciplina histórica.

Ainda assim, não se pode falar que não existam indefinições. Em um balanço recente sobre a emergência da memória no discurso histórico, Kervin Lee Klein aponta que embora a obra de Halbwachs seja amplamente citada na historiografia recente sobre a memória, há também uma vasta prática de indicar nos prefácios e introduções as especificidades da abordagem, que são bastante variáveis. Klein aponta que muitas vezes a construção conceitual apresentada de início não corresponde à utilização dos termos ao longo das obras, o que indica para o autor que existe ainda muitas sutilezas no discurso histórico com relação à memória e, ainda, poucas certezas²².

A produção historiográfica sobre a memória tem se ampliado ao longo do anos. A memória tem deixado de ser apenas um objeto. A emergência da história do tempo presente como um campo de saber em pleno desenvolvimento, haja vista o número de trabalhos publicados, sobretudo na França, indica também como os historiadores passaram a confrontar as suas versões com a memória de eventos recentes. Numa sociedade cada vez mais perpassada por redes de comunicação de massa, as comemorações passaram a ser locais de disputas de versões sobre o passado. Mas, ao contrário do que se poderia concluir apressadamente, tais embates nem sempre colocam de um lado os historiadores e de outro,

²⁰ Le Goff, J. *Memória*. Verbete Enciclopédia Einaudi. Campinas: Editora Unicamp, 1998.

²¹ Rousso, Henry. *Les dilemmes d'une mémoire européenne, 2004*. Disponível em: <http://www.ihtp.cnrs.fr/pdf/HR-memeurop.pdf> (acessado em 15 de julho de 2007).

²² Klein, K. L. *On the emergency of memory in historical discourse*. Representations. N. 69. Special Issue: Grounds for remembering. Winter, 2000 (p. 127-150)

os memorialistas. Há para cada caso arranjos entre os dois pólos, negociações, que devem ser entendidas nas suas singularidades.

No que se refere à obra de Halbwachs, podemos dizer que como discurso fundador ela ainda exerce uma centralidade neste campo de conhecimento. Mas é importante notar, que mesmo herdeiros como Michael Pollack utilizam a obra do sociólogo com ressalvas. A questão dos silenciamentos e dos conflitos é fundamental para Pollack e sua obra não aplica o modelo de Halbwachs a determinadas conjunturas, mas toma o modelo como ponto de partida. De acordo com Pollack, esta seria uma perspectiva construtivista sobre a memória, pois: *não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade*²³. Este é um dos recortes fundamentais para as investigações históricas atuais: ou seja, como a memória social é construída? A partir desta questão estudos de casos em períodos específicos tem ajudado a compreender os mecanismos de elaboração da memória. A sociologia da memória, tal qual proposta pelo discípulo de Durkheim, certamente não poderá responder a todas as interrogações do nosso tempo. Porém, a partir dos caminhos trilhados por Halbwachs, e seus seguidores, podemos dizer que é ainda possível identificar os principais pontos de partida das investigações contemporâneas.

Ao abordar de que forma a sociologia da memória de Halbwachs foi apropriada pela historiografia francesa, procuramos evidenciar as diferentes ordens de questões que envolvem a recepção de uma obra intelectual. O debate de idéias insere-se num dado contexto universitário e ao identificar as diferenciações contidas nas definições de memória e de história em Halbwachs procuramos fazer um exercício de historicizar a discussão. Um exercício importante que consideramos importante para discernir as possibilidades teóricas que estão em jogo nos dias atuais. Isto porque, mais de meio século depois, o mundo já passou por muitas transformações, mas a forma de perceber, retratar ou arquivar o passado coletivo ainda é uma questão em pauta. Na atualidade os testemunhos do passado constituem-se em um lugar onde se tecem intersecções significativas entre os estudos sobre

²³ Ver, por exemplo: Pollack, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989. p. 03.

a memória social, a historiografia e os debates contemporâneos. No próximo item trataremos destas intersecções cientes de que compreendê-las será fundamental para a nossa abordagem, no terceiro capítulo, do projeto do acervo digital da BBC onde os testemunhos desempenham um papel central.

1.3 Memórias e Histórias contemporâneas: o lugar dos testemunhos

Construir uma narrativa sobre o que aconteceu é uma forma tradicional de recordar o passado. O testemunho é uma peça chave na construção do saber histórico desde os seus primórdios na Grécia Clássica. A memória oral também se constitui não apenas de mitos, mas também de testemunhos. No século XIX o papel da fonte escrita, do documento oficial, tomou o lugar do testemunho, porém os eventos traumáticos do século XX trouxeram de volta à cena social e historiográfica a valorização do testemunho. O destaque tem sido tão grande a ponto de inspirar muitos estudos sobre o tema, como o recente livro da pesquisadora argentina Beatriz Sarlo, *Tempo Passado- cultura da memória e guinada subjetiva*. Um dos propósitos do livro é justamente criticar a ampla utilização do testemunho nas últimas décadas do século passado. A autora *reage não aos usos jurídicos e morais do testemunho, mas a seus outros usos públicos. Analisa a transformação do testemunho em um ícone da Verdade ou no recurso mais importante para a reconstituição do passado.*²⁴ Muito embora Sarlo admita o valor central que o testemunho ocupou nos movimentos sociais de redemocratização da América Latina, a sua preocupação central neste estudo recente é demonstrar que o excesso de valor atribuído aos relatos pessoais traz consequências prejudiciais ao conhecimento crítico do passado. Dito de outra maneira, as práticas testemunhais baseadas no “dever de memória” teriam extrapolado uma dimensão aceitável. Para entender esta crítica e sua relação com os estudos de memória é fundamental nos perguntarmos sobre a historicidade da noção “dever de memória”.

Na França, a construção da noção de “dever de memória” tem sido alvo de vários estudos. De acordo com Olivier Lalieu este termo emergiu depois de 1954 vinculado ao

²⁴ Sarlo, Beatriz. *Tempo Passado – cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo, Cia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.(p.19)

movimento associativo dos deportados da Segunda Guerra Mundial. Foi só a partir da década de 1980, em meio a um movimento de divulgação do genocídio judaico, que seu escopo semântico ficou diretamente relacionado ao Holocausto²⁵. Mas, a ampla divulgação deste termo está associada segundo Lalieu a edição de uma obra póstuma de Primo Levi, em 1945, que recebeu justamente o título de “Dever de Memória”²⁶. A partir de então, o termo passou a ter um amplo uso político e social²⁷.

O historiador Tzvetan Todorov também elaborou uma análise crítica sobre as vicissitudes do “dever de memória” nas sociedades ocidentais. A premissa de recordar um evento traumático com vistas a evitar uma reincidência em crimes humanitários é válida, mas traz algumas implicações que devem ser abordadas. De acordo com Todorov a exacerbação do “dever de memória” pode levar a duas formas de se relacionar com o passado: sacralizando-o ou banalizando-o. No primeiro caso o grupo passa a ter na memória de um determinado evento o eixo central de sua identidade e, assim, a memória sacralizada torna-se intocável. No segundo caso, o evento traumático passa a ser utilizado para ser a chave de compreensão de qualquer evento no presente perdendo as especificidades históricas. Isto é o que teria acontecido com as memórias do holocausto que passaram a ser utilizadas como chave de compreensão para eventos como o massacre de Srebrenica na Bósnia, em 1995²⁸. A banalização da memória do holocausto pode limitar o nosso acesso ao presente e suas especificidades. Tanto a banalização como a sacralização são formas de acessar o passado que podem levar facilmente à propagação de rótulos como

²⁵ Na Inglaterra, a memória nacional oficial da II Guerra Mundial ficou associada a um bloco de super-valorização da ação do povo inglês durante o conflito. Os sacrifícios durante a guerra, vistos do presente, em geral se apresentam como heróicos e realizados por um conjunto coeso e homogêneo, o povo inglês. Esta versão sofreu muitas críticas e reformulações ao longo das últimas décadas como veremos no último capítulo deste trabalho.

²⁶ Ver, Lalieu, Olivier. *L'invention du "devoir de mémoire"*. Vingtième Siècle revue d'Histoire. N.69. Janvier-Mars.2001.p.83-95.

²⁷ Um panorama bastante completo da noção de “dever de memória” na França contemporânea pode ser encontrado em Heymann, Luciana. *O "devoir de mémoire" na França contemporânea : entre a memória, história, legislação e direitos*. Rio de Janeiro: CPDOC,2006. 27f.Texto apresentado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas no III Seminário Pronex "Cidadania e direitos".Rio de Janeiro, 27-29, nov.2006

²⁸ Ver, Todorov, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem – indagações sobre o século XX*. São Paulo, Arx, 2002. (p. 280-8).

os de herói ou vítima, daí a necessidade de não se ficar restrito apenas ao registro de testemunhos.

No bojo destas discussões sobre a memória e os projetos testemunhais, a historiadora Marieta de Moraes Ferreira propõe que os instrumentos próprios da disciplina histórica podem propiciar *uma mudança de perspectiva do dever de memória para o trabalho com a memória*²⁹. Escapar dos julgamentos reducionistas sobre os usos dos testemunhos nas sociedades contemporâneas é uma aposta que deve ser feita e o estudo de alguns projetos recentes empreendida pela autora demonstra a plausibilidade deste argumento. Isto não significa porém esquecer as tensões próprias deste terreno onde se entrecruzam visões do passado e diferentes instrumentos de registro e análise. Uma questão apontada, por exemplo, diz respeito a relação entre a academia e as produções voltadas para o grande público.

Debates entre historiadores e jornalistas não são originários da era da internet. Importa, porém, no âmbito deste trabalho nos perguntamos como neste momento de tecnologias da informação cada vez mais enredantes estes dois pólos se relacionam, ou seja, quais debates estão na ordem do dia. Não se pode negar que *blogs, sites* e tudo o mais que puder ser consultado em uma tela de computador com acesso à rede mundial de computadores vêm gerando uma grande polêmica entre amadores e profissionais. O amadorismo na cultura contemporânea vem sendo criticado por autores como Andrew Keen que enxergam nele um risco de tudo se transformar em uma caótica miscelânea³⁰. O outro lado desta questão é que práticas colaboracionistas vêm emergindo e os parâmetros até então válidos de direito autoral estão sendo postos em xeque. No campo da construção de saber sobre o passado há também um grande afluxo de historiadores não-profissionais e também uma extensa produção de autobiografias *online*. Testemunhos e memórias *online*

²⁹ Ferreira, Marieta de Moraes. Oralidade e projetos testemunhais. In: Lopes, Antonio Herculano et all (Orgs.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, v. 1, p. 195-203.

³⁰ Keen, Andrew. *The cult of amateur – how today's internet is killing our culture*. New York : Doubleday/Currency, 2007. Primeiro capítulo do livro disponível em: http://revistaepocanegocios.globo.com/rev_eletronica/cult_of_the_amateur/ (acessada em outubro de 2007) . Para uma entrevista com o autor o *blog* Jornalismo Digital, ver: <http://jornalismodigital2007.blogspot.com/2007/09/entrevista-com-andrew-keen.html> (acessado em novembro de 2007)

tornaram-se comuns e há uma infinidade de páginas sobre cidades, monumentos, eventos históricos e sobre a própria história da internet.

Não se pode negar que em geral as narrativas históricas produzidas para o grande público possuem algumas características distintas daquelas produzidas utilizando o arsenal metodológico da disciplina histórica. O passado que circula em grande escala é formatado em fórmulas explicativas, muitas delas de caráter teleológico, que garantem coerência e sentido aos vestígios. Em tais narrativas o testemunho desempenha um papel central e fornece, muitas vezes, um eixo explicativo. Assim, frente às necessidades prementes do presente (políticas, morais ou afetivas) a construção histórica não acadêmica produz versões nem sempre cotejadas com fontes diversas ou escrutinadas à luz de teorias sobre o passado. Nas palavras de Beatriz Sarlo:

“A modalidade não acadêmica (...) escuta os sentidos do presente comuns do presente, atende às crenças de seu público e orienta-se em função delas. Isto não a torna pura e simplesmente falsa, mas ligada ao imaginário social contemporâneo, cujas pressões ela recebe e aceita mais como vantagem do que como limite. (...) Ao contrário da boa história acadêmica, não oferecem um sistema de hipóteses, mas certezas”³¹.

Cabe perguntar se ainda possível pensar em dois campos totalmente separados, o profissional e o amador. As produções ditas memorialísticas procuram, cada vez mais, a consultoria de algum historiador para avaliar as suas versões. Mesmo as telenovelas de época fazem propaganda da equipe de pesquisadores que possibilitaram a reconstituição histórica empreendidas nestas obras ficcionais. Isto demonstra um movimento de interações, embora na maioria das vezes bastante conflituosas. Interessa-nos tentar perceber de que maneira a emergência da internet trouxe novos elementos a este já intrincado cenário. As produções híbridas nos convidam a pensar sobre as conexões, mas isto não significa que não há diferenciações que devem ser perscrutadas. Um exemplo deste tipo de interação é o crescimento da chamada *Public History*, nos Estados Unidos, que diz respeito a um fazer

³¹ Sarlo, B. Op. Cit. P.14-5.

histórico aplicado aos meios de comunicação de massa, como a internet. Para pensar sobre a emergência de um campo disciplinar com departamentos e pós-graduação voltado para divulgação do conhecimento histórico ao grande público é inevitável lembrarmos das discussões sobre a sociedade da informação, brevemente mencionadas na introdução e que serão retomadas no próximo capítulo. Afinal, qual seria a diferença entre a disciplina histórica e a chamada *Public History*?

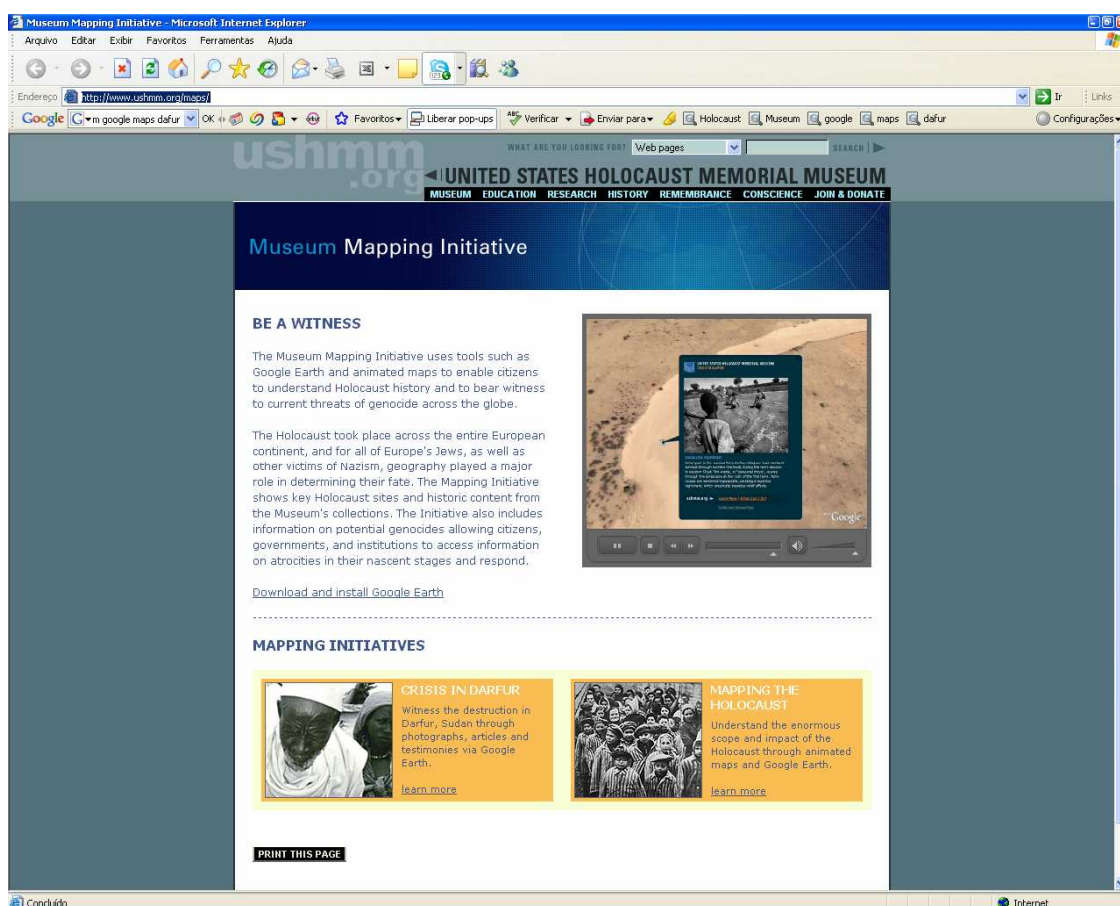
Há uma ampla discussão sobre a definição deste campo de saber. Ao longo de 2007 o *National Council on Public History* liderou uma discussão pública para tentar definir se se tratava de uma disciplina, de uma metodologia, de uma abordagem ou de um movimento. A instituição, que ocupa uma posição central neste campo, publicou os debates ocorridos em uma lista de discussão online e, afinal, optou pela seguinte definição:

“Over the years as the field has evolved there have been numerous definitions of public history. Recently the NCPH Board of Directors described public history as “a movement, methodology, and approach that promotes the collaborative study and practice of history; its practitioners embrace a mission to make their special insights accessible and useful to the public.”

Public history also can be described as the conceptualization and practice of historical activities with one’s audience foremost in mind. Public history generally takes place in settings beyond the traditional classroom. Its practitioners often see themselves as mediators on the one hand between the academic practice of history and non-academics and on the other between the various interests in society that seek to create historical understanding. Public history practitioners include museum professionals, government and business historians, historical consultants, archivists, teachers, cultural resource managers, curators, film and media producers, policy advisors, oral historians, professors and students with public history interests, and many others.”³²

³² Disponível em: <http://www.ncph.org/WhatisPublicHistory/tabid/282/Default.aspx> (acessado em 20 de outubro de 2007).

A opção pela categoria movimento implica em uma defesa por ativismo social entre aqueles que partilham as práticas de produção do saber histórico voltado para o público. E o universo de atuação destes historiadores só tem aumentado ao longo dos anos. Se antes a maioria dedicava-se à programação de exposições em museus e centros culturais, hoje dadas às possibilidades tecnológicas há uma variedade de produções tais como: *podcasts*, *websites*, exposições virtuais e até criação de conteúdo para ser acessado via telefone móvel em algumas cidades norte-americanas. É quase impossível mapear a vastidão de usos que são dados ao conhecimento do passado. Há iniciativas realmente relevantes como a aplicação do Google Earth para marcar os principais pontos geográficos dos recentes conflitos em Darfur, realizadas pelo Museu do Holocausto³³.




³³ Disponível em: <http://www.ushmm.org/maps/> (acessado em 25 de outubro de 2007)


O projeto, que utiliza imagens de satélites do Google, também coloca os testemunhos dos trágicos eventos no continente africano como uma peça chave na narrativa visual e textual disponível na internet. Na tela acima, o título *be a witness* remete não apenas aos testemunhos como fonte, mas sobretudo dirige-se ao leitor-navegador. Acessar tais páginas é também tornar-se uma testemunha virtual dos fatos, ou pelos menos este é um dos objetivos do projeto institucional. Retomamos aqui a discussão sobre o testemunho iniciada neste item relacionando-a com as atividades de um campo profissional.

Outro projeto que vale a pena ser mencionado é um arquivo digital sobre os atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001. *September 11th Digital Archive* é uma iniciativa realizada em parceria com a Universidade George Mason (Center for History and New Media), o Museu de História Americana (da Fundação Smithsonian) e a Biblioteca do Congresso dos EUA. O projeto integra material informativo, como cronologias, testemunhos deixados *online*, fotografias e imagens em movimento. É um projeto testemunhal desenvolvido pela academia e por instituições de grande legitimidade nos EUA³⁴.

³⁴ Ver, <http://911digitalarchive.org/> (acessado em 15 de outubro de 2007).


THE SEPTEMBER 11 DIGITAL ARCHIVE
 SAVING THE HISTORIES OF SEPTEMBER 11, 2001

[HOME](#) | [BROWSE](#) | [RESEARCH](#) | [CONTRIBUTE](#) | [SPECIAL COLLECTIONS](#) | [9/11 FAQs](#) | [9/11 LINKS](#)



This is a beta version of a new design for the September 11 Digital Archive. **We welcome your comments on the new look.**

[Click here](#) to view the previous version of the website.

The September 11 Digital Archive uses electronic media to collect, preserve, and present the history of September 11, 2001 and its aftermath. The Archive contains more than 150,000 digital items, a tally that includes more than 40,000 emails and other electronic communications, more than 40,000 first-hand stories, and more than 15,000 digital images. In September 2003, the Library of Congress accepted the Archive into its collections, an event that both ensured the Archive's long-term preservation and marked the library's first major digital acquisition.

Browse: Explore the collection for stories, images, emails, documents, sounds, and videos of September 11

Research: Search, sort, and examine the entire collection

Contribute: Tell your story, add your email, and upload images, documents, and other digital files to the Archive

[HOME](#) | [ABOUT](#) | [PARTNERS](#) | [STAFF](#) | [CONTACT US](#)

Copyright © 1996–2007, Center for History and New Media and American Social History Project/Center for Media and Learning.

Muito embora não seja nosso objetivo analisar tais projetos detidamente, identificar a sua existência é importante para que possamos situar o arquivo digital *People's War* criado pela BBC, tema do nosso terceiro capítulo. Além de fornecer um panorama mais amplo do que tem sido produzido na internet, essas menções indicam um percurso de pesquisa onde a navegação em *sites* semelhantes teve um papel importante na identificação de questões e possibilitou uma comparação das interfaces. Nesta perspectiva não podemos deixar de mencionar o *blog Found History* do historiador norte-americano Tom Scheinfeldt que se propõe a fazer uma crônica das iniciativas de produção historiográfica não-profissionais; ao mesmo tempo em que disponibiliza *podcasts* sobre suas atividades acadêmicas desenvolvidas na Universidade George Mason³⁵. No *site* encontramos uma profusão de projetos e iniciativas que mereceriam ser citados em qualquer cartografia sobre este campo de intersecção da história profissional e o público amador. Para os fins do nosso trabalho, importa reter o papel chave desempenhado pelo testemunho em tais projetos.

³⁵ Ver: <http://www.foundhistory.org/> (acessado em 10 de novembro de 2007).

Neste início do século XXI temos a possibilidade de consultar, através de cabos submarinos de fibra ótica, na tela do nosso computador uma quantidade imensa de testemunhos e, ainda, a possibilidade de participar destes atos de registro do passado. O testemunho é também uma peça central na produção historiográfica recente, como nos afirma Henry Rousso: *o testemunho colhido a posteriori, por sua própria natureza, é uma das características da história do tempo presente. Ele leva à criação de uma fonte singular na medida em que é destinada desde o início seja a formar um arquivo, no sentido de conservar – eis aqui a memória de tal indivíduo ou de tal grupo -, seja a alimentar uma pesquisa específica.*³⁶ Ao mesmo tempo, o testemunho é um elemento-chave na construção das memórias sociais como nos mostra tão claramente a crítica de Beatriz Sarlo ao seu uso exagerado como evidência.

Seguindo as pistas dos trabalhos de Jonathan Crary gostaríamos de finalizar este capítulo afirmando que nos parece uma via interessante pensar essas discussões de caráter conceitual relacionando-as com uma *ecologia cognitiva*, para usar os termos de Levy, própria da nossa era da informática. Explicando melhor: parece-nos que a emergência de discursos acadêmicos, como a *Public History*, não pode ser compreendida sem que se elabore uma reflexão sobre as tecnologias da informação. Por ora, indicamos algumas referências centrais de nossa pesquisa e as relações que pensamos poder evocar. No próximo capítulo, teremos como eixo articulador justamente as novas tecnologias da informação, especialmente a internet, para que possamos avançar nas nossas reflexões.

³⁶ Rousso, Henry. O arquivo ou indício de uma falta. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n.17, 1996, p.2.

2. INTERNET, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO: TECENDO ALGUMAS CONEXÕES

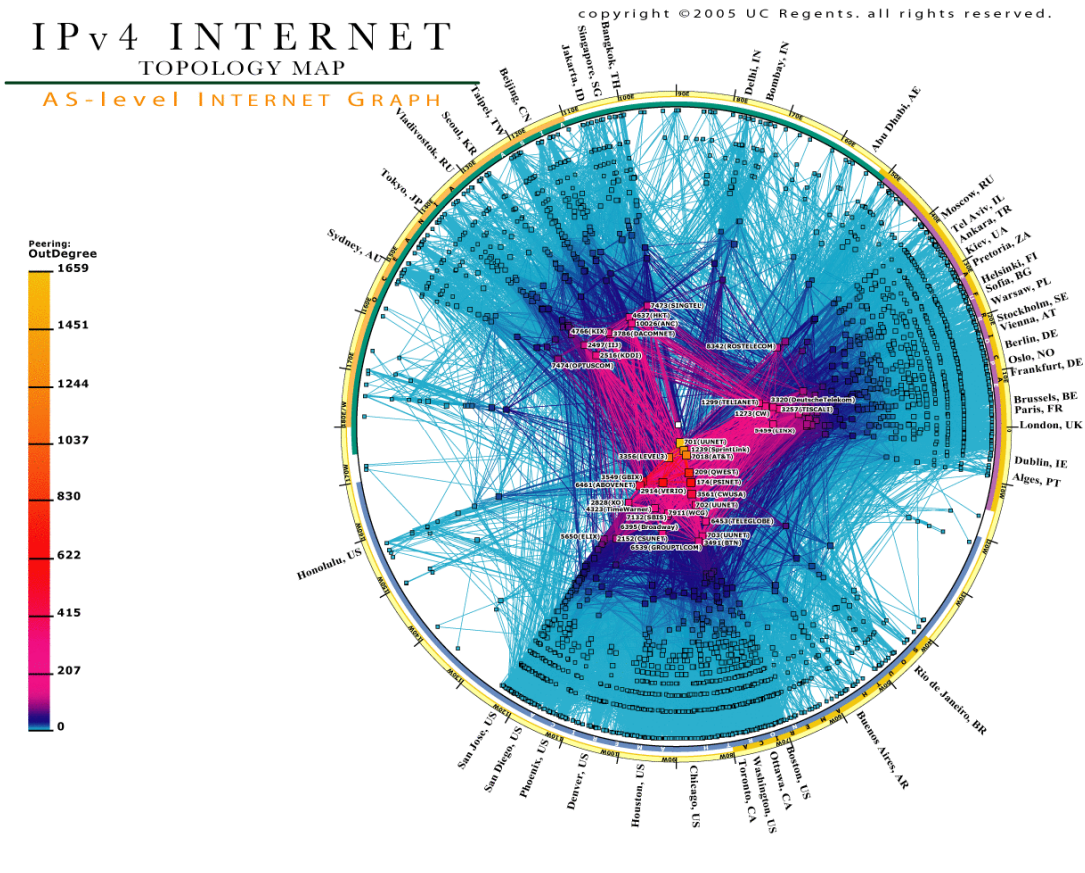
Este capítulo pretende explorar um pouco as relações entre a rede mundial de computadores e o campo da memória, da história e das ações de caráter patrimonial. Ou seja, nesta parte do trabalho é nosso objetivo indicar os imbricamentos entre as novas tecnologias e algumas percepções, ações e análises sobre o passado. Para tanto, nos propomos primeiramente a tratar da própria rede, suas conformações atuais e também traçar um breve percurso histórico entre os esboços da Arpanet e a atual malha de fibra ótica que nos cerca. Em seguida, faremos um esforço de elucidar algumas investidas dos historiadores no universo virtual e, sobretudo, indicar as principais discussões em pauta. No último item, procuraremos mapear as principais discussões relativas à construção do patrimônio digital, enfocando as iniciativas já realizadas e os desafios implicados na preservação dos conteúdos fluidos desta gigantesca rede.

2.1. As redes do presente

(...)se parece com um receptor de imagens antigo, só que tem teclas (...) que a gente aperta para obter o que quer. (...) Você aperta 'o telefone de Sally Hancock' e o quadro se põe a piscar, a estalar, e você entra em comunicação com a casa dela e se alguém atender você obtém uma ligação audiovisual. Mas, além disso se você quiser saber a previsão do tempo ou quem ganhou hoje a corrida em Hialeah ou qual foi a mulher que dividiu com o presidente Garfield a administração da Casa Branca durante aquele período de governo ou o que é que a firma de fulano ou beltrano está liquidando hoje, isso também aparece no vídeo. (...) É conveniente à beça. Também faz operações de matemática para você, funciona como guarda-livros, farmacêutico, físico, astrônomo, vidente e, de quebra, como 'consultório sentimental'. (Murray Leinster)

A descrição acima foi escrita em 1946, quando os computadores ocupavam salas enormes e eram de propriedade de governos ou de grandes empresas. Na época, a existência de computadores domésticos interconectados a uma rede mundial era tema apenas de ficção científica. O conto de Murray Leinster foi um dos poucos que antecipou com tamanha precisão alguns usos da internet e a existência de um cotidiano

completamente articulado a esta rede. Em “Uma lógica chamada Joe”, o escritor norte-americano apresenta um cenário mundial onde todo lar é habitado por uma “lógica” que seria justamente o que hoje chamamos de computador doméstico. Nesse mundo imaginário uma destas máquinas decide resolver todos os problemas dos seres humanos e com isso começa a provocar mais dificuldades do que se poderia imaginar. Ao contar as peripécias da máquina chamada Joe e das tentativas do protagonista para desligá-la, Leinster antecipa algumas práticas hoje inseridas no cotidiano, como, por exemplo, a consulta à previsão do tempo na rede mundial de computadores. Porém, nem tudo que é mencionado tornou-se simplesmente parte da nossa realidade virtual. Aliás, pouco ainda sabemos das configurações que estão se constituindo neste momento. O que se pode apontar, sem dúvidas, é a importância que a rede vem adquirindo não apenas no cotidiano das sociedades ocidentais, mas também como ferramenta da pesquisa científica e da produção cultural.



A imagem acima é uma visualização do ciberespaço realizada por um grupo de pesquisa da Universidade da Califórnia³⁷, que contou com o desenvolvimento de uma tecnologia específica para o mapeamento das conexões na rede mundial de computadores. Este mapa é fruto de uma pesquisa realizada entre quatro e 17 de abril de 2005 com uma amostragem de 926.201 endereços (IP) e mais de dois milhões de *links* rastreados. Esta visualização procura mostrar as relações geográficas das conexões, apontando por exemplo uma maior relação entre a América do Norte e a Europa e a Ásia do que entre estes dois últimos continentes. Certamente, trata-se de um resultado inicial que revela a busca por uma linguagem visual para expressar um espaço ainda difícil de ser definido através de um vocabulário geográfico já estabelecido³⁸. Mais do que fornecer informações, esta imagem parece nos dizer o quanto esta rede visitada, ampliada e compartilhada neste planeta ainda é pouco conhecida. Quais são os principais nós da rede? Que instrumentos podem ser utilizados para mensurar um espaço que é fluido? Que sinais visuais podem ser utilizados para descrever os fenômenos típicos do mundo virtual? Estas são algumas das interrogações que podemos nos fazer ao olhar este mapa. Não é nosso objetivo nesta parte enveredarmos na complexidade filosófica sobre a rede³⁹, mas torna-se relevante estabelecer alguns pontos de referência para o desenvolvimento do nosso estudo.

Pesquisas recentes sobre as tecnologias da informação estão longe de repetir os diagnósticos apressados expressos em reportagens de uma década atrás, que apontavam para uma ruptura geral com todos os modos de vida anteriores à internet. O sociólogo Manuel Castells, autor de uma trilogia de fôlego sobre as sociedades contemporâneas, afirma na sua obra mais recente “A Galáxia da Internet”, que *a velocidade da transformação tornou difícil para a pesquisa acadêmica acompanhar o ritmo da mudança com um suprimento adequado de estudos empíricos sobre a economia e sociedade*

³⁷Cooperative Association for Internet Data Analysis (CAIDA) do San Diego Supercomputer Center. A imagem está disponível em: http://www.cybergeography.org/atlas/caida_AS_Network_large.gif (acessado em 5 dezembro de 2005).

³⁸ Sobre outras formas de visualização do ambiente virtual ver o Atlas do Ciberespaço, em: <http://www.cybergeography.org/> (acessado em 8 de janeiro de 2006).

³⁹ Ver sobre estas questões: Kastrup, Virginia. *A rede : uma figura empírica da ontologia do presente*. In: Parente, André. (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre, Sulina, 2004 (p.80-91).

*baseadas na internet. Tirando proveito desse vácuo relativo de investigação, a ideologia e a boataria permearam a compreensão dessa dimensão fundamental das nossas vidas*⁴⁰. Hoje, se ainda não podemos afirmar a existência de um vasto conhecimento sobre a internet, já é possível indicar algumas direções a partir de pesquisas realizadas, que não ratificam os alardes utópicos nem tampouco as visões exageradamente pessimistas.

Se hoje podemos conceber uma “galáxia da internet” é preciso notar que talvez ela esteja ainda numa órbita do universo de Guttenberg. Para Robert Darnton, o futuro previsto por Marshall MacLuhan não se realizou. A internet, a televisão e outras mídias que nos bombardeiam de informações o tempo todo não levaram à extinção o mundo da escrita. Esta é uma perspectiva convergente com a maioria dos estudos recentes sobre a internet. Não se pode, portanto, falar em uma autonomia do mundo digital frente à escrita, ou seja, trata-se de tentar mapear as novas configurações sem, no entanto, partir do princípio de que uma nova tecnologia implique necessariamente na supressão das tecnologias anteriores⁴¹.

O livro de Castells apresenta um panorama do estado de conhecimento atual sobre o que o autor denomina de “*sociedade da informação*” ou “*sociedade em rede*”, trazendo importantes referências para um melhor mapeamento deste território. Os dados selecionados por Castells são fundamentais para se ter a dimensão do alcance do novo meio de comunicação. Desde os tempos já mitificados do Vale do Silício até os dias atuais, o crescimento vertiginoso do número de usuários correspondeu simultaneamente a uma distribuição geograficamente desigual. Em 2000, dentre 2.500 cidades selecionadas para analisar a localização dos domínios na internet, as cinco primeiras, reunindo 1% da população mundial, abrigavam 20,4% dos domínios. As 500 primeiras cidades, por sua vez, com 12,4% da população mundial, representavam 70% dos domínios da internet. Estes dados mostram a proporção da chamada “exclusão digital”. Neste mundo de economia

⁴⁰ Castells, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

⁴¹ Robert Darnton expressa, com uma certa ironia, sua posição no seguinte trecho: *The electronic age did not drive the printed word into extinction, as McLuhan prophesied in 1962. His vision of a new mental universe held together by post-printing technology now looks dated. If it fired imaginations thirty years ago, it does not provide a map for the millenium that we are about to enter. The ‘Guttenberg Galaxy’ still exists and ‘typographic man is still reading his way around it.* Ver, Darnton, R. *The new age of the book* The New York Review of the Book, vol. 46, n.5, 1999. Disponível em www.nybooks.com/articles/546 (acessado em 6 de dezembro de 2005)

global, estar desconectado não representa apenas uma perda tecnológica, porque a internet vem se tornando uma “*forma organizacional que distribui informação, poder, geração de conhecimento e capacidade de interconexão em todas as esferas de conhecimento*”⁴².

A rede mundial de computadores adquiriu proporções gigantescas nas últimas décadas numa velocidade vertiginosa. As implicações de um avanço tecnológico, tão significativo quanto desigual, têm preocupado não apenas os pesquisadores acadêmicos. O tema do relatório anual da Unesco de 2005 – onde são expressas as propostas de atuação do órgão internacional - foi justamente a sociedade da informação⁴³. Neste documento, pode-se encontrar dados importantes sobre a expansão digital. A porcentagem da população mundial que tem acesso à internet é de apenas 11%, de acordo com o documento. Deste contingente, 90% são habitantes dos países mais industrializados da Europa (30%), da Ásia (30%) e da América do Norte (30%). Uma idéia central do relatório é que a desigualdade tecnológica acaba ampliando as desigualdades econômicas e sociais do mundo, daí a necessidade de se desenvolver políticas contra a desigualdade digital. Aliás, é justo lembrar a existência de um ativismo em prol do livre acesso às tecnologias e à informação. Não apenas os primeiros criadores e usuários da rede eram inspirados em uma utopia libertária. Ao longo das últimas décadas é possível verificar alguns movimentos neste sentido como as comunidades virtuais contra a desigualdade digital⁴⁴, os grupos que defendem a suspensão do direito autoral das obras de arte⁴⁵ e o surgimento do sistema operacional Linux criado por Linus Torvalds, então um universitário finlandês, e desenvolvido através da cooperação via internet⁴⁶.

⁴² Castells, M. Op. Cit. (p.220)

⁴³ Ver: <http://www.unesco.org/publications> (acessado em 5 de janeiro de 2006).

⁴⁴ Ver, por exemplo o caso do Digital Divide Network que congrega membros de mais de 50 países e disponibiliza blogs, lista de discussão e interação entre aqueles que estão engajados neste projeto político. Ver, <http://www.digitaldividenetwork.org/> (acessado em 5 de janeiro de 2006).

⁴⁵ Há uma ampla discussão sobre os direitos autorais, a livre circulação da informação e o domínio público das obras digitais. No website do Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT) encontram-se disponíveis documentos sobre o tema. Ver, <http://www.ibict.br/> (acessado em 6 de janeiro de 2006). Além disso o portal da Unesco possui informes sobre a o Programa de Informação para Todos e foruns de discussão sobre o tema. Ver, http://www.unesco.org.br/areas/ci/ci_programas/mostra_pasta (acessado em 6 de janeiro de 2006).

⁴⁶ Há um verbete sobre Linus na Wikipédia, a enciclopédia eletrônica elaborada por usuários da internet e de livre-acesso que recentemente passou por um teste de qualidade da Revista Nature e ficou na mesma posição da Barsa. Ver, <http://en.wikipedia.org/wiki/Linux#History> (acessado em 6 de janeiro de 2006).

Quando o tema é a rede mundial de computadores parece fácil deixar-se enredar por reducionismos que apresentam a rede ora como a grande ferramenta de democratização da informação, ora como a vilã de uma suposta organização super controladora e devoradora de outras mídias. Briggs e Burke afirmam que:

“não é possível nessa altura de sua história concluir que, pela facilidade de acesso e pela transformação a ‘partir de baixo’, ela desempenhará um papel renovador a longo prazo. Alguns críticos até temem que a internet mine todas as formas de autoridade, afete negativamente o comportamento e ameace a segurança individual e coletiva. Alguns especialistas em estudos de mídia, por conseguinte, tem posto em evidência de modo correto o que chamam de ‘debates de mídia’. Eles englobam temas específicos e processos a longo prazo que trazem novos dados e perspectivas”⁴⁷.

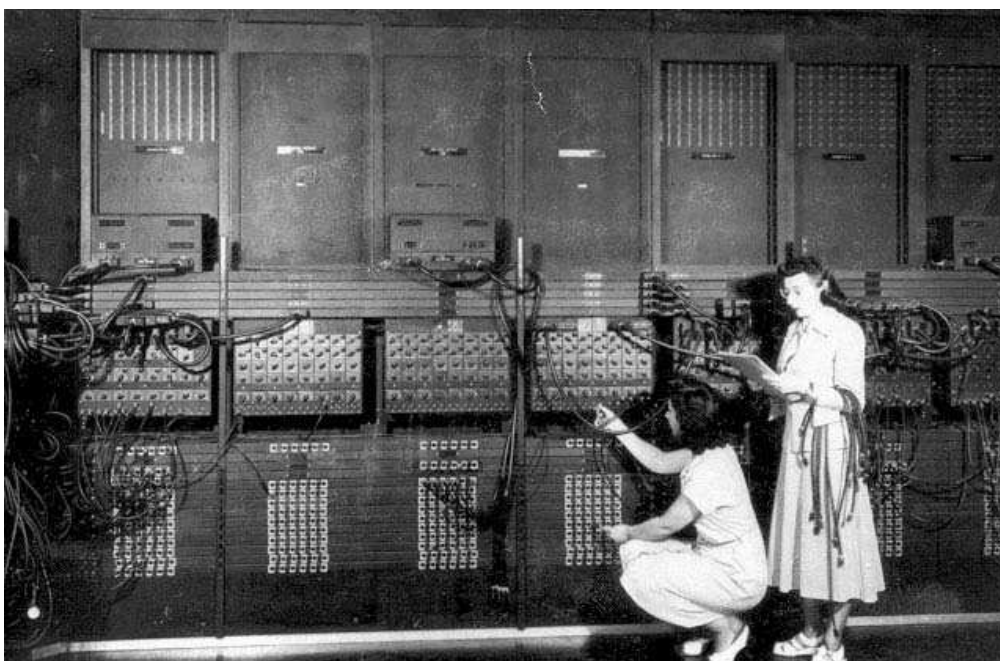
A apreciação de alguns dados sobre este universo das redes de informação não tem por objetivo conduzir a um levantamento detalhado sobre o tema, nem tampouco fornecer uma análise conclusiva sobre as tendências ainda em curso. Ao abordar algumas facetas deste mundo digital, pensamos poder evocar referências importantes para a compreensão da nossa problemática. No tópico seguinte nos aproximaremos de outros aspectos desta rede através de alguns importantes marcos temporais.

2.1.2 Uma brevíssima história da internet

As imagens abaixo nos fornecem duas referências básicas sobre o início da internet. A primeira mostra o supercomputador Eniac sendo programado por duas funcionárias e nos dá a dimensão do caminho percorrido até chegarmos ao lançamento do mais recente laptop

⁴⁷ Briggs, Asa e Burke, Peter. *Uma história social da mídia – de Guttenbergh à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.14.

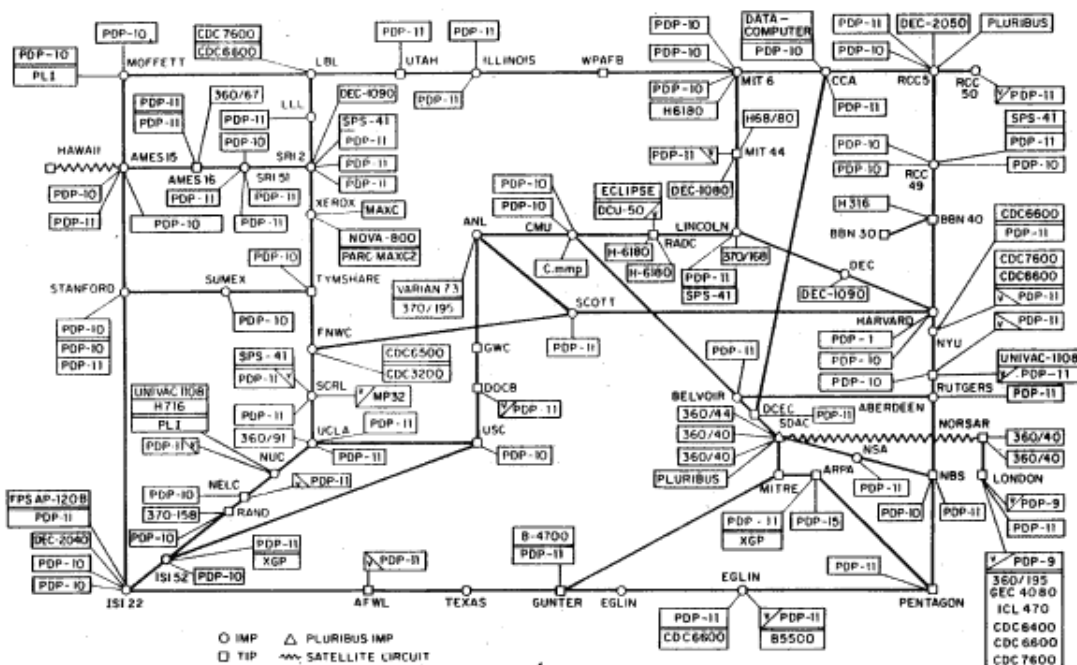
(pequeno, portátil e super veloz). A segunda imagem nos fornece um indicativo não apenas do desenvolvimento concreto de transístores e *hardwares*, mas da dimensão criativa de uma rede de conexões. Tais imagens foram escolhidas como pontos de partida destas duas dimensões fundamentais do que hoje chamamos rede mundial de computadores ou , simplesmente, internet. Pensar historicamente esta rede é pensar nas implicações entre as inovações técnicas e os diversos fatores que propiciaram uma veloz escalada de processos antes restritos ao ambiente militar, depois acadêmico, culminando com a sua utilização comercial e ampla massificação dos computadores e do acesso à internet.



Supercomputador Eniac.

<http://histoire.info.online.fr/eniac.html> (acessado em 8 de agosto de 2007)

ARPANET LOGICAL MAP, MARCH 1977



(PLEASE NOTE THAT WHILE THIS MAP SHOWS THE MOST POPULATION OF THE NETWORK ACCORDING TO THE BEST INFORMATION OBTAINABLE, NO CLAIM CAN BE MADE FOR ITS ACCURACY)
 NAMES SHOWN ARE IMP NAMES, NOT (NECESSARILY) HOST NAMES

Esquema da Arpanet em março de 1977.

Disponível em: http://www.cybergeography.org/atlas/caida_AS_Network_large.gif (acessado em 8 de agosto de 2007)

Até o início da década de 1990, a internet não existia para além de uns poucos estudos técnicos que mencionavam a possibilidade de uma rede aberta e planetária. Entre setembro de 1993 e março de 1994 aconteceu o grande salto que possibilitou a gradativa ampliação da rede fechada entre as universidades a partir dos primeiros provedores, que permitiram a ligação de usuários fora da rede acadêmica.

Em menos de meio século os computadores tornaram-se um objeto de uso doméstico com dimensões cada vez mais reduzidas. Do super-computador Eniac (Electronic Numerator Integrator and Computer) desenvolvido pela Universidade da Pensilvânia, entre 1942 e 1946, até as primeiras estações de trabalho de uso doméstico houve um rápido avanço movido primeiramente pelos esforços da Segunda Guerra Mundial, em seguida por conta da guerra fria e , posteriormente, por razões de mercado. Na década de 1970, os

computadores deixaram de ser vistos como máquinas de calcular velozes e passaram a adquirir cada vez mais funções. O desenvolvimento tecnológico ocorreu atrelado a contingências governamentais e mercadológicas. Nos EUA, a corrida espacial fornecia um mercado que incentivava o aparecimento de vários empreendedores, muito embora o papel da IBM tenha sido central até pelo menos a década de 1980. A Europa e o Japão acompanharam este processo e suas invenções técnicas propiciaram saltos no desenvolvimento dos computadores, como por exemplo a produção de um televisor com transístores pela Sony que foi um dos pontos cruciais no percurso que nos leva até os monitores LCD.

O computador ganhou novas funções e tornou mais rápidas determinadas tarefas e levou algumas décadas para substituir por completo as máquinas de escrever em todos os escritórios do mundo. Isto já se anunciava lá pelos idos de 1960 quando Joseph Licklider, psicólogo do MIT, escreveu os clássicos artigos “*Man-computer symbiosis*”⁴⁸ e “*Libraries of the future*” abordando dois eixos de questões, explícitos nos títulos, que se tornariam centrais nas décadas seguintes⁴⁹. Licklider trabalhou no laboratório da Xerox em Palo Alto de onde saíram muitas inovações importantes e foi um dos pioneiros que participou da organização da Arpanet, a ancestral da Internet criada sob os auspícios do Departamento de Defesa dos EUA, em 1968-69. Esta rede conectava as principais universidades do país com instituições governamentais e pela primeira vez instituiu uma arquitetura de sistema capaz de permitir uma circulação da informação sem uma base central. Em 1975, a Arpanet contava com 2.500 usuários. Desde então, no seio da própria Arpanet desenvolveu-se uma série de práticas essenciais até os nossos dias. A troca de mensagens eletrônicas com o sinal @ nos endereços, assim como a instituição de domínios *com* (para comercial), *mil* (militar) e *e* (educação) foram criações advindas da Arpanet.

No início da década de 1980, o interesse comercial na rede já se fazia presente através da atuação de provedores de acesso que faziam a conexão de pessoas físicas com a rede. Os primeiros provedores foram o grupo Time-Warner e a American Online, que em

⁴⁸ No *site* da Universidade de Stanford pode-se encontrar este artigo em pdf : <http://sloan.stanford.edu/mousesite/Secondary/Licklider.pdf>. (acessado em 20 de agosto de 2007).

⁴⁹ Briggs, A e Burke, P., Op. Cit. P.278-9.

1993 já contavam com um total de 3,5 milhões de assinantes. Os usos comerciais e ampliação da rede fizeram surgir uma série de dispositivos novos, mas não resta dúvidas que o principal deles foi mesmo uma criação vinda da Europa, no CERN, um laboratório suíço de pesquisa de física de partículas onde o inglês Tim Berners-Lee deu os passos iniciais para a criação da World Wide Web. Isto é, a possibilidade de troca mútua e irrestrita de conteúdo entre computadores sem pertencimento a uma rede fechada, bem como a criação de protocolos e linguagens comuns foram a base para o que hoje já integra o nosso cotidiano.

A possibilidade de clicar em *hyperlinks* nas páginas dos documentos e saltar para outras páginas foi um dos procedimentos centrais pensados por Berners-Lee e a equipe do CERN e implementados com a estruturação de uma linguagem específica para web a HTML (*Hypertext Markup Language*). Além disso, a criação de uma forma de identificar as máquinas através de um protocolo, primeiramente o URL (*Uniform Resource Locator*) e depois o HTTP (*Hypertext Transfer Protocol*) foram desenvolvimentos anteriores que tornaram a Web possível⁵⁰. Vale aqui a ressalva, de que mais ou menos ao mesmo tempo um pesquisador do MIT, Vannevar Bush fez anotações similares sobre um possível sistema chamado de Memex, porém não houve o mesmo impacto das propostas e criações de Berners-Lee que chegou a ser chamado de pai da Web⁵¹. Isto nos lembra que a história da internet

O desenvolvimento do navegador Netscape, em 1995, possibilitou a utilização da rede por pessoas não familiarizadas com as linguagens da informática. Este navegador surgiu a partir de uma sociedade entre Marc Andressen, pesquisador do Centro Nacional de Supercomputação Aplicada (NCSA) da Universidade de Illinois e criador do Mosaico, e Jim Clark, fundador da [Silicon Graphics](#). A Netscape Communications dominou rapidamente o mercado e seu navegador desempenhou papel central na escalada da rede mundial de computadores. Tal avanço despertou, porém, uma ofensiva da Microsoft que passou a distribuir gratuitamente o Internet Explorer e incluí-lo em um pacote de seu sistema

⁵⁰ Ver, documento do The World Wide Web Consortium (W3C), consórcio criado em 1994 com o objetivo de padronizar a emergente World Wide Web (<http://www.w3.org/WWW/> : acessado em agosto de 2007).

⁵¹ Briggs, A e Burke, P., Op. Cit. P.303.

operacional em 1998. A Netscape acusou a Microsoft de práticas monopolistas e entrou com uma ação antitruste na justiça norteamericana. A empresa foi vendida para American Online que deixou de comercializar o Netscape, disponibilizando as linhas de programação e criando projeto Mozilla, um navegador de livre acesso. O processo na justiça foi longo e apenas em 2003 chegou-se a uma compensação monetária para a empresa⁵². Assim, dos primórdios do Mosaico (a primeira interface de navegação), depois Netscape, chegaríamos ao reino da supremacia questionável, mas inegável, do Internet Explorer da Microsoft.

Na segunda metade da década de 1990, houve uma grande expansão da internet nos EUA quando o uso do correio eletrônico passou a ser a principal ferramenta de comunicação entre os usuários da rede. Depois disso, a associação entre novos softwares e novos empreendimentos comerciais capitaneados pelas empresas de telefonia fizeram com que o número de usuários da rede fosse crescendo em grande velocidade. Mais que isso: a rede ganhou recursos e passou a ser povoada agora não mais apenas com dispositivos militares ou por centros acadêmicos: o comércio, a imprensa, a pornografia, o entretenimento e tudo o mais que nos rodeia passou a buscar o seu lugar na gigante rede mundial.

Para acessar a internet, além do navegador, tornou-se fundamental o papel das ferramentas de busca. Como achar a informação necessária? A primeira experiência de ferramenta de busca foi o Archie, um programa criado por Alan Emtage da Universidade Mc Gill, em Montreal. Resumidamente o Archie constituía-se em uma base de dados de arquivos disponíveis na web, indexados pela equipe. A revolução na ferramenta de busca aconteceu quando, em 1996, os estudantes de pós-graduação da Universidade de Stanford, Lary Page e Sergy Brin iniciaram um projeto de pesquisa sobre a relação matemática de links na internet. Uma versão de teste foi colocada online pela primeira vez em 1997 e obteve uma rápida repercussão no meio acadêmico e depois entre os usuários da internet como um todo. A diferença desta ferramenta estava em dois processos que o diferenciavam dos mecanismos já existentes como o Yahoo e o Excite. O primeiro deles era um tipo de

⁵² Sobre a história da Netscape, ver: Castañer, Xavier. *Competing on Internet Time: Lessons from Netscape and Its Battle with Microsoft*. Universidade de Minnesota, 2000. Disponível em: <http://webpages.csom.umn.edu/smo/smrc/REV32.pdf>. (acessado em 10 de fevereiro de 2008)

busca através de robôs chamados de *spiders* que buscavam na rede uma quantidade grande de informação e indexavam automaticamente termos e links. A segunda diferença estava em um algoritmo criado pelos estudantes que permitia uma hierarquização dos resultados a partir do número de *links* externos a um certo site. O Google Rank criou uma maneira de buscar informação que ia além da busca por palavras. Por isso ao buscar determinado termo você pode encontrar uma página que não contenha o mesmo, mas que foi vinculada por conta das citações de outros sites relativos ao dado termo⁵³. Em 2006, o verbo “to google” foi adicionado ao dicionário Webster da língua inglesa, significando uma forma de buscar informação na internet⁵⁴. O Google inaugurou uma nova era no acesso a informações e nas formas de utilização cotidiana das páginas disponíveis na rede mundial de computadores.

Hoje, estamos na era da Web 2.0, um conceito que reforça a interatividade das produções em rede através de dispositivos como os “marcadores sociais” (*social bookmarks*) como o **del.icio.us** que possibilitam a troca de percursos de navegação e troca de conteúdos entre os usuários. As ferramentas de redes sociais como Orkut, Facebook ou Second Life ganharam imensas proporções mundiais. A tecnologia vem se desenvolvendo em grande velocidade e os usos destas plataformas vêm se modificando: do e-mail ao Skype imagens em movimento em tempo real , a comunicação interpessoal através da internet tem avançado em múltiplas direções. Nestas plataformas mundiais com Orkut e Skype o número de usuários brasileiros vêm crescendo rapidamente. A seguir abriremos um parêntese para contar um pouco da história da rede em território nacional.

O Brasil não está distante destas novas configurações do ciberespaço. A página do Globo online, para citar apenas um exemplo, já conta com tais dispositivos de compartilhamento de informações utilizando esses recursos⁵⁵.

⁵³ Isso possibilitou o recente movimento chamado de Google Bombing, quando internautas constroem links falsos que geram um resultado estranho devido a este algoritmo. Nos EUA o mais famoso foi a associação de Bush com “failure”. Se você digitasse a palavra “failure” o Google carregava um apágina com a biografia do presidente dos EUA. No Brasil, o mais recentes foi o google bombing associado à política: ao digitar “vergonha nacional” aparece como primeiro resultado a página do Senado Federal.

⁵⁴ Sobre a história das ferramentas de busca, ver: <http://www.searchenginehistory.com/> (acessado em 15 de fevereiro de 2008)

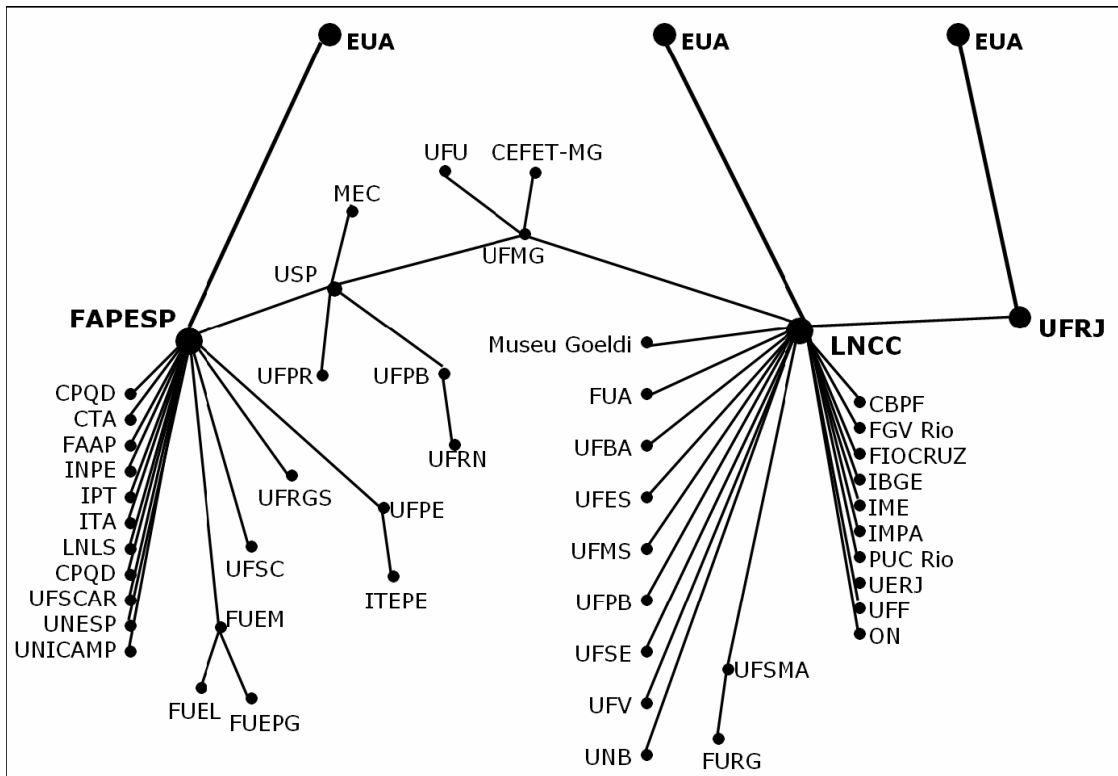
⁵⁵ Em especial a seção Eu-repórter do Globo online , além das caixas de comentários nas matérias e os marcadores disponíveis. www.oglobo.com.br (acessado em outubro de 2007).

A criação da primeira rede de transmissão de dados do Brasil ocorreu em 1980. A Transdata já vinha sendo testada desde 1976 entre Rio e São Paulo e constituía-se em um sistema implementado pela estatal Embratel, com comunicação de ponto a ponto da rede e um funcionamento baseado no pagamento de aluguel de cada terminal. A primeira rede de compartilhamento de informação e troca de mensagens eletrônicas foi criada pela Embratel em 1982. Era um projeto piloto, chamado de Ciranda e restrito aos funcionários da empresa, que colocou *“microcomputadores compartilhados para acesso em seus escritórios e financiou a aquisição de microcomputadores Prológica CP-500 (e modems) para os funcionários participantes instalarem-nos em suas casas. O computador central era um COBRA 530 capaz de atender a 300 usuários simultâneos. Participaram desse projeto cerca de 2.100 funcionários distribuídos por mais de cem cidades, constituindo assim a primeira comunidade teleinformatizada do país”*⁵⁶. Ao mesmo tempo, as universidades começavam a dar os primeiros passos para a criação de redes acadêmicas.

A Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC) juntamente com a USP, Embratel e Telebrás, desenvolveu a REDEPUC também em 1982. A chegada da BITNET trouxe grandes avanços para a constituição de uma rede de usuários e, ao mesmo tempo possibilitou um contato direto com os EUA. A BITNET (também conhecida pela frase em inglês *Because It's Time Network*) era uma rede de ponto-a-ponto que inicialmente ligou a Universidade de Nova York à Universidade de Yale, criada em 1981 pelos pesquisadores Ira Fuchs e Greydon Freeman. Os objetivos da BITNET eram estritamente acadêmicos e eram aceitos apenas instituições sem fins lucrativos. *“O Brasil terminou a década de 80 com três ilhas distintas de acesso à BITNET, cuja comunicação entre si ocorria somente através da rede internacional. Apesar da aparente falta de otimização, esse modelo serviu para disseminar a cultura e o conhecimento sobre as redes internacionais de comunicação de dados”*⁵⁷. A figura abaixo é um esquema do funcionamento da BITNET no Brasil em 1991.

⁵⁶ Ver, Carvalho, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. *A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança*. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, 2006, p.84.

⁵⁷ Carvalho, MSRM. Op. Cit, p.87.



Fonte: STANTON, 1998. Apud: Carvalho, op. Cit.,p.108

Ainda no último ano da década de 1980 o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) criou o primeiro serviço de internet do Brasil com conexões entre as Organizações Não-Governamentais e serviços de e-mail. Em 1989, quarenta entidades participavam da rede do Ibase, a Alternex⁵⁸. Em 1991, foi criada uma rede acadêmica entre Rio e São Paulo através da FAPESP, fundação que ficou responsável pelo registro de

⁵⁸ Sobre o pioneirismo do Ibase, ver o site da instituição:
<http://www.ibase.org.br/modules.php?name=Conteudo&pid=1210> (acessado em agosto de 2007)

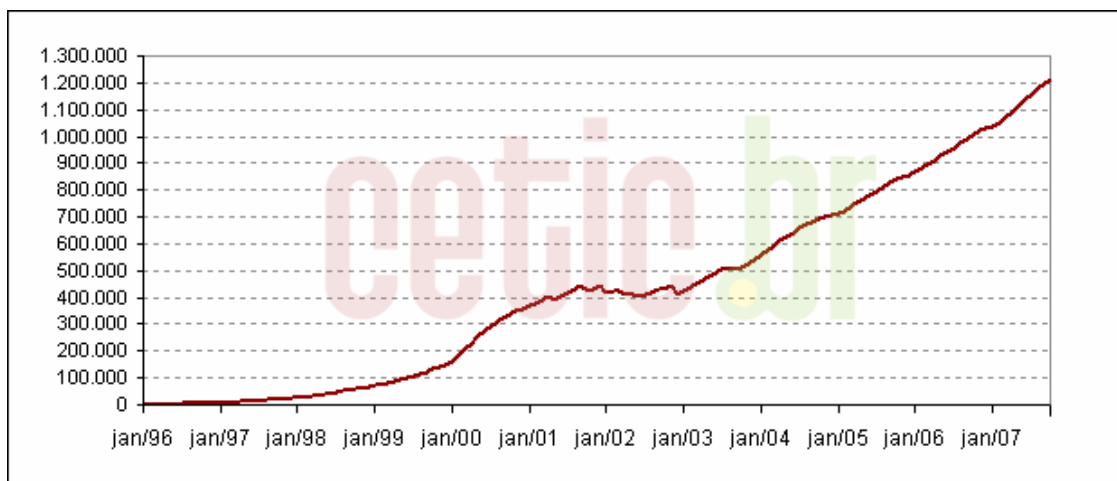
domínios no Brasil até 2005⁵⁹. Embora distante dos principais centros de desenvolvimento tecnológico a trajetória da expansão tecnológica no país foi também espetacular. Em 1998, apesar do avanço nos principais centros urbanos, o Brasil ainda estava bastante distante do desenvolvimento da rede se comparado aos países de maior produto interno bruto do mundo, ocupando o 18º lugar no número de *hosts(servidores)* Em menos de 10 anos o número de *hosts* saltou de 117.200 para mais de oito milhões em julho de 2007, passando a ocupar a nona posição no ranking mundial (na frente de países como Canadá e Inglaterra) e a primeira posição na América do Sul⁶⁰.

Em relação ao número de usuários da internet, os números também são surpreendentes. Em 2000, o Brasil possuía aproximadamente cinco milhões de usuários, com utilização de internet no domicílio. Em julho de 2007 éramos aproximadamente vinte milhões de internautas. A evolução do número de domínios (.br) é outro indicativo do crescimento da internet brasileira. O gráfico abaixo apresenta o vertiginoso aumento dos sites brasileiros desde o início dos registros até 2007 quando chegamos a mais de um milhão de *sites*.

GRÁFICO DA EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE DOMÍNIOS .br

⁵⁹ Até 2005 a FAPESP foi a responsável pelo registro de domínios e IPs(protocolos da internet) no Brasil. Em dezembro daquele ano, devido ao aumento exponencial do volume de registros, esta responsabilidade foi transferida para O Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (<http://www.nic.br/sobre-nic/index.htm>). Esta transferência foi fruto de um longo processo já em andamento compartilhado com o Comitê Gestor da Internet no Brasil.

⁶⁰ Dados do Centro de Estudos do Comitê Gestor da Internet no Brasil. Disponível em: <http://www.cetic.br/index.html> (acessado em outubro de 2007).



Fonte: Registro.br (<http://www.cetic.br/dominios/index.htm>)

Nossos objetivos, neste tópico, não incluem uma discussão detalhada da história da internet que embora seja curta é entremeadada de momentos de disputas por patentes e outras querelas. Importa reter que os computadores e a rede a eles posteriormente atrelada possuem igualmente uma história que só pode ser compreendida na chave de longo prazo do desenvolvimento científico em curso nas sociedades ocidentais a partir da Revolução Industrial e, ao mesmo tempo, a partir dos eventos próprios do século XX.⁶¹ No próximo item procuraremos entender o que toda esta reviravolta tecnológica implicou para a produção historiográfica; um passo necessário para entender as relações entre memórias e histórias na contemporaneidade.

⁶¹ Alguns sites de referência são: o site do Computer History Museum, criado em 1996 na Califórnia, (<http://www.computerhistory.org/>) e , no Brasil , o site da Associação Brasileira de Provedores de Internet (ABRANET) que contém um resumo da expansão da rede no Brasil (<http://br.search.yahoo.com/search?p=%22hist%C3%B3ria+da+internet%22&fr=ush2-br-mail&rd=r1>) e a apresentação do jornalista Eduardo Vieira, autor do livro “Os bastidores da internet no Brasil”(,2003 Ed. Manole, SP) sobre a história da internet no Brasil. Disponível no You Tube , em <http://www.youtube.com/watch?v=dWRnTB7BJTs> (links acessados em agosto de 2007).

2.2 Conexões: dados, telas, historiadores

Quase sete décadas depois da invenção do primeiro computador, e 12 anos de veloz expansão da internet, já não se pode negar a presença destas máquinas e suas conexões nas mais diversas atividades humanas. A historiografia não é uma exceção. Pensar sobre as intersecções entre a tecnologia e o ofício do historiador é propor-se a uma tarefa que necessariamente ficará incompleta dada a rapidez das mudanças em curso. Ainda assim, parece-nos possível delinear os principais temas e os desafios que estão em pauta.

Vencidas as resistências iniciais, o computador foi adotado em larga escala como um instrumento capaz de acelerar processos já familiares aos historiadores. Armazenamento de dados, quantificação, composição de gráficos e, não poderia deixar de mencionar, a ampla utilização dos processadores de texto em lugar das máquinas de escrever. A rede mundial de computadores passou a ser usada principalmente para troca de e-mails e busca em catálogos de arquivos e bibliotecas. Até o início da década de 1990, houve uma maior utilização da informática pelos historiadores que trabalhavam com longas séries de dados, como a história da demografia⁶². Na medida em que houve uma popularização dos computadores pessoais todas as áreas passaram a utilizá-los, sobretudo como um instrumento de pesquisa. Neste momento, o computador constituía-se em mais uma ferramenta que possibilitava uma maior eficácia em procedimentos de pesquisa tradicionais dos historiadores.

Esta primeira abordagem da tecnologia no campo da historiografia foi aos poucos abrindo espaço para discussões consistentes sobre as possíveis mudanças nas práticas próprias da pesquisa acadêmica. Isto aconteceu paralelamente à própria emergência de estudos sobre a história social da mídia e pesquisas sobre a informática. Os trabalhos de Pierre Levy já citados que nos dão a dimensão da importância deste fenômeno e as possíveis reflexões daí advindas. Rolando Minuti foi um dos pioneiros a pensar sobre estas questões no campo da historiografia. Minuti, cujo período de especialização é a era

⁶² Ver, Reiff, Janice I. *Structuring the past: the use of the computer in History*. Washington, D.C: American Historical Association, 1991.

moderna, lançou, em 1995, um periódico eletrônico chamado Cromohs (*Cyber Review of Modern Historiography*)⁶³ que se tornou um experimento acadêmico reconhecido internacionalmente. Para o historiador italiano, o tema das novas tecnologias da informação é central nas discussões da historiografia contemporânea. Em suas palavras:

“O que está em jogo são os hábitos e as formas do trabalho historiográfico, sua escrita, sua organização argumentativa e seu estilo. (...) É compreensível que a hipertextualidade aplicada à comunicação na Web provoque perplexidade entre os historiadores, na medida em que ela põe em xeque as formas clássicas da escrita e da comunicação do discurso histórico, e o faz ao mesmo tempo em que inaugura perspectivas inéditas para a historiografia tradicional.”⁶⁴

De fato não se pode negar que a historiografia tradicional está amalgamada a uma cultura escrita onde as notas, as citações e as referências bibliográficas são elementos constitutivos. A operação histórica, para utilizar a expressão de Michel de Certeau, envolve um conjunto de procedimentos metodológicos que propiciam a construção de um discurso específico sobre o passado. E, certamente, esse desenvolvimento da disciplina histórica que ocorreu ao longo do tempo não deve ser desprezado. Autores como Minuti não propõem tal mudança e advertem que o fato de se poder utilizar o hipertexto não significa uma adesão a uma perspectiva relativista de que qualquer percurso informacional seja válido. Ao contrário, procura-se mostrar a necessidade de se refletir sobre as tecnologias e experimentá-las criativamente.

⁶³ Cromohs é indexado pelo *Historical Abstracts*. Ver: <http://www.cromohs.unifi.it/index.html> (acessado em agosto de 2007).

⁶⁴ Tradução de “Ce qui est en jeu, ce sont les modes et les formes du travail historiographique, son écriture, son organisation argumentative et son style. (...) On comprend que l'hipertextualité appliquée à la communication sur le Web suscite une forte perplexité dans les communautés d'historien, dans la mesure où elle remet sérieusement en question les formes classiques de l'écriture et de la communication du discours historique, tout en ouvrant cependant des perspectives inédites pour l'historiographie traditionnelle.” Minuti, Rolando. *Internet et le métier d'historien*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002, p.101.

Daniel C. Cohen e Roy Rosenzweig praticam com entusiasmo o que eles mesmos denominaram de “história digital”. A proposta dos historiadores norte-americanos é promover pesquisas, assegurando a criação de fontes na web, assim como narrativas historiográficas. O livro/website “*Digital History –gathering, preserving and presenting the past on the web*” apresenta os principais projetos realizados pelo Centro de História e Novas Mídias da Universidade de George Mason⁶⁵. A imagem abaixo é o ícone da perspectiva adotada por este centro de pesquisa: o historiador é representado trabalhando em seu computador.



⁶⁵Desde 1994 o Centro para for History and New Media, da George Mason University, utiliza a mídia digital em projetos de história. <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory/> (acessado em outubro de 2007)

Está implícito nesta cena, que remete esteticamente às tradicionais gravuras de copistas com seus manuscritos, a defesa de uma nova identidade para o ofício do historiador. Mais do que discutir as relações entre as novas tecnologias e a disciplina histórica, *Digital History* é um manual básico para divulgar este novo campo de produções. É um manual que tem como premissa a defesa, sem ponderações, do uso das novas tecnologias no fazer historiográfico. Daí que questões de ordem técnica são temas de alguns capítulos que procuram ensinar como desenvolver um projeto de *história digital*. Mais interessante, que este passo-a-passo na construção de um site, é o panorama empreendido pelos autores dos tipos de projetos disponíveis. Além de fornecer uma série de *links* para os principais projetos da *web* norte-americana, os autores afirmam que os sites de amadores estão entre os mais consultados. Quem chegou primeiro na *web* foram os amadores, depois alguns centros universitários e as instituições de memória como museus, bibliotecas e associações profissionais. Não se pode negar o mérito de selecionar este amplo inventário com todos os sites listados em notas que funcionam como hyperlinks, mas a obra deixa um pouco a desejar no aprofundamento da análise deste material. Ou melhor, a defesa quase militante do uso das novas tecnologias leva a um discurso esvaziado de ambigüidades ou problemas. A seguinte citação esclarece o ponto a que estamos nos referindo:

“we hope that our larger message—that all historians can use the web to make the past more richly documented, more accessible, more diverse, more responsive to future researchers, and above all more democratic—has risen above the occasional technical details. The ubiquity of digital media in our lives—a pervasiveness that will only grow in coming years—makes this message all the more important”⁶⁶

“esperamos que nossa principal mensagem – que todos os historiadores podem usar a web para tornar o passado mais significativamente documentado, mais acessível, mais diverso, mais apropriado para futuros pesquisadores, e acima de tudo mais democrático – sobressaia-se dentre os ocasionais detalhes técnicos. A onipresença da mídia digital em nossas

⁶⁶ Idem.

vidas – que só irá aumentar nos próximos anos – torna esta mensagem ainda mais importante”.

Talvez o exagero esteja no fato de haver poucas menções aos novos problemas, apresentando-se as tecnologias sempre positivamente. Como não é possível pensar sobre estes imbricamentos contemporâneos sem discutir um rol maior de questões, deixamos a nossa ressalva a esta obra neste ponto. É justo porém lembrar que os projetos desenvolvidos pelo Centro de História e Novas Mídias constituem um rico material e foram fundamentais para a elaboração destas notas. Talvez a ênfase, que ora nos parece exagerada, possa ser compreendida a partir deste momento histórico de busca por espaços acadêmicos e sociais. Mas, este discurso não é exclusividade dos historiadores norteamericanos.

Em 1990, quando computador ainda era um objeto restrito aos meios acadêmicos, e mais comuns nos departamentos das ciências exatas, os pesquisadores holandeses Onno Boonstra, Leen Breure e Peter Doorn fizeram a seguinte afirmação: *o historiador que se recusar a usar um computador por considerá-lo desnecessário está ignorando vastas áreas da pesquisa histórica e não será mais levado a sério*⁶⁷. É uma afirmação exagerada e polêmica até para os dias atuais, mas nos dá a dimensão da importância que estes artefatos passariam a ter no cotidiano de pesquisas e as disputas que se desenrolariam em torno da utilização dos mesmos.

Em estudo recente os autores traçaram um panorama da utilização do computador pelos historiadores e apresentaram um diagnóstico por eles classificado de decepcionante. Os autores do estudo defendem a criação de uma nova área transdisciplinar denominada *historical information science*, embora já exista uma gama de estudos enquadrados no campo denominado *history and computing*. Postula-se a necessidade de uma abordagem

⁶⁷ Onno Boonstra é um historiador do Departamento de História da Universidade de Nijmegen; Lee Breure é professor do Departamento de Ciências da Informação e Informática da Universidade de Utrecht e Peter Doorn é diretor do Instituto de Informação Científica da Holanda (NIWI). O trecho citado é uma tradução de: *'The historian who refuses to use a computer as being unnecessary, ignores vast areas of historical research and will not be taken serious anymore'* (Boonstra, Breure, Doorn, 1990) Apud Boonstra, Breure, Doorn. *Past, present and future of historical information science*. Historical Social Research / Historische Sozialforschung, Vol. 29 (2004), No. 2. Disponível em: http://www.niwi.knaw.nl/en/geschiedenis/onderzoek/onderzoeksprojecten/ppf_of_his/final_report/toonplaatje (acessado em setembro de 2007).

específica para criação de design, ferramentas e softwares para utilização historiográfica; ou seja, uma ciência da informação histórica:

“At this point, the concept of ‘historical information science’ is introduced instead of ‘history and computing’. This is done deliberately so. ‘History and computing’ is a very vague and confusing term. Historical information science is neither ‘history’ nor ‘computing’. It is a science of its own, with its own methodological framework. The object of historical information science is historical information, and the various ways to create, design, enrich, edit, retrieve, analyse and present historical information with help of information technology”⁶⁸.

Não cabe aqui discutir a viabilidade, ou mesmo a necessidade, desta ciência da informação, mas importa perceber algumas dimensões desta proposta. De fato, projetos de acervos digitais ou de criação de narrativas historiográficas multimídias demandam um arsenal de técnicas que muitas vezes não fazem parte da formação tradicional do historiador. E, muito embora, ao longo dos últimos anos os *softwares* para a criação de *websites* tenham se tornado de uso mais simplificado, não se pode afirmar que estes conhecimentos são acessíveis à toda comunidade de historiadores. E, mais que isso, não se trata apenas de saber utilizar uma determinada ferramenta, mas saber conduzir esteticamente um determinado projeto. Se no campo da escrita historiográfica há um amplo debate sobre estilos e termos utilizados, como esta sofisticação poderia migrar para este novo campo onde o aspecto visual é tão relevante? Como os historiadores, profissionais do texto por excelência, poderiam trilhar este novo território?

A proposta de David Staley é que o historiador deve trabalhar em equipe e desempenhar o papel de conceber uma determinada proposta de narração historiográfica digital. Explicando melhor, Staley compara o historiador ao arquiteto e ao diretor de cinema; ou seja, o seu papel não seria o de construir os edifícios ou fazer os cenários, mas sim conceber as linhas mestras dos projetos. Nas palavras de Staley:

⁶⁸ Idem.p.10.

“Some historians might claim that even if we were to develop the visual habits of mind necessary to treat visualizations with the same weight as a prose composition, most historians would certainly be put off by the technical requirements. While historians could certainly be trained in the techniques needed to create digital visualizations, and while it is conceivable that visualization softwares will become increasingly user-friendly, such technical skills are not required. Instead, historians creating visualizations could serve as the ‘director’ of the project. Like a film director (...) historians creating visualizations would design the overall vision, expressed in storyboards and other drawings, which would then be executed by technical staff.”⁶⁹

A proposta é bastante tentadora, mas o problema é que no caso de apresentações visuais na *web* não se pode esquecer que o conteúdo está também na concepção estética. Por isso fica difícil imaginar que o historiador ao se lançar neste novo campo possa prescindir de uma formação básica de leitura e produção de imagens.

Mais do que apontar a viabilidade desta proposta, interessa-nos pensar sobre uma idéia que perpassa a argumentação de Staley: a defesa de que a expressão imagética pode revolucionar as práticas disciplinares da História. Para o autor, as imagens não constituem elementos ilustrativos que tornam mais atraentes livros, ensaios e páginas na internet. As visualizações são recursos que podem até ser mais eficazes do que a prosa historiográfica. A riqueza de propostas de visualizações presentes em seu estudo, de gráficos até complexos ambientes tridimensionais, tornam relevante a voz de Staley neste debate. Porém, parece-nos bastante pertinente uma advertência levantada pelo pesquisador Donald Merlin em uma resenha do livro de Staley, para o periódico *History and Theory*, sabiamente intitulada de *Is a pictures really worth 1000 words?* Merlin tem considerações relevantes para este debate:

“The question is, where does the discipline of history stand in all this? Viewed intuitively, history seems to exist outside of this technological process, at least on

⁶⁹ Staley, David J. *Computers, visualization and History – how new technology will transform our understanding of the past*. New York: M.E Sharpe, 2003, p.8-9.

a conceptual level. History is technology-bound to a degree, especially on the level of assembling evidence. Historical research is difficult without extensive recordkeeping in government archives, libraries, and databases. Increasingly, it also depends on electronic search engines and technologies that compress information. But, unlike mathematics or music, at first glance history might seem invulnerable to a technology-driven conceptual revolution. History constructs (and deconstructs, which amounts to a reversed and recursive application of the same mental process) stories about the past. It does this with the help of technology, but it still seems comfortably old-fashioned in its conceptual approach.”⁷⁰

Feitas as devidas ressalvas, importa agora analisar uma iniciativa bem-sucedida de narrativa historiográfica na rede mundial de computadores. O experimento de *ensaio sonoro* realizado por Alessandro Portelli e Charles Hardy, revela um pouco do que se pode fazer utilizando a metodologia da História Oral e as novas tecnologias digitais. O ensaio sonoro (“*essay-in-sound*”) proposto pelos pesquisadores foi pensado como experimento a ser publicado em meio digital, o *Journal for Multimedia History*, sobre as pesquisas com a cultura oral da pequena comunidade de Harlam County, em Kentucky (EUA). O experimento foi desenvolvido a partir de um esforço conjunto que reuniu conhecimentos distintos dos pesquisadores. De uma lado, Portelli já havia estudado a comunidade de Harlam County por mais de uma década e realizado vários estudos sobre a cultura oral daquela comunidade. De outro lado, Charles Hardy possuía uma ampla experiência com documentário para rádio e uso de técnicas sonoras. A partir desta combinação de saberes e interesses é que o “ensaio” foi desenvolvido⁷¹ e disponibilizado na rede mundial de computadores.

⁷⁰ Merlin, D. *Is a pictures really worth 1000 words?* History and Theory. N. 43, Outubro 2004, pp 379-385.

⁷¹ O projeto também teve o apoio estratégico do Departamento de História Oral da Universidade de Columbia. Sobre o desenvolvimento do projeto, ver no website o link *Field Notes from Harlan County, Kentucky* de Alessandro Portelli. Disponível em: <http://www.albany.edu/jmmh/> (acessado em 10 de agosto de 2007). Uma seção deste estudo está incluída no anexo.

Afinal, de que trata este ensaio sonoro? Quais as principais idéias? Que temáticas foram selecionadas? Nos próximos parágrafos faremos uma descrição do ensaio ou um esforço de tradução possível ou, talvez, algo parecido com a resenha de um filme.

O ensaio é apresentado como uma introdução e oito capítulos, que se dividem em movimentos, utilizando um formato que remete ao universo musical. As canções folclóricas, fundamentais para se entender a dinâmica cultural de Harlam County, se fazem presentes de várias maneiras. Muitos capítulos se iniciam com um trecho de canção que introduz um tema; e muitos dos subtítulos foram retirados das músicas. Cada parte do ensaio compõe-se dos seguintes elementos: músicas, entrevistas, ruídos e comentários dos autores.

As entrevistas foram realizadas numa viagem de três dias que Portelli realizou com este objetivo. Nesta viagem o autor retornou a temas já abordados em entrevistas anteriores, que algumas vezes são citadas, mas, em geral, os depoimentos do ensaio integram este conjunto de novas entrevistas que foram gravadas em DAT, o que facilitou a mixagem e a montagem geral realizada no computador. Como Portelli já havia realizado entrevistas anteriores com aquelas pessoas, uma solução encontrada para que as histórias pudessem ser recontadas foi a presença de Charles Hardy ou de uma outra pessoa. Esta seria uma forma de evitar que o momento da entrevista parecesse uma mera repetição ou representação de um momento anterior.

Durante as entrevistas, há momentos em que Portelli lembra de uma canção e pede para o entrevistado cantar um trecho. Assim com em um filme, pois elas se tornam muitas vezes o fio condutor de uma determinada parte. As músicas não são elementos ilustrativos de uma temática ou de um enredo a ser contado. As imagens falam por si; neste ensaio, os sons estão carregados de significados. Uma das idéias centrais é que a música folclórica (*country music*) de Harlam County é um elo social fundamental. A memória do grupo flui através das composições e é com certo estranhamento que Portelli observa a persistência de tais manifestações no seio de uma cultura de massa norte-americana. Não há mais em Harlam County uma resistência política, alicerçada nas organizações sindicais que outrora ficaram famosas por suas batalhas contra as companhias mineradoras. Mas, a resistência

ainda está presente, na perspectiva dos autores, através da manutenção de uma cultura local que não se pauta nos valores padrões dos meios de comunicação de massa.

As entonações nas vozes dos entrevistados, o sotaque do lugar, a relação entre pesquisadores e entrevistados e até mesmo os ruídos do ambiente, nos fazem enveredar neste universo da cultura oral desta pequena vila de Kentuchy. Ao mesmo tempo, os comentários de Portelli e as perguntas de Hardy abrem novas dimensões para o material sonoro. Questões sobre, por exemplo, a abordagem de determinados temas, como a morte, traçam relações entre o estudo que estamos escutando, os objetivos dos autores e outras pesquisas realizadas no campo das ciências humanas. O ensaio é de fato um objeto híbrido: em parte uma etnografia de uma comunidade norte-americana, em parte um projeto de história oral e ainda uma espécie de documentário sonoro.

Um recurso que pode nos fazer entender melhor a especificidade do formato experimentado é a utilização de dois canais de som. Pesquisas recentes comprovam que o sentido da audição permite a escuta e compreensão de dois canais de áudio simultaneamente. Os autores fizeram uso deste recurso em várias situações. Em alguns momentos, apenas para compor um cenário, colocando em outro canal um pano de fundo musical ou de ruídos locais (chuva, animais...). Outras vezes, o recurso é utilizado para possibilitar a citação de outros trechos das entrevistas que estão sendo mencionados. E, ainda, há um terceiro modo, quando os autores entremeiam as vozes dos entrevistados com suas reflexões teórico-metodológicas sobre aquele momento da entrevista.

A possibilidade de disponibilizar em um canal de som uma conclusão dos autores e num outro canal as entrevistas torna este ensaio realmente diferente de um texto acadêmico igualmente baseado em fontes orais. Em um artigo tradicional, o máximo que é disponibilizado para o leitor são transcrições das entrevistas. Podem ficar de fora, neste caso, uma série de possibilidades interpretativas. Não estamos supondo, ao apontar esta especificidade, que neste ensaio poderíamos encontrar “uma realidade empírica” novecentocentista, finalmente o fato histórico rankeano. Nosso interesse no experimento não se relaciona com uma preocupação de caráter meramente empírico, nem tampouco desejamos retomar uma antiga polêmica da História Oral que remete mais ao *corpus*

documental do que propriamente ao que se faz a partir daí⁷². Nossa intenção é tentar perceber de que maneira os sons correspondem a novas interfaces de produção do conhecimento histórico, o que implicaria em uma outra *ecologia cognitiva*, na nomenclatura de Pierre Lévy. Tornar acessível a documentação oral, a partir de uma seleção, está claro, fornece outras maneiras de se apropriar do material produzido. A presença dos documentos oferece uma interpretação da vida social dos moradores de Harlam County, seus costumes, suas crenças, seu modo particular de lembrar e esquecer os eventos que marcaram a história do lugar. Com isso, os receptores, aqueles que escutam, lêem e vêem este material híbrido numa tela de computador, conseguem ter uma margem mais ampla de interpretação⁷³.

A esta altura, é importante dizer que não estamos pensando em dicotomias tradicionais. De um lado teríamos a mídia impressa que não daria possibilidades interpretativas ao leitor e, de um outro, as novas mídias digitais como um suporte que, por si só, poderia fornecer uma gama de possibilidades interpretativas. Ambas são premissas falsas. A teoria da recepção cultural já demonstrou em ampla gama de estudos que não há um objeto cultural que possa ser apreendido de forma única por todos as pessoas ou grupos sociais⁷⁴. Ainda assim, é importante mencionar que experimentos como este de Portelli e Hardy representam ainda uma minoria dentre os estudos disponíveis na internet que utilizam a História Oral. Uma busca realizada a partir das associações de pesquisadores, International Oral History Association (IOHA), e, no Brasil, a Associação Brasileira de

⁷² Sobre a polêmica entre aqueles que criticam a “imperfeição do som” e os *maximalistas* que reivindicam a gravação em vídeo dos depoimentos orais, ver o artigo a “A invenção do depoimento oral” de Daniëlle Voldman, in: Amado, Janaína e Ferreira, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

⁷³ Numa reflexão sobre este empreendimento, Portelli afirma que trata-se de “um *texto* onde os documentos estão incluídos, com uma interpretação, de uma maneira que a expressividade do documento não se perca, de um modo que uma interpretação seja oferecida e não imposta (...) buscando uma nova forma de apresentação acadêmica além dos limites da mídia impressa”. (esta é uma tradução livre de : “*a text in which documents are included along with the interpretation in ways that do not sacrifice the documents' expressive power and yet in which an interpretation is offered (not imposed, not removed) ...to seek a new form of scholarly presentation in non-print media*” (In: Portelli, Alessandro. “Field notes from Harlam County” <http://www.albany.edu/jmmh>/<http://www.albany.edu/jmmh/>)

⁷⁴ Os estudos de Michel de Certeau sobre o consumo produtivo são fundamentais para entender tais complexidades. Ver, *A invenção do cotidiano- artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. A obra de Roger Chartier sobre a história da leitura e as práticas envolvidas também demonstram que a mobilidade e a flexibilidades dos sentidos devem ser compreendidas a partir de uma dinâmica cultural. Ver, *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

História Oral (ABHO), nos levou simplesmente a várias referências textuais, artigos em formato PDF e links de páginas institucionais com os dados dos pesquisadores e dos acervos possíveis de serem consultados no local. Esta busca, aponta para uma certa desconfiança na utilização das novas tecnologias, como sugere Donald Merlin os historiadores ainda parecem acreditar mais no poder das palavras do que nas possibilidades tecnológicas atuais (sonoras ou visuais). Mas, esta pode ser uma afirmação precipitada uma vez que outros fatores estão relacionados à utilização da tecnologia, como por exemplo financiamentos institucionais.

Qualquer conclusão sobre este tema corre o risco da obsolescência imediata, dada a velocidade nas transformações tecnológicas e dos seus usos sociais. Cabe aqui porém indicar tendências, pontos de referências e lacunas a serem investigadas. No campo da história, a preocupação com as fontes de pesquisa também tem impulsionado a construção de muitos arquivos digitais e tem crescido a participação de historiadores no debate sobre este novo tipo de suporte para a informação. A fugacidade e a vulnerabilidade das informações contidas na rede mundial de computadores, sejam de caráter mais memorialistas como os *blogs*, sejam de caráter oficial, tem despertado a comunidade científica para um debate sobre as possibilidades reais de preservação destas fontes como veremos no próximo item.

2.3. É possível pensar em um patrimônio em suporte digital?

Duas informações para iniciar este tópico:

1. uma grande quantidade de páginas da internet permanece online em média 60 dias, sendo que as modificações são muitas vezes mais rápidas, segundo um grande estudo estatístico do Internet Archive⁷⁵;

⁷⁵ Dados do relatório do arquivo digital V2, que surgiu em 1996 com o objetivo de preservar os conteúdos online das mostras de arte eletrônica organizadas pelo Instituto. *Capturing Unstable Media Summary of research* (2003). Disponível em: <http://www.v2.nl/> (acessado em agosto de 2007).

2. em março de 2007 o Google anunciou que até então conservava o registro de todas as informações deixadas pelos usuários em seu *site* de buscas e que ainda não havia uma política definida para supressão destes registros. Todo e qualquer *click* estava preservado nas plataformas da empresa⁷⁶.

Ora a internet se apresenta como o reino do esquecimento, onde tudo se perde e não há permanência; ora a mesma rede mundial nos aparece como o local onde tudo é registrado e nenhum movimento feito com o *mouse* passa despercebido. Como convivem estas duas vertentes aparentemente antitéticas no cotidiano das novas tecnologias da informação?

O suporte digital implica em uma dinâmica fluida dos objetos produzidos exclusivamente para a internet e, ao mesmo tempo, parece oferecer uma possibilidade de arquivamento imensa se compararmos com as limitações de espaço físico da era do papel. A defesa moderna pela preservação patrimonial se fez atrelada a uma “retórica da perda”, isto é, o alarme diante da possibilidade de desaparecimento de bens imóveis qualificados como de relevância histórica que levou a uma ação ativa por parte de organizações internacionais e nacionais, com destacado papel da Unesco⁷⁷. A escolha de bens patrimoniais não é um terreno sem disputas e está intimamente relacionada com a dinâmica entre o esquecer e o lembrar⁷⁸.

Os estudos sobre a categoria patrimônio têm demonstrado a sua construção histórica, situando-o como uma invenção moderna que teve na França do século XIX um local de amplo desenvolvimento e institucionalização. Françoise Choay nos conta que a Comissão dos Monumentos Históricos formou-se na França em 1837 e que, a partir de então, a questão da conservação de edifícios passou a ser sistematizada⁷⁹. Foi apenas no século vinte que a categoria patrimônio passou a abarcar outros objetos culturais chegando

⁷⁶ Ver, Mayer-Schönberger, Viktor. *Useful Void: The Art of Forgetting in the Age of Ubiquitous Computing*. Faculty Research Working Papers Series, John F. Kennedy School of Government - Harvard University, 2007.

⁷⁷ Gonçalves, José Reginaldo Santos. “O patrimônio como categoria de pensamento”. Em: Abreu, Regina e Chagas, Mário (orgs.) *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DPA, 2003, p.21-9.

⁷⁸ No segundo capítulo desenvolveremos uma discussão sobre o conceito de memória social, a partir de Maurice Halbwachs, abordando algumas especificidades deste campo de estudo.

⁷⁹ Choay, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo, Estação Liberdade/Unesp, 2001.

até a definição recente de herança imaterial da Unesco que se propõe a preservar práticas e saberes. No mundo ocidental houve uma expansão notória das preocupações patrimoniais, muitas vezes associadas a projetos nacionais ou identitários. Porém, é importante notar que no Oriente esta categoria não encontrou uma cultura propícia para tal desenvolvimento. No Japão, para citar o exemplo de Henry-Pierre Jeudy, até a década passada não importava preservar determinada construção, mas sim o modo de construí-la⁸⁰.

Mencionar esta discussão sobre a temática patrimonial é indicar entre quais pontos cardeais estão localizados os debates atuais sobre o patrimônio digital e todo o entorno de iniciativas no nosso mundo virtual de cada dia. Na qualificação de patrimônio digital incluem-se não apenas os objetos produzidos para a rede mundial de computadores, mas também aqueles que foram digitalizados, tais como manuscritos, e também outros objetos multimídias, armazenados em suporte digital menos vulneráveis como CD-Rom. Nosso objetivo, no entanto, é focar nossa discussão nos objetos criados para a internet: páginas, blogs, arquivos digitais, etc.

A relevância que os meios digitais e, mais especificamente a rede mundial de computadores, adquiriu em nosso mundo é inegável. Uma leitura dos jornais no domingo ou um bate-papo informal são capazes de nos mostrar que o ciberespaço faz parte do rol de temas quentes. Mais que isso, o mundo que se constrói entre a tela e a retina tem sido um objeto de um número cada vez maior de estudos acadêmicos e alvo de políticas internacionais.

Em 2004, a Unesco lançou uma carta pela preservação do patrimônio digital e, no ano seguinte, o relatório anual da agência teve como tema a sociedade da informação. Também em 2005, foi lançado um programa de preservação do patrimônio digital. O documento da UNESCO nos fornece informações relevantes sobre o estado da arte neste campo, bem como das principais polêmicas em curso. “*A situação é urgente*” é o título do primeiro capítulo e nos indica o tom do documento. Trata-se de uma defesa bem alicerçada da preservação do patrimônio digital tendo como pressuposto a própria existência deste tipo

⁸⁰ A palavra ‘patrimônio’ não existe na língua japonesa, muito embora o sagrado e tudo que há nesta dimensão de prática memorial perpassa o cotidiano do país do sol nascente. Hoje a discussão patrimonial já se faz presente, porém advinda das demandas ocidentais como nos informa Henri-Pierre Jeudy em “Espelho das Cidades” (Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2005, p.20-21).

de legado⁸¹. O momento em que estamos vivendo é descrito nos seguintes termos pelo documento:

“A menos que as pessoas com poder decisório demonstrem uma forte vontade política e tomem medidas urgentes, haverá um grande risco de que toda nossa sociedade da informação possa explodir sem deixar nada além do que a ‘bolha da internet’. Nossas sociedades da informação iriam ser reduzidas a sociedades obcecadas pelo presente, com uma insignificante memória de trabalho(...) de costas viradas para as próximas gerações, quebrando a cadeia da transmissão.”⁸²

Trata-se, está claro, de um texto em prol do desenvolvimento de políticas internacionais que favoreçam a preservação do patrimônio digital. É justo perguntar: como definir “patrimônio digital”? A pesquisa da professora Vera Dodebei nos serve de guia de viagem neste terreno movediço de categorias em construção. O argumento central é que, muito embora, seja inviável conter em uma definição acabada a noção de patrimônio digital, é possível operacionalizar tal categoria se a pensarmos a partir de sua condição circunstancial e ,ao mesmo tempo, como um “*agregado de valor informacional*”⁸³. Isto implica pensar que são as iniciativas de preservação proporcionadas a um dado objeto digital que irão lhe fornecer valor patrimonial, que será construído por várias instâncias da sociedade.

O acervo digital da BBC, tema de nosso estudo de caso, é visto como um patrimônio cultural da sociedade inglesa, e ainda de maneira mais ampla, da humanidade,

⁸¹ O tema já havia sido tratado de forma mais breve na “Carta sobre a preservação do patrimônio digital” (2004).Disponível em: http://osi.unesco.org.br/arquivos/documentos/unesco%20carta%20preservacao%20digital_pt%20final.pdf (acessado em agosto de 2007).

⁸² Tradução livre do seguinte trecho: “Unless decision-makers quickly show enough political will, and take measures commensurate with the issues at stake, there is a great risk that our entire information society will explode without leaving any more trace than the Internet bubble. Our information societies would be reduced to societies obsessed by the present, with only tiny amounts of working memory, self-centred in their frenzy to communicate, and turning their backs on the generations to come, breaking the chain of transmission.”Ver, Memory of the information society. UNESCO, 2003, p.15. Disponível em:www.unesco.org(acessado em agosto de 2006).

⁸³ Ver, Dodebei, Vera. *Patrimônio e memória digital*. Morpheus, Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano 4 N. 8, 2006. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm> (acessado em 10 de outubro de 2007).

por aqueles que conceberam o projeto. Daí a elaboração de uma cláusula que torna os testemunhos colhidos ao longo do projeto propriedade não exclusiva da BBC e ainda estabelece que se esta empresa for no futuro privatizada o acervo digital deverá ser mantido de acesso livre ao público. Esta iniciativa explicita a existência de um esforço de patrimonialização de um conteúdo que existe exclusivamente em meio digital. Trata-se também de uma iniciativa que agrega valor informacional e que busca sua legitimidade em redes de reconhecimento social já institucionalizadas como os conselhos de bibliotecas, museus e arquivos da Inglaterra⁸⁴.

A internet tornou-se a primeira fonte de informações para milhares de leitores tornando os dados digitais alvo de preocupações em todo o mundo⁸⁵. No Brasil, o Conselho Nacional de Arquivos (CONARC) também lançou um documento em defesa da preservação do patrimônio digital. O texto destaca igualmente os riscos de perda dada a veloz modificação de suportes tecnológicos e propõe linhas possíveis de ação para preservar tal patrimônio. O diagnóstico é semelhante ao contido no documento da Unesco:

“Atualmente, não obstante os pesados investimentos em tecnologia da informação, há uma crescente debilidade estrutural dos sistemas eletrônicos de informação, que os incapacitam de assegurar a preservação de longo prazo e o acesso contínuo às informações geradas num contexto de rápido avanço tecnológico.”⁸⁶

A leitura do documento nos indica que este é um primeiro esforço de criação de políticas públicas e geração de conhecimentos. Mas a definição do que deveria ser

⁸⁴ Em janeiro de 2006 constava no website a seguinte afirmação “*we are working hard to ensure that the archive remains in the public domain, indefinitely, regardless of the BBC’s future. Discussions with national libraries and museums are in progress.(...) To ensure that the archive remains accessible it has to be future-proofed so that it remains compatible with current and future technologies. We also need to ensure that we comply with international standards in digital preservation documentation*”. Em: www.bbc.uk/ww2peopleswar (acessado em janeiro de 2006)

⁸⁵ Sobre esta questão nos EUA, ver Lyman, P. (2002). "Archiving the World Wide Web." In: Building a national strategy for digital preservation. Washington, D.C.: Council on Library and Information Resources and Library of Congress. Disponível em: <http://www.clir.org/pubs/abstract/pub106abst.html> (acessado em agosto de 2007)

⁸⁶ Ver, CONARC - Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital. Disponível em www.arquivonacional.gov.br. (acesso em agosto de 2007) Incluída no Anexo.

preservado de nossa cultura digital ainda é um complexo trabalho a ser iniciado que inclui uma agenda de criação de protocolos arquivísticos e uma rede de cooperação entre governos, instituições de pesquisa e sociedade civil.

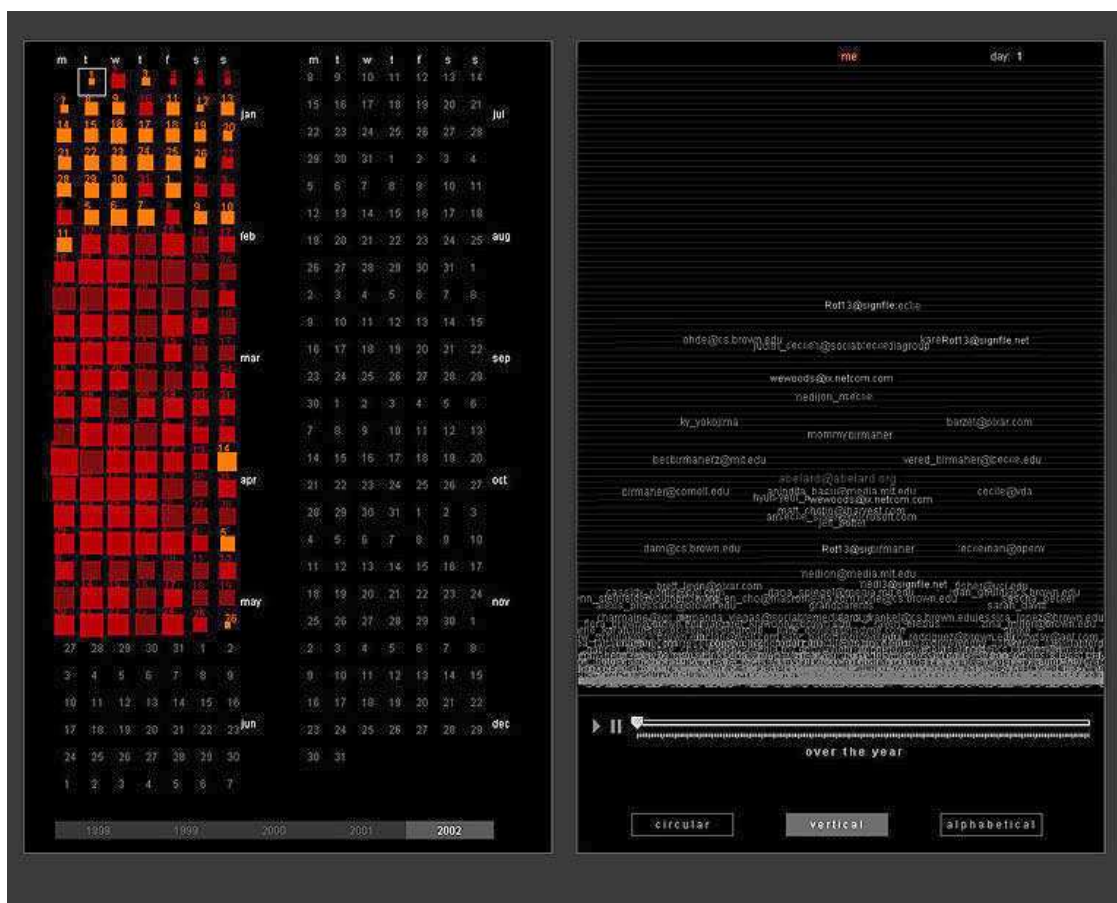
Estamos até aqui enfocando a face do “salvar” na moeda do patrimônio digital, mas devemos igualmente perguntar: o que está sendo apagado? A seletividade é parte constitutiva de qualquer processo de patrimonialização e, portanto, de transmissão de legado cultural. Não há problema algum no ato de apagar arquivos, mas é sempre enriquecedor refletir sobre os vestígios perdidos. Aliás, a questão da preservação das interações tem sido um dos pontos mais problemáticos nas discussões contemporâneas sobre o patrimônio digital.

Há uma multiplicidade de formas de interação na rede mundial de computadores, sendo as mais comuns até o presente momento os quadros de mensagens e *chats*. Como preservar, se assim se desejar, esse amontoado de dados e *links* perdidos? Como resguardar este atributo fluido da interação virtual? Arquivar correspondências implicava em determinados procedimentos arquivísticos já bastante corriqueiros. Porém arquivar mensagens eletrônicas é um desafio que ainda está sendo enfrentado. Ou seja, a face do “apagar” é muitas vezes vista como um território a ser ainda alcançado. Abordaremos aqui duas iniciativas que apontam a necessidade de uma nova perspectiva sobre a preservação. Nossa intenção não é adentrar em discussões técnicas sobre os processos arquivísticos, mas sim mostrar de que maneira as novas tecnologias da informação levam a um trabalho criativo de catalogação, preservação e disponibilização.

A primeira destas iniciativas é oriunda do Laboratório de Mídia do Massachusetts Institute of Technology (MIT) onde os pesquisadores se dedicaram a criar novas ferramentas para arquivar e analisar mensagens eletrônicas⁸⁷. A equipe do MIT desenvolveu o *software Posthistory* com o objetivo de criar visualizações a partir de uma caixa de mensagens eletrônicas e então analisá-las. O *software* cria gráficos e imagens que possibilitam uma outra abordagem dos dados contidos em caixas postais que armazenam milhares de mensagens. Este instrumento constitui, assim, não apenas de uma ferramenta

⁸⁷Ver, Viégas, Fernanda, Boyd, Danah et all. Digital Artifacts for Remembering and Storytelling: *PostHistory* and *Social Network Fragments* (2004). Disponível em: http://alumni.media.mit.edu/~fviegas/papers/posthistory_snf.pdf (acessado em agosto de 2007).

para manter determinadas informações, mas cria novas fontes de dados, novas formas de se apresentar as mesmas informações, tornando-as mais disponíveis para análises. É uma espécie de acervo, mas ao mesmo tempo é um instrumento que cria novas formas de registro das informações, como pode-se ver na imagem abaixo:⁸⁸



⁸⁸ Imagem disponível no *site* do projeto: <http://alumni.media.mit.edu/~fviegas/posthistory/> (acessado em setembro de 2007).

Esta ferramenta organiza a informação a partir de categorias básicas como remetentes, período, intervalo entre envio de mensagens e a resposta e grupos de pessoas em uma mesma mensagem. A proposta é que a partir da utilização deste *software* o indivíduo possa acessar de um outro modo o histórico de sua correspondência eletrônica, perfazendo os percursos e observando as mudanças. O teste realizado com dez pessoas enfatizou o uso de maneira mais privada deste artefato, porém a equipe do MIT não descarta o uso desta ferramenta de maneira ampliada ou de modo coletivo. É patente que trata-se de um experimento e mais do que averiguarmos as possibilidades de uso ou mesmo sua real aplicabilidade, o que nos interessa é demonstrar que efetivamente carecemos de instrumentos para manejar o volume de informações em que estamos mergulhados. *Posthistory* integra este movimento de experimentações no campo do registro da informação; é um objeto técnico que lança imagens de um passado já transformado em *bits*, a partir de categorias nossas velhas conhecidas (remetentes, datas...), mas não deixa de ser um instrumento criativo que favorece a acessibilidade.

Criação e acesso são palavras chaves no campo da preservação na atualidade. Não apenas manter o acervo, mas torná-lo acessível. E tratando-se de informações em suporte digital isto implica na maioria das vezes em uma atitude ativa com criação de novos instrumentos. O Instituto V2, situado em Rotterdam, que desde a década de 1980 trabalha com arte eletrônica criou o seu arquivo em 1996, hoje disponível na rede mundial de computadores. Em um relatório recente sobre os desafios no processo de arquivístico a equipe do instituto tratou do tema da preservação da interação entre os usuários e as obras de arte. Como arquivar, por exemplo, um trabalho de um artista de caráter performático cujo resultado que aparecia na tela dependia dos *clicks* dos internautas? Que estratégias podem ser utilizadas para salvaguardar vestígios significativos deste trabalho? A partir de uma ampla experiência e pioneirismo na área, os autores expõe a necessidade de se criar instrumentos que possibilitem esse registro. Criou-se naquele instituto um modelo de utilização de metadados a partir de parâmetros como números de usuários, dimensões espaciais (locais de acesso), temporais (momentos de mais ou menos acessos), níveis de interação (navegação pela página, contato entre usuários), etc. Tudo isto passou a integrar o

acervo, mas mesmo assim a equipe ainda considera relevante que haja um esforço de criação mais direta de registro como utilização de audiovisuais e entrevistas com os usuários para que se possa realmente documentar as interações⁸⁹.

As dificuldades de se preservar o patrimônio digital não estão apenas nas interações. A velocidade da mudança tecnológica implica em políticas que assegurem uma migração de mídia do acervo e, muitas vezes, um esforço de criação de plataformas que possibilitem a consulta a um material em uma linguagem não mais utilizada, mas que mantenha as configurações e arquitetura tal qual foram concebidas. Um panorama dos empreendimentos arquivísticos na rede mundial de computadores foi realizado pela Universidade de Bath e pela UKOLN, uma agência britânica que pesquisa e implementa projetos em museus e bibliotecas⁹⁰. Um dos objetivos do documento era justamente fornecer um mapa das iniciativas de preservação da web já existentes e, ao mesmo tempo, testar sua usabilidade no caso da internet britânica. Entre os acervos existentes o documento distingue dois tipos básicos: os de caráter seletivo e os de amplo espectro. No primeiro grupo incluem-se os projetos de arquivamento de websites restritos a uma área do conhecimento, um tema ou uma região. Um exemplo pioneiro neste campo é o projeto Pandora (Preserving and Accessing Networked Documentary Resources of Australia), desenvolvido pela Biblioteca Nacional da Austrália a partir de 1997. A equipe da instituição é responsável pela seleção e preservação de publicações eletrônicas consideradas de valor acadêmico. Em 2003, havia 3.300 títulos no acervo, em outubro de 2007 são mais de 16 mil⁹¹. Outro exemplo interessante é o Archipol, um arquivo de websites políticos da Holanda. O objetivo do

⁸⁹ De acordo com os autores: “*for a good understanding of user interaction, additional documentation often needs to be actively created, such as audiovisual reports or registrations of someone interacting with a piece. Interviews with users may also prove very useful; in general, recordings and registrations of user testing activities are rare, but interesting documentation materials.*” Ver: Capturing Unstable Media, Summary of research (2003). Disponível em: <http://www.v2.nl/> (acessado em agosto de 2007).

⁹⁰ O relatório intitulado *Collecting and preserving the World Wide Web* foi produzido, em 2003, para o Joint Information Systems Committee of the Higher Education Funding Councils (JISC), instituição responsável pelo provimento de serviços de internet para universidades e centros de pesquisa ingleses. Disponível em <http://www.ukoln.ac.uk/> (acesso em agosto de 2007).

⁹¹ Ver: <http://pandora.nla.gov.au/statistics.html> (acessado em outubro de 2007).

acervo é preservar sites de políticos e partidos , além de coleções específicas sobre eleições. O acesso é livre, mediante cadastro no website⁹².

O outro tipo de iniciativa de preservação é o de amplo espectro. Com o objetivo de registrar tudo, ou quase tudo, são realizados instantâneos (*snapshots*) de toda a rede periodicamente, através da utilização de programas de indexação automática de conteúdos. O exemplo principal deste tipo de arquivo é o já mencionado *Internet Archive*. Criado em 1996, hoje o projeto alcançou um escopo gigantesco, sendo considerado um dos maiores arquivos do mundo. Embora a maior parte das informações contidas no Internet Archive, que desde 2001 podem ser acessado por uma ferramenta chamada *WayBack Machine*, foram sendo desenvolvidos paralelamente alguns projetos de utilização temático do conteúdo. Parcerias com o Smithsonian Institution e com a Biblioteca do Congresso dos EUA , possibilitaram a criação de coleções de documentos sobre a eleição de 1996 e o 11 de setembro, para citar alguns exemplos⁹³. Os pesquisadores britânicos testaram o funcionamento do *Internet Archive*, e no que se refere as páginas sobre a temática de saúde da Inglaterra, eles encontraram as principais páginas de referências disponíveis no arquivo(eles já possuíam uma pesquisa anterior sobre o tema). Porém, foram diagnosticados alguns problemas: os links não mais remetem ao conteúdo especificado, as imagens muitas vezes não estão mais disponíveis, algumas páginas perderam completamente a formatação original, o que significa, que perderam assim parte de sua carga informativa. A nossa experiência de utilização da *Way Back Machine* para acessar páginas antigas do website da BBC também foi bastante similar. Dadas as velozes mudanças tecnológicas , muitas vezes não se consegue mais visualizar o conteúdo digital da

⁹² Archipol . A página em inglês é: <http://www.archipol.nl/english/index.html> (acessado em outubro de 2007)

⁹³ Outras iniciativas relevantes citadas também pelo estudo da UKOLH são os projetos empreendidos pelas seguintes instituições : Biblioteca do Congresso dos EUA; Biblioteca Nacional Britânica;da Biblioteca Real da Suécia; Biblioteca da Universidade de Helsinki (Finlândia); Biblioteca Nacional da França e Biblioteca Nacional da Áustria. Empreendi uma busca por projetos similares no Brasil, porém embora existam muitos acervos digitalizados de instituições relevantes como a Biblioteca Nacional, o CPDOC (FGV) e o Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, não foi possível identificar projetos destinados a preservar páginas da internet. O projeto da Biblioteca Nacional Rede da Memória Virtual Brasileira disponibiliza acervos de várias instituições brasileiras que foram digitalizados, porém não inclui a captação de material da web.Mas, dada a dimensão deste universo não é possível afirmar que não existe, mas sim que as principais instituições de preservação do país não estão envolvidas em projetos semelhantes aos que abordamos aqui.

maneira como ele foi gerado. Neste caso, importa perguntar: esta perda deve ser alvo de políticas preservacionistas?

O pesquisador austríaco Viktor Mayer-Schönberger, da Universidade de Harvard, faz a defesa de uma política pública para o esquecimento. Algumas medidas propostas pelo especialista em propriedade intelectual e novas tecnologias da informação podem nos parecer drásticas a um primeiro olhar. Mayer-Schönberger propõe por exemplo uma legislação que obrigue fabricantes de *softwares* de armazenamento de dados pessoais, como fotos, e-mails, músicas, a estabelecerem prazos mais curtos para apagamento das informações. Além disso, o autor propõe que empresas na *web* e buscadores como Google teriam que ter igualmente intervalos de tempo menores para apagamento de informações sobre navegação. Uma proposta é que o tempo de duração dos *cookies* seja reduzido. É óbvio que o alerta do autor sobre um dilúvio de informações desnecessárias deve ser compreendido no contexto das sociedades ocidentais com amplo acesso as tecnologias da informação. Por isso, ainda que pareça exagerado propor medidas desta natureza, podemos compreender a base de sua argumentação. Para Mayer-Schönberger:

“as humans we have the capacity to remember – and to forget. For millennia remembering was hard, and forgetting easy. By default, we would forget. Digital technology has inverted this. Today, with affordable storage, effortless retrieval and global access remembering has become the default, for us individually and for society as a whole”⁹⁴. (“nós humanos temos a capacidade de lembrar – e de esquecer. Por milênios lembrar era difícil, esquecer fácil. Por “default” nós esquecíamos. A tecnologia digital inverteu esta situação. Hoje, lembrar se tornou nosso modo “default” de funcionamento, dos indivíduos e da sociedade, graças a estocagem barata, formas de recuperação da informação disponíveis e o acesso global.”).

Assim, tão importante quanto preservar informações em suporte digital, esquecer é também uma questão em pauta nas sociedades contemporâneas. E mais ainda, diante da

⁹⁴ Mayer-Schönberger, Victor. Op. Cit. P.1

facilidade de duplicação das informações, cabe a pergunta: como garantir que uma informação seja apagada uma vez estando disponível na rede mundial de computadores? Muita embora as idéias pragmáticas de Mayer-Schönberger nos pareçam precipitadas, é certo que pensar sobre o patrimônio digital implica refletir sobre um volume de informações apagadas e as escolhas a serem realizadas. Há, sem dúvida, ainda muito o que se discutir neste amplo espaço entre o deletar e o salvar. Pensamos, porém, ter apresentado aqui, os principais nós deste emaranhado de questões; os principais centros de polêmica que nos proporcionaram uma perspectiva mais ampla na investigação sobre o acervo digital da BBC, que estudaremos no capítulo a seguir.

3. NOVAS CONFIGURAÇÕES DA MEMÓRIA NA WEB: O ACERVO *PEOPLE'S WAR* DA BBC

Este capítulo é dedicado ao estudo de caso do *website* da BBC, com um acervo de testemunhos *online* sobre a segunda guerra mundial. Para nos aproximarmos deste objeto iniciaremos de modo bastante tradicional. No primeiro item, serão abordadas questões como o lugar da BBC na Inglaterra e as relações desta instituição com os projetos de memória nacional. Em seguida, um breve histórico do *site* em foco. No terceiro item, faremos uma descrição do acervo. No último item uma análise das especificidades deste acervo digital.

3.1 A BBC e a memória da Segunda Guerra

O papel da British Broadcast Corporation (BBC) na Inglaterra vai muito além de uma mera empresa de mídia. Criada em 1922 como estatal, hoje a empresa depende cada vez mais de recursos privados, mas isso não significa que deixou de ocupar um lugar central na cultura britânica contemporânea. Em 2004 houve um amplo debate sobre a renovação da licença da BBC que acabou sendo renovada. Diante da polêmica algumas pesquisas foram realizadas e revelaram que 75% dos britânicos apoiavam o sistema de radiodifusão da BBC. Uma das vantagens apontadas pelas pessoas pesquisadas era, justamente, a ausência de propagandas devido ao financiamento estatal. Em um debate na Câmara dos Lordes um orador qualificou a BBC como uma *jóia internacional da coroa*¹, apontando que além do papel desempenhado internamente os programas internacionais da BBC eram uma frente britânica em todo o mundo. Até no Iraque 1/5 da população adulta (3,2 milhões de pessoas) ouvia o programa de rádio em árabe da BBC pelo menos uma vez por semana em 2004. Outro ponto que pesou a favor da empresa foi o *website*

¹ Apud: Burke, P. Briggs, A. op. cit. p.320.

que foi descrito em algumas pesquisas como um dos mais atraentes e utilizados da Europa².

Embora esteja fora dos objetivos deste trabalho uma análise sobre a importância do acervo para história cultural britânica ou mesmo a recepção do website, consideramos que para compreender o projeto em foco seja necessária uma breve introdução sobre a instituição que o criou e as relações com o público inglês. O historiador Geoff Eley ao analisar as comemorações da segunda guerra mundial ocorridas em 1995 destacou o papel das séries da BBC e identificou naquelas imagens mais uma *performance de sua pedagogia nacional*³. Com ironia Eley nos mostra que os documentários televisivos da BBC, que usavam a estratégia de narrar os fatos passados em linguagem jornalística para dar a impressão de uma cobertura em tempo real, causavam na verdade não a sensação de estar vivenciando os fatos mais gloriosos do final do conflito, mas sobretudo uma nostalgia daquela forma de contar, a “grande narrativa”.

A segunda guerra mundial é um evento que ocupa um epicentro das memórias das sociedades ocidentais contemporâneas como demonstram vários autores (Todorov, Huysen, Sarlo). Na Inglaterra, a retórica em torno da segunda guerra mundial sempre forneceu material na imaginação política e a memória vencedora procura salvaguardar a imagem de um consenso de conquista democrática alicerçado em valores de igualitarismo e da capacidade do povo inglês de suportar sacrifícios para livrar a humanidade do fascismo. Nestas memórias a figura de Winston Churchill desempenha o papel de herói nacional e aglutina uma série de valores que devem ser transmitidos às gerações futuras.

É interessante perceber algumas especificidades e tendências nos constructos de memórias sobre a segunda guerra mundial na sociedade inglesa. Imediatamente após o conflito formou-se um certo consenso patriótico permeado por valores do igualitarismo e com tendência de esquerda. Nas representações do imediato pós-guerra o papel da classe trabalhadora inglesa era super valorizado e muitas vezes simbolizava o esforço da nação

² Ver, Burke, P. Briggs, A. Op.cit. p.321-2.

³ *It placed us inside the grand narrative, the presenter's poker-faced gravitas securing our pleasures in the didacticism while polishing the BBC's own aura of high-mindedness, its confident performance of national pedagogy. It positioned us immediately in a realm of nostalgia, not only for the lost reassurances of "1945" but for a particular form of historical narration, the hectoring newsreel modalities of "You Are There," and their generic documentary authenticity.* Eley, Geoff. *Finding the People's War: Film.: British Collective*

nas narrativas que mostravam um povo que lutou em prol da liberdade. A década de 1960 trouxe uma ampla iconoclastia cultural que combatia as representações hegemônicas sobre a nação. Iniciou-se então, na cultura britânica, de acordo com Geoff Eley, um processo de renegociação das representações nacionais. As décadas de 1970 e 1980 trouxeram questões novas como a violência na Irlanda, o nacionalismo escocês, as violências contra minorias sexuais e as crises nas escolas. Tudo isto relaciona-se ao colapso de uma idealização do povo inglês como símbolo de coesão e luta pela liberdade e igualitarismo. Na era Thatcher⁴, o patriotismo passou a ter um caráter mais conservador relacionado a uma noção de superioridade racial recolocada numa lógica de mercado. As idéias de justiça social que integravam o núcleo do patriotismo do pós-guerra foram obliteradas em meio a uma guinada de modernização autoritária. Nas narrativas de memória deste período destacam-se a relevância obtida pela noção de lealdade ao estado e uma valorização de uma identidade britânica (*Britishness*) enamorada com o passado imperial. Na produção cinematográfica do período não se pode encontrar muitos filmes de batalhas que vangloriem o espírito inglês, mas sim muitas películas cujo enredo é focado em narrativas pessoais que tem como pano de fundo a Segunda Guerra Mundial. Isto não significa que os filmes estavam em ampla sintonia com a memória oficial do período, mas a recusa das grandes narrativas está relacionada a este refluxo do ufanismo pós-guerra⁵. As mudanças políticas, assim como um série de outros fatores, levaram a uma nova tendência no complexo de memórias inglesas sobre a segunda guerra. A década de 1990 trouxe um excesso comemorativo que reviveu os resquícios de uma memória patriótica em estilo tradicional. A série de documentários da BBC trouxe de volta uma narrativa mais literal seguindo uma modalidade de tentar reconstruir o passado tal como ele se desenrolou. Dez anos depois, podemos pensar que o acervo digital *People's War*

Memory, and World War II. The American Historical Review 106.3 (2001).Disponível em : <http://www.historycooperative.org/journals/ahr/106.3/ah000818.html>.(acessado em 30 de outubro de 2007)

⁴ Margaret Thatcher foi primeira ministra entre 1979 e 1990 e, ao mesmo tempo, líder do Partido Conservador (Conservative Party).

⁵ O filme de John Boorman, *Hope and Glory* (1987), é um exemplo analisado por G. Eley. O enredo conta a história de um garoto que ao longo dos anos do conflito perambula por entre ruínas e vive aventuras longe do mundo dos adultos. Os valores sociais de anti-fascismo e sacrifício compartilhado quase não aparecem no olhar cinematográfico deste filme cujo título é , portanto, bastante irônico. Quando a escola do protagonista, Bill Rohan, foi bombardeada os alunos dizem: “Obrigado Adolf” e aparecem felizes por não terem que escutar seu professor dizer coisas como: qual fração da terra é inglesa? 2/5. E é disto que se trata

está embebido nesta mesma tendência, muito embora seja possível identificar elementos destoantes como iremos explicar melhor adiante.

Embora longo, o parágrafo anterior procurou sintetizar de forma breve as linhas centrais de um complexo fluxo de memórias. Paralelamente, a historiografia inglesa também passou por mudanças nas últimas décadas em um movimento de ampliar o leque de objetos de estudo no sentido de proporcionar uma crítica das memórias patrióticas do conflito. Assim, os historiadores voltaram-se para temas como o mercado negro, as greves, o absentismo e o cinismo no cotidiano da guerra, demonstrando como a história social pode dialogar criticamente com as memórias em voga. Evidentemente não cabe aqui um balanço da historiografia inglesa sobre a segunda guerra mundial, o que seria por se só uma dissertação de fôlego, mas importa indicar este quadro mais amplo e nele destacar o papel de uma obra específica. O historiador inglês Angus Calder escreveu em 1969 o clássico *People's War*, uma história social da guerra que vai muito além da retórica patriótica e oferece um cenário mais complexo das experiências cotidianas e dos embates políticos ingleses ao longo do conflito. Utilizando-se dos arquivos da organização *Mass Observation*, que solicitou entre 1937 e 1959 que os cidadãos enviassem testemunhos de sua vida cotidiana, Calder pode compor em seu livro um vívido panorama dos anos de guerra, relativizando alguns mitos então em voga⁶. O próprio título da obra foi utilizado na concepção do acervo digital da BBC, tema desta pesquisa. De acordo com Fred Leventhal, em uma avaliação recente sobre o tema, o mito em torno da Segunda Guerra Mundial não é mais visto pela historiografia como uma mera invenção do governo ou da propaganda nacionalista, mas uma construção cheia de conflitos que forjou uma identidade histórica⁷. Não se pode, portanto, deixar de mencionar esta intersecção entre construção da memória e este clássico da historiografia inglesa.

esta guerra. Os homens estão lutando e morrendo para salvar ..isto para vocês, ingratos fedelhos”. Nada mais distante do patriotismo anti-fascista. Ver, Eley, G. Op. Cit. P.14-5

⁶ Um balanço da produção historiográfica inglesa sobre a Segunda Guerra Mundial está disponível em: Heartfield, James. *Second World War : The Battle of the Books*. (<http://www.spiked-online.com/Articles/0000000CAB12.htm>) (Acessado em 10 de agosto de 2007).

⁷ Ver, Leventhal, Fred. *Resenha do livro We Can Take It! Britain and the Memory of the Second World War*. By Mark Connelly. Twentieth Century British History published on January 1, 2005. Disponível em <http://tcbh.oxfordjournals.org/cgi/citmgr?gca=tweceb;16/4/509> (acessado em 5 de setembro de 2007)

Importa destacar nesta breve contextualização que o acervo escolhido para análise carrega a marca d'água da BBC, que por sua vez reflete as tendências de uma memória oficial inglesa. Muitos participantes declararam que o fato de ser um projeto da BBC mobilizou-os, uma vez que desde a época do conflito ouviam os noticiários da rede. Isto mostra que o caráter institucional da BBC perpassa todo o desenvolvimento do projeto onde é facilmente identificada a pedagogia mencionada por Geoff Elley. Nosso objetivo ao trazer esta breve contextualização foi incluir estes elementos na leitura do acervo, percebendo-o não apenas como um novo artefato da memória social inglesa, mas também como um produto inserido nesta dimensão histórica.

3.2 www.bbc.co.uk/ww2peopleswar - uma breve história

O arquivo digital *People`s War* foi pensado em 2002 como um artefato comemorativo para os sessenta anos do final da segunda guerra mundial. A proposta foi a de criar um acervo dos testemunhos daqueles que viveram durante a Segunda Guerra ou dos que numa segunda geração tiveram contato com as memórias do conflito. Em junho de 2003 o projeto piloto começou a ser testado e cinco meses depois o *website* foi lançado oficialmente. No primeiro ano foram realizadas campanhas nacionais para o recolhimento de testemunhos com exposições em museus e propagandas na TV. Em comemoração ao Dia D (6 de maio de 1944) foram organizados eventos e o *site* foi atualizado com destaques para esta efeméride, como se pode ver na página abaixo⁸.

⁸ As ilustrações do portal selecionadas neste capítulo irão servir de referência visual, uma vez que as imagens disponibilizadas na web não possuem qualidade para impressão. Porém as imagens do *website* da BBC estão disponíveis em um anexo digital (CD-Room) onde a visualização é melhor. Além disso, o anexo contém *links* para as páginas que ainda estão online e pode servir com uma guia de navegação para o site que ora estudamos. No Anexo, um arquivo executável em Flash, os *links* abrem automaticamente no navegador utilizado pelo usuário quando o computador está conectado à internet.



Em junho de 2004 havia 7.541 testemunhos *online* e a equipe do projeto começou a buscar alternativas para que mais pessoas pudessem participar. Em anúncio no *website* buscou-se estabelecer parcerias com instituições como bibliotecas, museus, arquivos e centros comunitários, que contribuiriam com a elaboração do acervo fornecendo recursos humanos e equipamentos para que os testemunhos de pessoas que não tivessem familiaridade com informática pudessem ser registrados. Esta preocupação pode ser

facilmente compreendida tendo em vista que a maioria dos usuários tinha mais de 60 anos e muitas vezes não tinham acesso à internet.

Em maio de 2005 o número de testemunhos era de 19. 676, mais que o dobro do ano anterior. Em comemoração ao Dia da Vitória na Europa (*VE-Day* – 8 de maio de 1945) uma série de programas foram realizados, divulgando o projeto da BBC e entrevistando usuários que participaram do projeto. Nestas ocasiões, como já mencionamos, o *site* era atualizado e relatos que enfocavam o dia da vitória na Europa foram colocados em destaque. Entre maio de 2004 e maio de 2005 foram organizados 800 eventos de natureza variada: exposições, encontros de veteranos, palestras... Mais de duzentas instituições se tornaram parceiras do projeto e para dar conta da demanda de auxílio aos usuários foram treinados dois mil voluntários. Os números indicam que o projeto alcançou uma ampla mobilização e isto se tornou possível graças também a um convênio realizado com o Programa *Culture Online*, do Departamento de Cultura da Inglaterra, cujo objetivo era o de ampliar a inclusão digital da população da terceira idade.



Uma participante do projeto observa sua contribuição na tela do computador em um dos eventos organizados pela equipe. Imagem sem data, disponível em: http://www.cultureonline.gov.uk/projects/in_production/world_war_ii_remembered/ (acessado em 5 de outubro de 2007).

A mobilização realizada através do estabelecimento de uma rede de parceiros possibilitou que o número de testemunhos fosse ampliado. Mais de 80 mil pessoas participaram dos eventos organizados, sendo que 43% tinham mais de 60 anos e nunca haviam utilizado um computador anteriormente. Uma pesquisa realizada no período verificou que um em cada 20 participantes do projeto que nunca tinham utilizado internet, e fizeram isso para deixar seu testemunho no *website*, passaram a ser usuários regulares ⁹. Entre os meses de maio e agosto de 2005 foram adicionadas 12.557 testemunhos, chegando a mais de 32 dois mil relatos. Até janeiro de 2006, quando o *site* foi fechado, chegou-se ao total de 47 mil testemunhos.

Este arquivo digital é uma composição de documentos e relatos deixados online com uma identidade visual própria de um projeto da BBC. Para iniciarmos nossa descrição escolhemos as três imagens abaixo que ilustram, respectivamente: a página de abertura do arquivo, com a indexação realizada naquele período; uma página de relato regular e uma secção de atividades pedagógicas como eram até março de 2006.

Lay Out de março 2006



⁹Esse dado mostra mais uma faceta pedagógica do *website*, que se propôs a facilitar o acesso às tecnologias da informação pelos grupos da terceira idade.. Ver relatório disponível em : http://www.cultureonline.gov.uk/WWII_practitioners_report.pdf (acessado em 5 de outubro de 2007).

WWW: WW2 People's War - A Land Girl's experience

Search WW2

A Land Girl's experience

By Elizabeth

People in 1945 - Women's experience (Doris Kelly) and her sister Hazel - children of stars - Elizabeth Phillips and granda Daisy - Debbie Funn

First Day girl

My mother was born and brought up in the town end of London, one of a family of five sisters and a brother and a father - the mother, my paternal grandmother, had died when they were small children. They had jobs as cooks and domestic - many children had jobs and even large families but she of the baby siblings in the children.

She was with Daughters of working class families of that generation - mostly around her own social class and continued to be for most of their lives - where they were born. That is until the war disrupted the pattern of life for these communities.

Her mother and her two sisters (the three youngest of the family) were called up - into service for munitions factory work, but in addition and for younger sister took to sea in the later years.

Country life

The war in her father's opportunity for young women who had little opportunity to travel, especially those girls who had no experience of country life. He wanted that social distinction, the new found freedom being in that countryside, working as a farmer, getting food and vegetables. The farms at this part of the war were small holdings - maybe 200 acres max.

When she speaks often time in the end of the war's end light up, she lived the work, lived the life of an and the freedom. Twenty or so girls were in a village called Millington in a supervised house. They were allocated to local farms and up and down - under to work but every girl was happy, but she mother looked with affection about the young girls who wanted to leave from around the farms on which she worked.

WWW: Children of World War 2 - Welcome to Children of World War 2 (1939 - 1945)

Logo: Children of World War 2

Welcome to Children of World War 2 (1939 - 1945)

Hello, I'm Vera
Click here to find out what life was like for children in the Second World War

Logo: Children of World War 2

Website: WWW: www.kids.war.gov.uk/Welcome to Children of World War 2

O arquivo digital sofreu, desde então modificações de funcionamento, navegação e design. O arquivo foi pensado para ser um portal vivo, com atualizações e possibilidades de inclusão e modificação dos testemunhos, apenas por dois anos. Em seguida, o acervo deveria tornar-se uma fonte de pesquisa integrada ao portal de História da BBC. Deste modo, em novembro de 2005 a administração do site avisou aos usuários para fazerem suas últimas modificações, pois o acervo se tornaria permanente.

Eis o parágrafo de abertura do e-mail enviado aos usuários do portal, em 10/11/2005:

“Estamos enviando esta mensagem para lhe informar que, por motivos administrativos do site, não mais serão aceitas contribuições a partir de dezembro de 2005. Isto significa que você não poderá adicionar testemunhos ou escrever mensagens. O site continuará disponível para consulta como um arquivo permanente e estático, tornando-se uma valiosa fonte de pesquisa para as futuras gerações”

Tradução livre de:

“We are contacting you for site administration purposes, to inform you that we will stop taking contributions to the website in December 2005. This means that you will no longer be able to contribute stories or messages. However, the site will still be available to the public as a static, permanent archive and a valuable resource where future generations can come to research your stories”

Entre janeiro e março de 2006 o *website* passou por um processo de seleção e de aplicação de novo design. As páginas que existiam com os formulários para deixar as contribuições foram retiradas e , ao mesmo tempo, foram realizados alguns ajustes visuais. Até novembro de 2007, as interfaces aplicadas em 2005 estavam disponíveis no Internet Archive, porém devido a problemas técnicos elas não mais aparecem online. Atualmente é possível pesquisar a versão finalizada do site, que inclusive está depositada na British Library. Porém, as modificações e as interações não são possíveis de recuperar. Igualmente, o acesso à equipe do site após o fechamento tornou-se impossível. Tentei algumas vezes entrar em contato para conseguir informações gerais, como estatísticas de acesso antes e depois do fechamento, mas não obtive respostas. A questão da preservação

da informação digital já foi abordada anteriormente, cabe aqui apenas o relato da minha experiência ao longo da pesquisa que confirma a escassez de ferramentas técnicas de amplo acesso que possibilitem o arquivamento de sites, bem como a vulnerabilidade de arquivos digitais. A seguir pretendemos apresentar o site , utilizando imagens de nosso acervo pessoal e outras que ainda estão disponíveis. A intenção será a de apresentar e ao mesmo tempo esboçar algumas análises que serão alinhavadas no último tópico deste capítulo.

3.3 Navegando em um acervo digital

Como vemos no espelho de abertura do arquivo, em versão reduzida abaixo, há três principais divisões visuais que correspondem às secções de contribuições (*contribute*), de leitura do arquivo (*read*) e de pesquisa (*research*), que possui material informativo (bibliografias e artigos, por exemplo). Isto significa que este arquivo digital possui uma gama mais ampla de informações do que encontramos em arquivos tradicionais ou mesmo em acervos que foram apenas digitalizados e postos na rede. A existência de fóruns para debate, por sua vez, propiciava uma circulação de informações para além dos testemunhos.



A interface do portal possibilitava que uma vez criada a conta, o usuário pudesse inserir ou editar os relatos. Uma apreciação apressada deste dado poderia levar a crer que a diretriz editorial deste arquivo estaria em sintonia com certos postulados pós-modernos que enfatizam sobretudo a fragmentação da informação e a inexistência de uma realidade histórica¹⁰. No entanto, o enquadramento da informação textual e imagética do site, assim como as instruções fornecidas aos usuários, contradiz tal suposição. No editorial há uma defesa explícita da necessidade de um relato autêntico, honesto, que conte exatamente o que aconteceu. Um exemplo é a seguinte passagem:

¹⁰ Sobre a convergência entre os usos da hipertextualidade e os postulados pós-modernos, que já mencionamos no terceiro capítulo, ver Minuti, Rolando. Op. Cit., p.104.

“Isto é o mais importante acerca de qualquer relato deste site. Nós queremos que ele seja um testemunho genuíno do passado...Nós queremos que você conte como realmente aconteceu. Hoje estamos muito distantes do mundo de 1939-45. As pessoas vivem de um modo diferente e as guerras ocorrem também de um modo diferente. Nós esperamos que este website ajude as futuras gerações a entender as conexões entre o seu mundo e aquele da Segunda Guerra Mundial.”

“This is the most important thing about any story on this site. We want it to be a genuine account of the times.(...) We want you to tell it as it was. The world of today is a long way from that of 1939-45. People live differently and wars are fought differently. We hope that this website will help future generations understand the connections between their world and that of WW2.”¹¹

Qual era o percurso de um usuário ao entrar no *site* e deixar o seu testemunho? Como o *site* funcionava? Descrever um *website* tem algo de similar a escrever a resenha de um filme. Como dizer em palavras o que se passa na tela? Restringir-se ao roteiro não daria ao leitor nenhuma idéia da montagem ou da trilha sonora ficando distante de propor uma aproximação com o objeto cinematográfico. Da mesma maneira, focar apenas as informações contidas nos relatos deixaria de mostrar elementos fundamentais desta mídia: o design, a arquitetura de navegação. Assim, nossa tentativa de descrever o acervo digital será por meio de três percursos. O primeiro será um passo-a-passo a partir da página de abertura seguindo o trajeto sugerido no tutorial do projeto para adicionar uma contribuição.O segundo será feito a partir da listagem do arquivo, depois selecionaremos um testemunho e as possibilidades de conexão com outras partes do *site*. O terceiro percurso será realizado partindo da secção educacional e de lá seguindo nas outras direções. Vale lembrar, antes de iniciarmos estes trajetos virtuais, que a navegação poderia ser feita com várias janelas abertas ao mesmo tempo e com idas e vindas imprevisíveis.

¹¹ É possível consultar essa página no Internet Archive, utilizando a wayback machine e buscando por www.bbc.co.uk/ww2/. Disponível em : http://web.archive.org/web/*/http://www.bbc.co.uk/ww2/ (acessado em 8 de agosto de 2007)

3.3.1 Primeiro percurso ou o caminho para deixar um testemunho *online*

A concepção visual do portal expressa uma preocupação de facilitar o acesso. Ou seja, a navegação para deixar um relato procurava ser o mais simples possível como veremos a seguir. A nossa intenção neste tópico é seguir as etapas realizadas pelos usuários que deixaram seus relatos neste acervo digital e assim perceber as interfaces com suas especificidades.

1. Página de abertura > botão de acesso à página para escrever uma contribuição.



2. Página de acesso ao formulário. Nesta página havia *links* com instruções aos usuários. Recomendava-se, por exemplo, que os testemunhos fossem escritos anteriormente para depois colocá-los no *website*. Havia também dicas de como escrever um relato interessante para leitura na tela do computador. E regras: cada relato deveria ter no máximo 3 000 palavras, ou então, estar dividido em capítulos. Embora esteja devidamente recomendado que para o meio eletrônico duas laudas já são suficientes. Quanto ao tema, há uma intenção em recolher registros do cotidiano da guerra que fica explícita nas dicas editoriais e o grande número de relatos na categoria vida doméstica atestam que este objetivo foi alcançado. Não há nenhuma menção ou incentivo para que os usuários escrevam sobre aspectos pouco gloriosos do evento. O tom é sempre o de deixar o legado de uma experiência de sacrifício realizado para a geração futura como fica bem claro no link “descubra o tipo de

relatos que estamos procurando”(find out what sort of stories we are looking for), onde encontra-se a seguinte passagem:

“WW2 Peoples War é um *site* dedicado a recolher testemunhos da Segunda Guerra Mundial para compor um arquivo permanente. Cada testemunho desempenha um papel fundamental para ajudar as gerações futuras a compreenderem os sacrifícios realizados pela nação durante a guerra, não importando se o autor é um militar ou civil, se esteve fora ou participou do esforço de guerra internamente.

Tradução livre de:

“WW2 Peoples War is a site dedicated to capturing people's personal stories of World War Two in a lasting archive. Whether the writer was military or civilian, at home or abroad, on the front-line or home front, every story plays a vital part in helping future generations understand the sacrifices made by a nation at war”.¹²

The screenshot shows the BBC WW2 People's War website. At the top, there's a navigation bar with links for Home, TV, Radio, Talk, Where I Live, and A-Z Index. The main header features the site title 'WW2 People's War' and a 'V45' anniversary logo. Below the header, there's a search bar and a 'GO' button. The central content area is titled 'Contribute' and includes a call to action: 'The BBC is building a lasting archive of WW2 stories - make your contribution.' It also features a 'Write your story' button and a 'Getting your picture online' section with icons for scanning and taking digital photos. A sidebar on the left lists various site features like 'BBC Homepage', 'History', 'Front Page', 'Contribute', 'Editorial Desk', 'Read', 'Archive Listing', 'Research', 'Schools', 'Guided Tour', 'Site Help', 'About This Site', 'Feedback', 'Contact Us', and 'Help'.

¹² Ver: www.bbc.uk/ww2 (In: Internet Archive, junho de 2004) Este arquivo não está mais disponível no Internet Archive por problemas técnicos.

3. Formulário para contribuição (o usuário já deveria ter se registrado como membro do *site* anteriormente)

The screenshot shows the BBC 'WW2 People's War' website. The page is titled 'Write a Story' and contains the following elements:

- Header:** 'bbc.co.uk', navigation links (Home, TV, Radio, Talk, Where I Live, A-Z Index), and a search bar.
- Left Sidebar:** A vertical menu with links: BBC Homepage, History, Front Page, Personal Page, Contribute, Editorial Desk, Read, Archive Listing, Research, Research Desks, Schools, Guided Tour, Site Help, About This Site, and Feedback.
- Top Navigation:** 'Hello debgil', 'I'm not debgil', 'Retrieve my details', and 'Sign out'.
- Search Bar:** 'Search WW2:' with a 'GO' button.
- Personalization:** 'You are known as: Deborah - WW2 Team', 'Personal Page', and 'Change this name'.
- Main Content Area:**
 - Don't forget!** (Warning icon):
 - have your story ready - including a picture, if you want to add one
 - fill in all the fields marked with an **asterisk ***
 - save your story after you've added your picture and filled in the fields by clicking the **SAVE** button at the bottom of the page
 - Form Fields:**
 - * **Story title:** [Text input]
 - Full name(s) of people in story:** [Text input]
 - Location of story:** [Text input] with example: 'eg 'Bradfield, Yorkshire' or 'The North Atlantic''
 - * **Story:** [Text area] with note: 'Up to 3000 words - longer accounts should' and 'Words so far: 0'.
 - Picture:** [Image upload area] with 'ADD PICTURE' button and note: 'It should already be saved on your computer'.
 - Caption for picture:** [Text input] with note: '50 words maximum' and 'Think about names, date and location' (Warning icon).
 - For our reference:** 'Optional information useful for people researching stories'.
 - Is the story about civilian or military life?**
 - Civilian
 - Army
 - Royal Air Force
 - Royal Navy
 - Civilian Force - eg Emergency Services, Land Army
 - Unit name:** [Text input] with example: 'eg Manchester Regiment, 23 Squadron'.
 - Save your story** (Warning icon):
 - PREVIEW** button: 'See how your story looks before you save.'
 - SAVE** button: 'The story will always be linked from your Personal Page if you want to edit it at any time.'

4. Página pessoal onde se poderia encontrar todas as contribuições do usuário, suas participações nos fóruns e seu perfil (o preenchimento destes dados era opcional).

The screenshot shows the BBC WW2 People's War website. At the top, there's a navigation bar with links for Home, TV, Radio, Talk, Where I Live, and A-Z Index, along with a search box. The main header features the site's title and a '45' anniversary logo. Below the header, a user profile section is visible, including a search bar for 'WW2', a 'GO' button, and a 'Hello debug!' message. The user's name is 'Deborah - WW2 Team' and their user ID is '226153'. The page is divided into several sections: 'Your Personal Page' with an 'About Me' section, 'Pigeon-hole' for messages, 'My Friends' list, and 'My WW2 Stories and Questions' with a table of contributions.

Your Personal Page

About Me
Deborah - WW2 Team
 I've been working on the People's War site since November 2002. I select the stories that are featured on the front page - if you'd like to recommend a story, leave a message in [this forum](#). I'm also involved in the project planning and design of the final archive.

My discussions
[Edit this information](#)

Pigeon-hole
 These are the messages other users of the WW2 site have left in your Pigeon-hole:

TITLE	LATEST POST
The Will to Live	5 Hours Ago

[See all messages for Deborah - WW2 Team.](#)
[Leave a message](#)

My Friends
 To add another person to this list, go to their Personal Page and click on 'Add to my list of friends'.
WW2 People's War Team
[Personal Page](#) | [Journal Entries](#) | [Delete](#)

My WW2 Stories and Questions
 These are the stories you have contributed to the site, and the questions you have asked:

TITLE	CREATED
A Conscientious Objector's Wartime Story (A3166706) Edit	Oct 22, 2004
Family History (A3043801) Edit	Sep 24, 2004
Raw Recruits Gallery: Final Mission (A2670996) Edit	May 27, 2004
Raw Recruits Gallery: Final Mission (A2670978) Edit	May 27, 2004
Southampton during WW2 (A1061939)	May 27, 2003
Deborah - WW2 Team (A1042552) Edit	May 6, 2003

[See all Stories and Questions](#)
[Write your story](#) [Ask a research question](#)

Uma vez seguido este percurso os testemunhos passavam pela equipe do *site* e depois entravam no ar. Após um ano de funcionamento, a equipe passou a utilizar uma filtragem automática de conteúdos a partir de palavras-chave e pela inclusão de um ícone que possibilitava aos próprios usuários notificarem a equipe em caso de conteúdo não-apropriado. As páginas pessoais eram também utilizadas para deixar mensagens, porém a troca de informação de caráter pessoal, como endereços eletrônicos, era vedada pelo regulamento do *site*.

3.3.2 Segundo percurso: categoria vida doméstica

Um total de 47 mil testemunhos foram organizados em 64 categorias. Deste total, 17.500 testemunhos foram indexados manualmente pela equipe do projeto e os demais foram processados por um programa de computador¹³. O índice das categorias nos fornece uma visão geral do acervo uma vez que contém o número de testemunhos de cada categoria. Escolhemos como ponto de partida a categoria com maior número de relatos: vida doméstica. Seleccionamos em seguida a sub-categoria "infância" seguindo o mesmo princípio. O acervo possui 14336 testemunhos incluídos nesta subcategoria. Deste total, fizemos uma apreciação de 50 testemunhos selecionados pelo editorial do *site* e seleccionamos uma para servir de "fio de Ariadne" neste primeiro percurso.

O testemunho intitulado "*Atlantic divide*" foi escrito por uma usuária chamada "gridboard" que não forneceu seu nome completo. Muitos participantes optaram por usar pseudônimos, enquanto outros assinam os seus relatos. O relato conta a história da viagem de duas irmãs rumo aos Estados Unidos onde passariam a maior parte dos anos da guerra. Milhares de crianças inglesas foram enviadas para outros países, principalmente Canadá e Estados Unidos no início da Segunda Guerra Mundial. Com o desenrolar do conflito esta prática foi abandonada devido aos riscos na travessia do Atlântico. O episódio relatado por Gridboard se inicia na cena de partida da Inglaterra:

"July 1940. Two girls, one just 14, the other nearly 11, stand at the entrance to a pier in Liverpool harbour. Somewhere in the background, a ship. There is a wooden barrier, they stand on one side of it, their parents on the other. The older child looks with anguish and embarrassment at her mother's face streaming tears, her father's face twitching. Presumably there are other children, other parents, because an adult appears and leads all the children away from the barrier and the sight of their parents into an almost empty warehouse, where they are told to sit on whatever is handy. They sit, numb, hardly noticing each other. Eventually, an uneasy adult makes them all sing. Sing what?

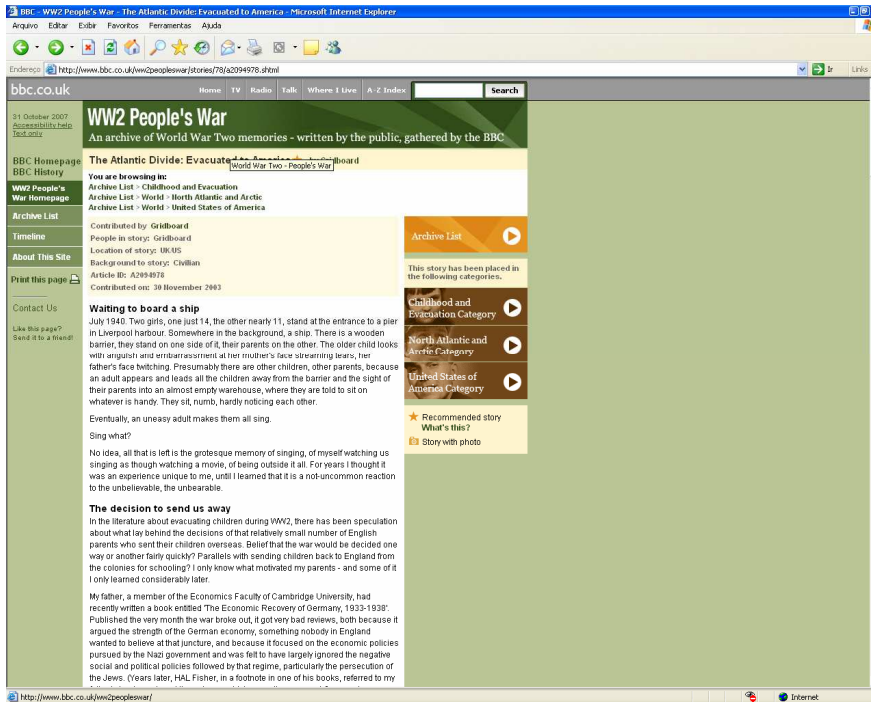
No idea, all that is left is the grotesque memory of singing, of myself watching us singing as though watching a movie, of being outside it all. For years I thought it was an experience unique to me, until I learned that it is a not-uncommon reaction to the unbelievable, the unbearable."¹⁴

É um testemunho a partir do olhar de uma garota forçada a deixar seus pais e seguir rumo ao desconhecido; é um relato cujo foco está nas experiências pessoais da protagonista. Nós lemos este relato enquadrado na tela de um computador, porém a escrita remete a uma tradição de testemunhos. Os dissabores e aventuras desta jovem inglesa poderiam estar na página de um diário ou numa longa carta guardada em um baú. Mas, as conexões estão ali na barra direita e esquerda do texto. Estamos lendo e ao mesmo tempo abrimos outras janelas para buscar uma informação sobre seu padrinho, o antropólogo Gregory Bateson (1904-1980). Um segundo depois pode-se abrir uma janela para ler outros testemunhos incluídos na mesma categoria e comparar as impressões de viagem deste testemunho ou ainda saltar para a Linha do Tempo e navegar nos eventos citados no relato.

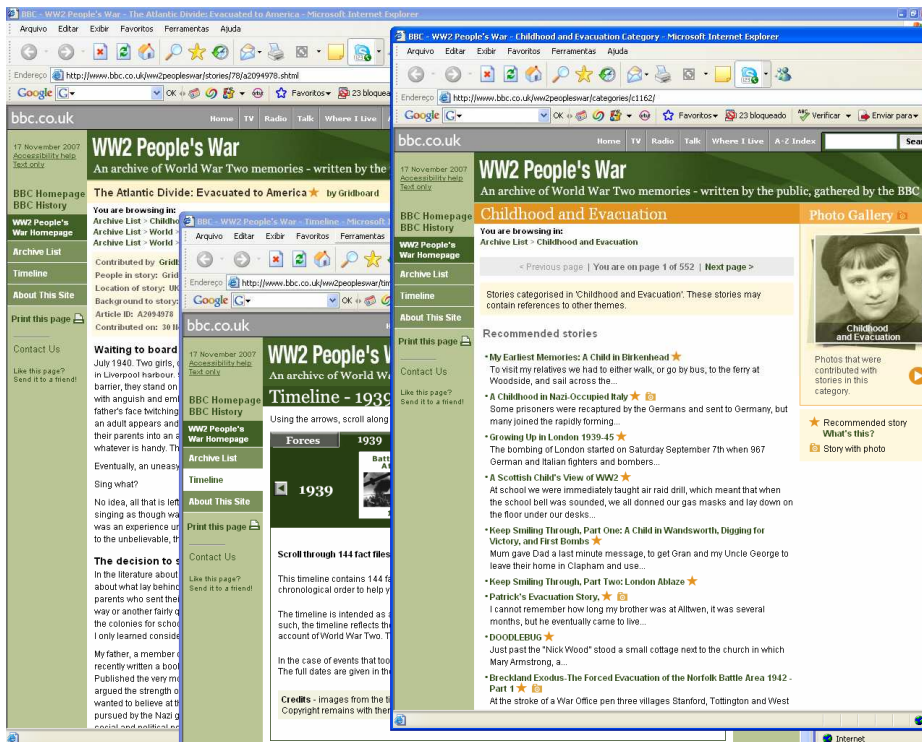
Eis a tela onde lemos o testemunho em foco:

¹³ Sobre este processo de indexação, ver: <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/about/siteinformation.shtml#categories> (acessado em setembro de 2007)

¹⁴ Ver: <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/stories/78/a2094978.shtml> (acessado em outubro de 2007)



Em alguns cliks a tela estava assim:



A narrativa é entrecortada por estes outros elementos do próprio acervo e , ao mesmo tempo, de fontes disponíveis na rede mundial de computadores. No perfil desta usuária havia seu endereço eletrônico e trocamos algumas mensagens sobre sua participação no projeto. A autora informou que este relato foi escrito anteriormente e que quando soube através da imprensa deste projeto decidiu participar pois tinha o desejo de preservar esta memória (em suas palavras: *Since it was already written, I thought it would reach a larger audience in the context of wartime memories. And I believe that such memories should be preserved*¹⁵). Este relato é recomendado pelo editorial do site e para fins didáticos, por exemplo, é aconselhado a impressão de extratos dos testemunhos previamente preparados para tal finalidade. Assim, a leitura torna-se estritamente semelhante a qualquer outro relato impresso. O ciclo é bastante interessante: neste caso o impresso foi para o suporte digital e pode voltar ao papel com outra finalidade e formatação. *Atlantic Divide* é um testemunho recomendado para se trabalhar conteúdos relacionados ao retorno das crianças inglesas e ,de modo mais amplo, o pertencimento a uma cultura britânica. Um dos pontos selecionados para as atividades é o trabalho com os estudantes sobre a dificuldade de sentir-se parte da nação narrada no testemunho. Trata-se de mais um gancho criado para discutir questões relativas à construção de identidade, uma idéia estruturante do projeto do acervo *People's War*.

A noção de que as memórias individuais integram um todo fez parte inclusive da estratégia de marketing do *website*. Em uma chamada realizada para televisão, o narrador convoca os ingleses: *digite seu testemunho.(...) Suas memórias são parte da nossa história; por favor, compartilhe conosco. (Type your experience (...) Your own memories are part of our history. Please share them with us)*.O vídeo está incluído no anexo digital e traz elementos visuais que ajudam a entender este projeto de arquivo. Não apenas as palavras acima citadas, mas as imagens selecionadas, o tom de proximidade na voz do narrador ao mostrar fotografias da época faz emergir uma atmosfera propícia a troca de experiências. Parece claro que a estratégia de marketing é tornar algo que pareceria frio, como a escrita no computador, em algo mais próximo de uma conversa no tradicional chá

¹⁵ E-mail, 07/11/2007.

das cinco na Inglaterra. Além disso, chama atenção nesta peça publicitária a apresentação da memória como algo simples, sem muitos conflitos. É fácil e rápido como acessar uma página na rede mundial de computadores. Estas noções e a própria interface do portal propiciam uma profusão de fragmentos de memória, registros esparsos dos anos de guerra. Este é um dos aspectos que pretendemos trabalhar com mais dois exemplos de testemunhos presentes neste acervo, ainda na categoria vida doméstica.

O relato *Emergency Cream and Soya Marzipan: Christmas Cakes in 1943* é um exemplo típico da categoria vida doméstica. É um relato de como nas vésperas de natal de 1943 os donos de uma pequena loja (*grocery*) conseguiram preparar sete bolos de natal com os poucos ingredientes disponíveis. A corrida contra o tempo e a criatividade empreendidas em meio à escassez de produtos são aspectos enfatizados no texto assinado por Volnay. A autora tinha 11 anos na época do relato e conta como ela e sua mãe utilizaram uma combinação de ovos desidratados e farinha de soja para fazer uma cobertura que de alguma maneira parecesse como *marzipan*. O trecho abaixo narra de modo bem humorado o episódio:

“Well! You can imagine how ghastly that tasted. It was also very lumpy. But the far more difficult problem was to devise some substitute for marzipan. There were no ground almonds, nor fresh eggs. We used water, dried egg, soya flour and almond essence. The resultant paste was a brilliant yellow. The combination of soya and almond essence gave off a strong bitter aroma, which might pass for the smell of marzipan provided it was breathed through a gas mask”¹⁶.

Este é um relato curto que traz poucas referências sobre o período de guerra para os protagonistas do testemunho. É um relato de um episódio; um instantâneo da véspera de natal de 1943. Há ainda contribuições mais curtas do que esta. Seguindo este mesmo tema encontramos uma receita de *marzipan* de autoria de Cliff Richards e Shirley Richards com apenas 26 palavras ou um total de 119 caracteres:

“Recipe for Mock Marzipan:

¹⁶ Este relato consta no nosso anexo digital. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/stories/26/a2362826.shtml> (acessado em 11 de agosto de 2007).

1/4 lb. melted margarine, 6ozs. semolia, 1/4 lb. castor sugar, 1 egg, spot of almond essence. Beat egg in last to bind”¹⁷.

O pequeno registro da gastronomia em tempos de guerra é também um exemplo dos fragmentos do passado contidos neste acervo digital. A leitura na tela do computador impõe certos limites, sobretudo tratando-se de um *site* voltado para um certo público e com objetivo de tornar-se uma referência na Inglaterra. Muitos autores já apontaram para essa característica da cultura contemporânea do ciberespaço e algumas ferramentas de tecnologia da informação levam isso ao extremo. O Twitter desenvolvido pela Apple é uma espécie de *blog* com limite de poucas linhas para mensagens. Há uma intensa circulação, mas de mensagens curtas. Um caso exemplar desta cultura das mensagens telegráficas foi a iniciativa da revista eletrônica *Smiths*, que propôs aos seus usuários escreverem uma “biografia” em seis palavras. A iniciativa foi um sucesso, mais de 15.000 pessoas deixaram seus “relatos” no site da revista e agora já existe um livro com estes curtos relatos biográficos de anônimos e famosos¹⁸. Este pequeno parêntese, sobre os variados e constantemente mais curtos registros online, tem por objetivo apenas situar-nos no universo no qual está inserido este acervo digital da BBC. Embora, como veremos adiante este é um arquivo bastante eclético quanto ao estilo e ao conteúdo.

Encontramos na tela do computador desde textos curtíssimos até outros materiais bastante lapidados. E há ainda um terceiro tipo bem interessante: os fragmentos de memória que foram sendo reelaborados no processo de criação e divulgação no acervo *online*, caso do próximo exemplo que enfocaremos.

O relato da família de Mary e Andrew Kenedy, missionários ingleses que se conheceram e se casaram na China, encontra-se na categoria vida doméstica. A primeira frase já nos revela o processo de construção: “este é um texto ainda em elaboração” (*Please note this story is a work in progress and will be added to in the near future*¹⁹). O texto foi escrito pela neta do casal de missionários Sarah Shires, mas contou também com

¹⁷ Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/stories/72/a2729072.shtml> (acessado em 11 de outubro de 2007).

¹⁸ Há uma seleção destas biografias telegráficas em :<http://www.smithmag.net/>. Eis a referência do livro: Smith, L., Fershleiser, R. *Not Quite What I Was Planning: Six-Word Memoirs by Writers Famous and Obscure*. HarperCollins e-books, 2008.

a participação de outras pessoas da família. Além disso, como percebemos nas caixas de mensagens abaixo do texto houve uma interlocução com um outro familiar (Stanley Jones) que escreveu sobre outro período da história do casal, também para o arquivo da BBC. O relato de Sarah narra a epopéia do encontro em uma estrada lamacenta quando a enfermeira Mary estava em certo perigo com dois chineses que faziam o seu transporte e não conseguia compreender bem o idioma. Andrew, missionário há mais tempo naquele país, ajudou-a e a partir de então os dois passaram a trocar correspondências até o casamento na Igreja Anglicana de Chengdu (região central da China). Já os relatos de Stanley Jones narram um outro período do casal: a volta para Inglaterra e o nascimento dos filhos. Neste caso são memórias complementares que se relacionam através de *links*. Não estamos dizendo que o acervo favorece um tipo de prática colaboracionista do tipo web 2.0 ou wikis²⁰, onde cada leitor pode interferir no resultado final do texto. Não se trata, está claro, deste tipo de interação, mas algo que ocorria numa menor velocidade de contatos e geralmente entre pessoas de uma mesma família, de um bairro ou que vivenciaram uma experiência em comum (estiveram no mesmo navio, no mesmo pelotão, etc.). Neste caso em foco é possível perceber que as narrativas são complementares e não houve discussão de versões diferentes sobre o passado familiar. Pode-se dizer que o que passou para tela do computador foram memórias que antes circularam amplamente nos encontros familiares²¹.

Os testemunhos sobre Mary e Andrew Kenedy estão espalhados em cinco sessões do arquivo e trazem detalhes da vida do casal de missionários. Embora os relatos tragam uma memória de segunda e terceira geração, essas narrativas não podem ser caracterizadas como micro-fragmentos. Ao mesmo tempo também não pode ser classificada como uma narrativa memorialista nos moldes tradicionais seja da biografia

¹⁹ Ver anexo digital. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/stories/38/a4206638.shtml> (acessado em 8 de outubro de 2007).

²⁰ Wikis são o tipo de tecnologia informacional que permite a diversos usuários a manipulação dos conteúdos postados, sendo a utilização mais famosa a Wikipedia. Web 2.0 foi um termo primeiramente utilizado por Tim O'Reilly que organizou a primeira Conferência Internacional Web 2.0, em 2004, na qual o termo foi utilizado para descrever uma segunda fase da rede mundial de computadores onde se pressupunha uma maior interatividade. Ver, O'Reilly, Tim. *What is web 2.0?* (2005) Disponível em : <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> (acessado em 5 de dezembro de 2007)

²¹ As mensagens de Stanley Jones e as informações contidas no seu perfil nos levam a fazer tal afirmativa. Ver: <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/user/40/u1592840.shtml> (acessado em 8 de outubro de 2007).

do homem público, seja dos relatos confessionais em primeira pessoa. Há um misto de estilos na tela, que mescla elementos diversos deste percurso histórico dos relatos de memória e compõe uma tessitura própria a partir dos elementos do texto eletrônico e da interface criada pelo site da BBC.

Além dos testemunhos, o acervo contém também alguns documentos que foram digitalizados. Há fotografias e cartas como por exemplo a da primeira dama, Constantine Churchill agradecendo uma doação para obras de caridade como vemos na imagem abaixo²².

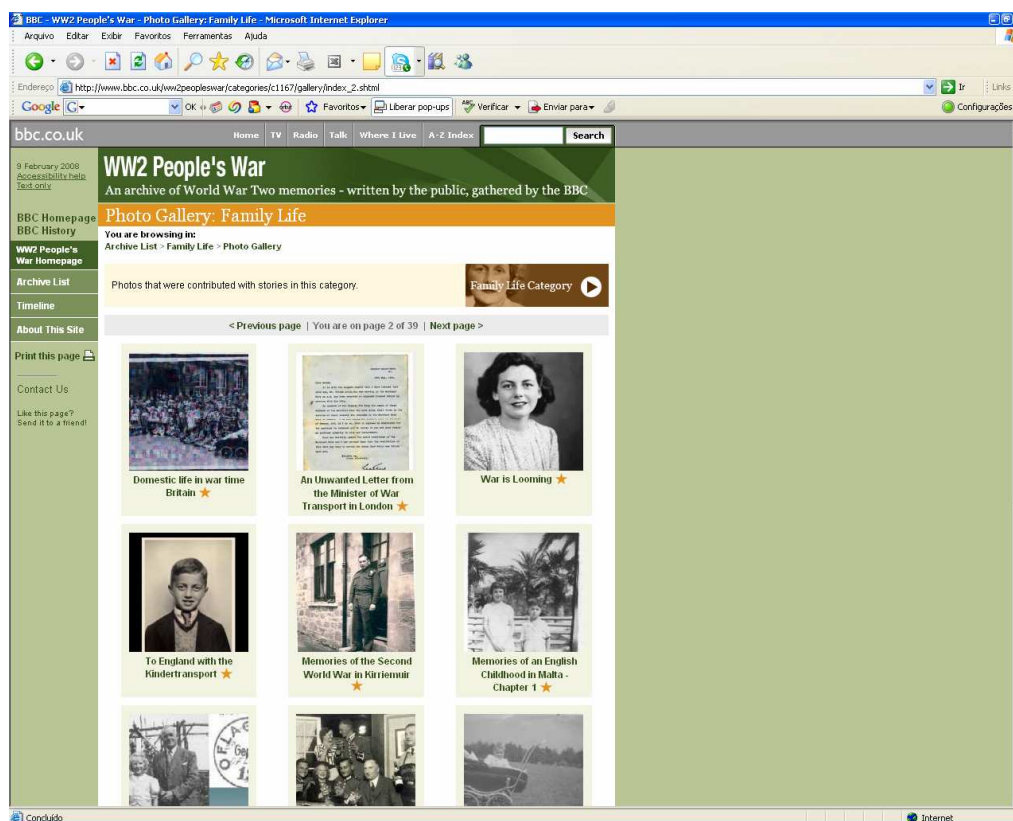


Documento disponível

em: <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/stories/82/a8271182.shtml> (acessado em 5 de novembro de 2007)

A presença dos documentos escritos neste acervo é um dado que não pode ser desprezado. É mais um elemento que revela o quanto as noções de história e memória estão intrincadas na concepção do projeto e na recepção do mesmo pelo público. O documento escrito desempenha tradicionalmente a função de prova (advinda do direito) no discurso da disciplina histórica. Não se pode negar que o discurso historiográfico

alcançou legitimidade a partir das pesquisas documentais e que, de formas variadas, a premissa documental foi incorporada aos diferentes discursos que tratam do passado nos jornais, nos documentários, nas auto-biografias, nos blogs. A digitalização de documentos e fotos procura dar ao relato um aspecto verossímil; conferir legitimidade às narrativas. A interface do site não apenas permitia a inclusão de imagens como estimulava esta possibilidade. Na indexação realizada posteriormente foi criada uma forma de se buscar relatos através de imagens. Explicando melhor: cada categoria do arquivo possui uma página que listava os testemunhos que trazem imagens. Assim, a consulta pode ser realizada a partir de imagens (fotos ou documentos) e não apenas por termos. A página abaixo nos mostra uma das galerias de imagens contidas no arquivo²³:



²² Esta imagem faz parte do anexo digital. Disponível em : <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/stories/82/a8271182.shtml> (acessado em 5 de novembro de 2007)

Estas galerias funcionam como uma ferramenta de busca; nota-se, assim, que os testemunhos com imagens recebem destaque no *site* pois podem ser acessados por diferentes vias.

3.3.3 Terceiro percurso : uma pedagogia da memória

Navegar no acervo digital People's War é defrontar-se a cada momento com uma proposta pedagógica. Testemunhos, fatos arrolados e explicados na linha do tempo, mobilização comunitária, *design* amigável, acesso a interfaces textuais simplificadas: enfim tudo nos dá a impressão de uma intenção de colocar uma lição em cada tela. A preocupação pedagógica é um dos pilares deste projeto como se pode ler no seguinte trecho do editorial:

“Esta proposta da BBC é fazer um serviço interativo que favoreça ao registro e possibilite ao público uma visão geral das histórias pessoais dos seus pais e avós durante a Segunda Guerra Mundial. (...) o site tornará possível ao público da BBC compartilhar as memórias e conhecimentos para construir um registro único da nação durante a guerra. O acervo deverá crescer e poderá ser utilizado por estudantes, historiadores e entusiastas para enriquecer suas pesquisas em qualquer aspecto da Segunda Guerra Mundial”

"This proposal is for a BBC interactive service which would help set the record straight and let the public piece together the personal stories of their father's or grandfather's service during the Second World War.(...), the site would then allow the[(the public of BBC] to share their memories and knowledge to build a unique record of the nation at war. As this grows it could then be used by students, historians and enthusiasts to further their research into any aspect of the Second World War."²⁴

²³ Disponível em: http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/categories/c1167/gallery/index_2.shtml (acessado em 10 de outubro de 2007).

²⁴ Ver, http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/about/project_01.shtml (acessado em 9 de outubro de 2007)

O objetivo pedagógico fica mais explícito na seção denominada *learning zone* (área de aprendizagem). Nesta parte encontram-se materiais desenvolvidos especialmente para atividades pedagógicas e voltadas para três públicos: professores, famílias e grupos comunitários. Não há muitos elementos decorativos nesta parte do *site*. O destaque é realmente dos extratos de textos selecionados e dos módulos compostos para auxiliar as atividades em sala de aula. Embora o aspecto visual seja bastante simplificado há um estímulo para que se utilizem as imagens contidas no *site*. A sugestão mais comum é que as fotos sejam impressas para serem distribuídas aos estudantes e se tornarem um material básico em alguma dinâmica sugerida. Um exemplo de proposta de atividade é justamente partir de algumas imagens coletadas pelo projeto. A atividade sugerida aos docentes é a seguinte:

1. O professor diz à turma que encontrou uma caixa de sapatos com fotografias antigas no porão de sua casa.
2. Apresenta o mistério: quem são esas pessoas? Apresenta um problema: estes indivíduos foram esquecidos?
3. Distribui as fotografias entre os alunos, em grupos, para que as imagens possam ser apreciadas.



Exemplos de imagens para a atividade:
http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/about/lzone_sources_remembrance.shtml
(acessado em 5 de novembro de 2007)

4. Distribui a seguinte lista de perguntas para guiar a apreciação das imagens: “qual a idade das pessoas nas fotografias? As fotos são coloridas ou em preto-e-branco? Que tipo de roupas as pessoas estão vestindo? Qual seria a profissão das pessoas? Que evidência pode ser encontrada nas imagens? É possível identificar o período histórico das imagens?”

5. Cada grupo deve discutir e apresentar as respostas.

Entre os objetivos arrolados desta atividade inclui-se a necessidade da geração atual de conhecer rostos anônimos que vivenciaram a Segunda Guerra Mundial que é possível através dos testemunhos deixados no *site*. As imagens são uma espécie de isca para levar o estudante a um rol maior de informações sobre o conflito. Outro objetivo importante é trabalhar a imagem como fonte histórica e, portanto, levar o aluno a compreender uma iconografia como um material fundamental para o historiador. Apontamos aqui para uma sincronia entre as premissas do *site* e as tendências historiográficas recentes. A imagem como fonte histórica tem sido cada vez mais utilizada em diversas áreas da produção historiográfica. Peter Burke em seu livro *Testemunha Ocular*, sobre o uso de imagens na construção do conhecimento histórico, inicia a discussão sobre o tema da seguinte forma:

“este livro está primordialmente interessado no uso de imagens como evidência histórica. É escrito tanto para encorajar o uso de tal evidência, quanto para advertir a respeito de possíveis perigos. Nos últimos tempos, os historiadores tem ampliado consideravelmente seus interesses para incluir não apenas eventos políticos, tendências econômicas e estruturas sociais, mas também a história das mentalidades, da vida cotidiana, a história da cultura material, etc. Não teria sido possível desenvolver pesquisa nestes campos relativamente novos se eles tivessem se limitado a fontes tradicionais, tais como documentos oficiais²⁵

²⁵Ver, Burke, Peter. *Testemunha Ocular*. São Paulo, EDUSC, 2004, p.11.

Outro aspecto que gostaríamos de chamar atenção por sua presença nesta atividade e em muitas outras é a perspectiva de se partir do presente para o passado. No caso em foco seria partir de imagens encontradas por acaso numa construção contemporânea. Em outras atividades a sugestão é fazer questões sobre a vida cotidiana dos estudantes e a partir daí criar comparações com o período da Segunda Guerra Mundial. A idéia de que deve-se construir uma percepção histórica a partir da experiência cotidiana é uma premissa compartilhada por muitos estudiosos que trabalham com a transmissão do conhecimento histórico, um campo também denominado de “saber histórico escolar”²⁶. Vê-se que neste aspecto a equipe educacional do site está em sintonia com postulados em voga, não reproduzindo apenas uma antiga noção de uma história distante que ensina por exemplos. Claro que há a noção primeira da possibilidade de se ensinar valores através do conhecimento do passado, mas a forma utilizada é aproximando este passado do cotidiano dos alunos. Esta via de acessar o passado através da tela e seus usos pedagógicos, aqui apenas brevemente apontada, nos coloca diante de questões mais amplas relacionadas a recepção deste material digital. Que usos foram dados? Como este imenso conjunto de narrativas (longas e curtas) e imagens (antigas e novas) tem sido recebido nos ambientes escolares? Certamente um estudo sobre a recepção deste material poderia nos informar sobre as intrincadas vinculações entre memória, arquivo e ensino da história nas sociedades contemporâneas. No momento porém, dado o escopo do nosso estudo, e da escassez de informações relativas a este aspecto do acervo, resta-nos apontar a importância desta faceta pedagógica e indicar um possível caminho para prosseguimento destas pesquisas.

²⁶ Sobre o conceito de saber histórico escolar, ver: Bittencourt, Circe Maria Fernandes. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo:Contexto, 1998.

3.4 Fragmentos digitais: o que há em comum entre os 47 mil relatos online?

Julio Cortazar já escreveu: *a passagem do ontem para o hoje, a primeira agulha do esquecimento na recordação*²⁷. O esquecimento tece a memória não apenas nas imagens literárias; sabe-se que o ato de registrar implica também em esquecer. Difícil é saber como se dá esse jogo entre recordar e esquecer numa dada circunstância; como tantas agulhas tecem e disputam formas e cores a cada instante. Neste tópico, podemos dizer que a nossa pergunta poderia ser: como tecem as agulhas eletrônicas do acervo *People's War*? A imagem de Cortázar não é meramente aleatória. O livro do escritor argentino é um clássico da literatura que propôs um percurso de leitura não linear. Ou seja, além da ordem sucessiva tradicional há uma sugestão de leitura intercalada e ao final de cada capítulo há a indicação deste percurso alternativo. O autor propõe um caminho, mas sabe-se que cabe ao leitor seguir, parar, voltar... Da mesma forma pensamos que a equipe da BBC propõe percursos de leitura do acervo e este será o foco da nossa interpretação. Embora a recepção de um acervo como este possa ser alvo de um estudo muito interessante, está fora das nossas ambições atuais. Neste tópico gostaríamos de retomar alguns aspectos do acervo: a disposição visual e os enquadramentos dos registros que fomos apresentando ao longo do capítulo. A intenção é fazer emergir as especificidades destes testemunhos em suporte digital, ou ainda, uma sintaxe eletrônica com seus elementos novos e antigos.

Em primeiro lugar, diferentemente de um arquivo histórico tradicional este acervo traz uma clara preocupação com a sedução do usuário. Isto é: os testemunhos devem ser convidativos, as imagens devem reter o olhar apressado de quem navega. Estes preceitos estão nas dicas para quem vai deixar o seu testemunho e também implícitos nos elementos visuais da interface. Um exemplo significativo é a identificação visual do acervo que contém o *slogan* do projeto: um arquivo de memórias da Segunda Guerra Mundial - escrito pelo público, coletado pela BBC (tradução livre).

²⁷ Cortazar, Julio. *O jogo da Amarelinha*. [tradução de Fernando de Castro Ferro] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 427

WW2 People's War

An archive of World War Two memories - written by the public, gathered by the BBC

A imagem acima, na qual não se pode deixar de perceber os holofotes, nos indica o tom espetacular que os testemunhos passam a ter no âmbito deste acervo digital. As campanhas publicitárias da BBC sobre o arquivo possuem o mesmo tom, como é possível verificar nos vídeos que colocamos no CD do nosso anexo digital. Ali, as imagens em movimento, a voz do locutor e mesmo o movimento de câmera que parte de uma cena geral até os holofotes que focalizam o V da vitória, nos indicam que estamos diante de uma recordação espetacularizada; sem conflitos, nem lágrimas. No vídeo, há as luzes da ribalta, mas dentro de um cenário intimista e aconchegante de uma sala de estar inglesa com muitos porta-retratos. A câmera enquadra fotografias onde vemos homens e mulheres “comuns”, sem cenas de guerra que possam chocar a audiência. Aqui, chegamos em um ponto onde podemos identificar as agulhas eletrônicas tecendo esquecimentos. Esta peça publicitária do acervo é também um vestígio importante para se entender o tipo de testemunhos que eram apreciados. Como já mencionamos anteriormente havia uma diretriz de buscar testemunhos interessantes, do ponto de vista do grande público, mas isto não significa dizer que houve censura ou restrição às contribuições de caráter político ou com conteúdos mais realistas, e, portanto, chocantes. Importa porém perceber que tanto nas campanhas publicitárias, como nas dicas presentes no *website*, houve uma clara tendência de convidar testemunhos que relatassem o cotidiano inglês e, com isso, há uma tendência à obliteração de outros tipos de testemunho.

Ensinar e entreter: estes parecem os verbos centrais para se compreender este acervo digital. O objetivo de tornar o passado pedagógico, mas também espetacular é algo que perpassa todo o acervo. Mas, como isto é feito? Destacar os testemunhos mais bem escritos (com estrelas amarelas) ou as narrativas mais atrativas com chamadas na primeira página, foram algumas das formas de conduzir o percurso de leitura. Estes

mesmos testemunhos receberam destaque na concepção do material didático disponível *online*. Tal seleção é um elemento que faz deste acervo algo com um enquadramento próprio do passado dos indivíduos, registrado em um instrumento coletivo com um filtro estilístico. Como já o disse, de uma maneira extremamente precisa, Henry Rousso: *Escrito, oral ou filmado, o arquivo é sempre o produto de uma linguagem própria, que emana de indivíduos singulares ainda que possa exprimir o ponto de vista de um coletivo (administração, empresa, partido político, etc.)*²⁸. Nesta pesquisa mais do que procurar um ponto de vista de um coletivo, neste caso a BBC, parece fundamental apontar os possíveis enquadramentos da concepção do arquivo que irão permear cada registro individual ali realizado. Ou ainda, estes enquadramentos seriam justamente esta “linguagem própria” onde não nos interessa julgar se corresponde a uma boa forma de registro. Afinal, o que seria uma boa forma de preservar memórias? Esta é sem dúvida uma questão imprópria. Importa aqui identificar as especificidades, os pontos críticos, os embates pouco visíveis ao se consultar um acervo numa tela do computador em um quarto, em uma sala de aula ou em um cybercafé.

As análises de Roger Chartier sobre a escrita no mundo eletrônico nos ajudam a pensar sobre este acervo. Segue uma citação com algumas questões a serem problematizadas a seguir:

“O que se torna mais difícil, contudo, é a percepção da obra como obra. A leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas(...). Assim quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhe uma nova forma de inscrição. A originalidade e a importância da revolução digital apóiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o livro unitário e está alheio à materialidade do códex.”

²⁸ Rousso, Henry. O arquivo ou indício de uma falta. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n.17, 1996, p.4.

Neste acervo está claro que a obra é o conjunto dos indivíduos e, sobretudo, como apontamos, os enquadramentos das interfaces ali pensadas e implementadas pela equipe da BBC. De fato, estamos diante de uma nova forma de difusão dos escritos testemunhais. A preocupação com as formas de leitura na tela levou a criação de secções de 3000 caracteres. Como já mencionamos este não é um limite que possa ser desprezado numa análise sobre este acervo. Se o testemunho oral deve ser compreendido a partir de ritmo, das entonações das interações com os interlocutores; o testemunho *online* deve ser interpretado levando-se em consideração os aspectos centrais desta interface como o de limite de tempo de leitura. Para se ter uma idéia da importância desta variável na composição dos textos que são publicados eletronicamente basta citarmos como exemplo a prática corrente de indicação do tempo médio de leitura. Em que outro suporte o leitor é previamente informado sobre este tipo de estatística? Na imagem abaixo, retirada do *blog* de Ismael Pena-lopez, um professor da Universidade da Catalunha, destacamos em amarelo a indicação da suposta duração de leitura do seu texto²⁹.



Esta prática nos informa sobre a importância do tempo de leitura neste suporte da escrita. A escolha deste exemplo tem por objetivo, mais uma vez, situar o acervo digital no mundo no qual ele está inserido e com o qual dialoga. De uma maneira geral, podemos dizer que ao escrever um registro para ficar depositado em um acervo digital, o indivíduo recebe tais limites não apenas pelas orientações do site, mas também dadas às suas

²⁹ Disponível em: <http://ictlogy.net/about-me-v50/> (acessado em janeiro de 2008)

vivências como leitor de textos eletrônicos. Porém, neste caso específico a maior parte das pessoas que contribuíram não possuíam muitos contatos prévios com o mundo da informática, daí que as instruções foram fundamentais. Observamos que muitos adaptaram textos previamente escritos ou deram um depoimento oral que posteriormente foi digitado (muitos voluntários trabalharam nesta etapa). Assim, percebemos que as continuidades com o tipo de registro escrito e oral também devem ser notadas e que as preocupações com as especificidades do meio foram mais relevantes na concepção deste objeto do que na sua apreciação pelos participantes do projeto.

Retomando a citação do historiador francês, vemos que há um novo tipo de textualidade, porém no caso dos testemunhos *online* há uma nítida relação com as heranças deste gênero que podem ser lidas a cada *click*. Em primeiro lugar, como mencionamos no primeiro capítulo a própria escolha do testemunho como o lugar central para a legitimação de uma dada memória sobre o passado está em completa sintonia com uma tradição ocidental. Situa-se, nos termos de Beatriz Sarlo, em uma cultura de memória pouco afeita a injunções críticas. O acervo digital neste sentido possibilita um relato individual com poucos dispositivos que propiciavam uma interação crítica. Sim, havia as caixas para deixar mensagens, mas o que pudemos observar é que como não havia uma diretriz editorial com o objetivo de propor releituras ou comunicações entre os participantes a maioria dos testemunhos não recebeu muitas mensagens e permaneceu como uma rememoração particular sobre o passado. A relação com a disciplina histórica, por sua vez, se fez através de uma Linha do Tempo, um recurso visual tradicional que em geral remete a uma passagem linear do tempo. Os fatos selecionados, por sua vez, e os verbetes ali inseridos traziam informações relevantes, porém não se pode dizer que houve uma preocupação analítica marcante que tratasse por exemplo de ambigüidades políticas e sociais. A Linha do Tempo é igualmente um elemento constitutivo de uma pedagogia da memória ali presente. Batalhas e eventos militares constituem a maior parte dos verbetes e elementos cruciais na constituição de uma memória inglesa estão ali representados. Winston Churchill é uma figura central e as considerações que remetem a uma perspectiva de memória oficial, como por exemplo no seguinte trecho:

“His other great talent was the ability to galvanise an entire nation and he depended on eloquence and intelligence to impart national spirit and unflinching determination in the face of Germany and Italy's

warmongering. Even though he promised nothing more than 'blood, toil, tears and sweat', he inspired courage on the Home Front."³⁰

Analisar em profundidade esta narrativa historiográfica não é parte dos nossos objetivos, pois além de nos obrigar a uma exegese da bibliografia inglesa sobre a Segunda Guerra Mundial teríamos de focalizar apenas um aspecto do acervo. Nossa proposta aqui é tão somente demonstrar de que forma os conhecimentos históricos foram inseridos neste projeto da BBC, explorando sua composição geral. Neste sentido, podemos afirmar que é uma narrativa histórica fragmentada e “presentista”, para usar o termo de François Hartog. Os verbetes atendem sobretudo a um objetivo mais imediato de servir de referência factual às memórias ali depositadas. Vê-se um esforço de dotar o acervo de uma maior inteligibilidade para aqueles que não vivenciaram a segunda metade do século vinte. Nos textos encontramos narrativas fragmentárias que apostam numa perspectiva de múltiplas verdades. As concepções presentes na Linha do Tempo podem ser lidas como um exemplo do que Hartog chamou de tentação pós-moderna, afirmando: *no limite, não há mais história, mas somente usos do passado. Múltiplos, multiformes, multívocos, eles se fazem a título da memória e em nome da identidade: a cada um sua memória.*³¹ Assim, podemos dizer que no caso deste acervo a narrativa historiográfica atende aos objetivos do projeto de memória.

Por fim, vimos que ao investigar os registros do passado realizados via computador devemos considerar não apenas as implicações próprias das novas tecnologias, mas igualmente as vicissitudes de um projeto institucional, como este da BBC. Implica, portanto pensar sobre a “linguagem própria” do acervo, que neste caso põe em primeiro plano o cotidiano das pessoas comuns, as imagens menos chocantes, as memórias mais glamourosas da Segunda Guerra Mundial.

³⁰ Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/timeline/> (acessado em 10 de janeiro de 2008).

³¹ Hartog, François. *Tempos do mundo, História, Escrita da História*. In: Salgado, Manuel Luiz Guimarães (org.). *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006, p.23.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este sobrevôo rasante e veloz sob um território pouco mapeado da rede mundial de computadores nos oferece uma visão parcial da complexidade das questões em pauta. As novas tecnologias deixaram de ser apenas um tema dos livros de ficção científica e foram incorporadas ao cotidiano, porém ainda podem trazer dimensões recônditas. As imbricações aqui abordadas apontam justamente a necessidade de investigar como o passado, entre memórias e histórias, tem sido reelaborado neste mundo composto por *bits*.

Nesta dissertação, escrita também utilizando os códigos binários de um computador, utilizamos os tradicionais recursos analíticos para abordar as relações entre registros do passado e configurações nos campos do saber da memória e da história. Nestas considerações finais gostaríamos de apresentar um pouco do percurso desta pesquisa: alguns percalços e muitos desafios encontrados na construção de nosso objeto. Em primeiro lugar, a escolha do site da BBC *People's War* foi realizada por tratar-se de um tipo de arquivo onde os testemunhos poderiam ser modificados pelos seus autores a qualquer momento. Esta especificidade de tais fontes nos colocava diante de uma série de questões, perguntávamos sobretudo que tipos de mudanças as novas tecnologias da informação estar promovendo ou desencadeando nas reelaborações da memória social.

A proposta inicial do projeto era, portanto, focar principalmente os deslocamentos envolvidos nestas novas operações com o passado recente; destacando o papel do suporte digital e toda uma "ecologia cognitiva" relacionada aos usos da internet. Todavia, ao final de 2005 a equipe do *website* da BBC informou que o arquivo, a partir de março de 2006 não permitiria mais a atualização dos autores. Tal transformação, prevista nos planos da BBC, mas até então não divulgada para os internautas, causou uma

pequena reviravolta em nossos objetivos iniciais. O suporte é digital, sem representação no mundo concreto, porém estávamos agora perante de testemunhos fixados por seus autores e indexados pela equipe do *website*. Diante dos novos fatos, o que fazer com a hipótese inicial sobre a fluidez dos testemunhos, onde as correções e interações seriam constitutivas desta nova maneira de registrar o passado? Este episódio confirmou as teses tão bem formuladas pelos estudiosos da história da comunicação, tais como Roger Chartier, Peter Burke e Pierre Levy. Estes autores, em suas análises, alertaram-nos para a impossibilidade de pensar tal processo histórico a partir de uma perspectiva de progresso linear. Há sim intercorrências, usos compartilhados de tecnologias "antigas" e recuos nos desenvolvimentos que anteriormente poderiam parecer óbvios. Além de abandonarmos a hipótese inicial, estas mudanças nos inseriram em um movimento que nos impulsionou a repensar nossos procedimentos de análise e as formas de tratar nossas fontes. Ao invés de rapidamente inventar uma nova hipótese, fomos em busca de uma forma de investigar as relações entre nosso estudo de caso e as questões em debate sobre a memória, a história e as novas tecnologias. A obra de Jonathan Crary nos serviu de bússola, como já mencionamos, e dadas às configurações do nosso próprio objeto e do estado da arte neste campo específico, procuramos fazer desta dissertação um primeiro mapeamento entre pontos que julgamos cruciais ao longo da nossa pesquisa.

A mudança ocorrida com a fixação do acervo digital também colocou em relevo o papel da equipe da BBC na indexação dos testemunhos e no destaque dado a determinados tipos de relatos. Assim, a necessidade de analisar o conjunto das contribuições individuais a partir dos enquadramentos dos projetos, levou-nos a investigar mais detidamente as relações da BBC com a construção de uma identidade nacional britânica. Tal proposta nos levou a uma percepção mais ampla do projeto, inserindo-o numa perspectiva histórica que vislumbra as relações entre a memória social inglesa e a Segunda Guerra Mundial. Uma consulta a uma bibliografia específica nos colocou diante de um cenário de valorização do cotidiano da guerra e dos sacrifícios

realizados pelos ingleses como um dos elementos chave para a compreensão das memórias sobre este evento fundamental do século passado. Deste modo, procuramos entender desde a escolha dos elementos visuais, como fotografias de pessoas comuns, até os direcionamentos propostos nas atividades pedagógicas do acervo, a partir de uma perspectiva histórica, especialmente relacionada às memórias nacionais e a uma historiografia bastante crítica sobre a memória oficial inglesa.

Pensando em aprofundar estas questões e entender as vias de produção deste material estabelecemos, no início de 2005, alguns contatos com a equipe editorial. Naquela ocasião chegamos a deixar pré-agendada uma entrevista com um membro da equipe na British Library em Londres e posteriores visitas aos centros comunitários que faziam o recolhimento de contribuições. Contudo, nossa viagem, já marcada por motivos particulares, coincidiu com os atentados ao metrô de Londres em 7 de julho de 2005. Devido a tal circunstância, a circulação na cidade ficou consideravelmente afetada e ficamos impossibilitados de realizar a pretendida entrevista. De volta ao Brasil, ainda trocamos algumas mensagens eletrônicas, mas a reestruturação do site trouxe mudanças significativas e foram muitas as mensagens que ficaram sem resposta.

A partir de novembro de 2005, o projeto deixou de ser um espaço de interações instantâneas e o público passou a ter menos acesso às informações. A fixação do acervo significou que não mais havia uma equipe de trabalho na BBC responsável pelo site; havia apenas uma manutenção técnica. Com isto, embora pensássemos a princípio em tentar criar um perfil dos colaboradores e enriquecer nossa análise com dados sobre o processo de criação, vimos que esta seria uma tarefa pouco produtiva, dadas as dificuldades na obtenção de informações básicas, como por exemplo, estatísticas de acesso. Inúmeras vezes tentamos conseguir esses números que são fornecidos por contadores no servidor da BBC, porém nossas demandas nunca foram respondidas. Pesquisei em listas de discussão da *International Association of Internet Research* outros métodos para averiguação do acesso, todavia a experiência dos pesquisadores foi clara

qual seja: o procedimento indicado seria a contratação de um serviço caríssimo (desnecessário dizer que era inviável para os fins desta dissertação) de empresas, como por exemplo , Alexa.com, isto porque serviços gratuitos como o Google Ranks apenas situam a página em um imenso universo, mas não fornece dados específicos sobre visitação, secções, etc. Tais contingências colocaram em segundo plano a produção e a recepção do acervo_direcionando nossa análise para uma compreensão do *website* como objeto cultural, e enfocando suas especificidades no enquadramento das informações escritas e visuais.

Ao mesmo tempo essas relações foram pensadas a partir de um cenário composto nos primeiros capítulos sobre a emergência de campos de discurso, como o patrimônio digital. E neste ponto, vale tecer algumas considerações sobre a consulta às fontes desta pesquisa. Muito embora este estudo escape aos contornos tradicionais de uma pesquisa histórica, a preocupação com a utilização de fontes de informação importantes para a compreensão do nosso objeto esteve sempre presente. A busca por ferramentas para arquivamento de páginas e organização de uma grande quantidade de dados digitais integrou nosso trabalho no curso de mestrado. A descoberta de que as páginas da BBC, desde 2005, estavam arquivadas no *Internet Archive* , trouxe um alento , pois não seria necessário arquivar em nosso computador pessoal uma grande quantidade de páginas. E assim prosseguimos realizando nossa pesquisa , até que em agosto de 2007 verificamos que esta instituição havia perdido um ano de páginas. Escrevi e-mails, participei de fóruns com outros pesquisadores igualmente frustrados com os problemas técnicos sofridos pelo *Internet Archive*. Este percalço nos colocou diante da vulnerabilidade das informações apenas existentes em suporte digital na internet; e as questões apresentadas no segundo capítulo sobre patrimônio digital tomaram uma dimensão bastante concreta.

Embora o site *People's War* seja considerado um patrimônio e esteja arquivado na British Library , as páginas anteriores à fixação do acervo não estão disponíveis. Ou seja, se o pesquisador quiser acompanhar as modificações visuais, ou o processo de criação do

site, não há mais esta possibilidade de consulta. Passada a frustração, descobrimos que ainda se contava no computador pessoal com algumas imagens que foram inseridas neste trabalho e que integram o anexo digital. Este episódio nos colocou diante da necessidade de refletir sobre os procedimentos metodológicos ao se pesquisar dados na internet. Está claro que o "print screen" no lado direito do teclado é uma ferramenta importante, porém a qualidade da imagem gerada não possibilita a impressão. Tal especificidade desta mídia nos colocou diante da necessidade de um anexo digital, mais ainda nos levou a uma percepção de que estudar o passado em *bits* nos exige um "letramento digital" e nos impõe uma reflexão sobre o uso das tecnologias na própria composição desta dissertação.

Uma meta a ser ainda executada, a convite da professora Vera Dodebei, é produzir uma versão hipertextual deste trabalho, com *links* que funcionem como elementos explicativos, para publicar na página da Linha de Pesquisa Memória e Patrimônio (PPGMS). Será uma primeira experimentação e uma tentativa de utilizar um pouco da linguagem do nosso objeto de estudo na elaboração de nossa análise. Isto não significa dizer que toda construção do conhecimento sobre tais temas deva necessariamente fazer uso dos recursos disponíveis em softwares, banco de dados e ferramentas de visualizações. Não compartilhamos os mesmos ideais de David Staley ou do movimento em prol de uma "Public History". Apenas gostaríamos de mencionar que, dadas às especificidades deste objeto de estudo, parece-nos claro que nos futuros prosseguimentos desta pesquisa não só nos será de grande utilidade os aprendizados adquiridos ao longo do percurso, como também nos dispomos a experimentar outras formas de narrativa e de armazenamento de dados para consulta.

Para citar apenas um exemplo: o navegador e organizador de sites e referências chamado Zotero (criado por uma equipe multidisciplinar de historiadores e técnicos da George Mason University) foi colocado em teste em setembro de 2006 e passou a ser amplamente utilizado em 2007. Naquela altura, nossa biblioteca digital já estava alocada no Conotea, criado pela equipe da Nature e mais voltado para ciências da natureza.

Assim, um próximo passo é organizar o material coletado ao longo da pesquisa numa biblioteca online do Zotero e integrá-la à versão digital deste estudo. Aliás, o *Internet Archive* é um dos parceiros desta iniciativa, que vem tendo ampla aceitação e seu sistema é totalmente compatível com esta tecnologia informacional. Esperamos ter demonstrado que propor uma abordagem interdisciplinar entre ciência da informação e pesquisa com fontes digitais não é um objetivo que deve ficar na tangente em um projeto de maior porte. O manejo com as informações em suporte digital exige do pesquisador uma estratégia de organização dos dados.

Assim, reconhecendo e investigando as especificidades dos registros do passado que circulam em suporte digital, podemos afirmar, a partir de nosso estudo de caso do acervo digital *People's War*, que uma análise de tais reelaborações do passado deve se fazer não apenas a partir de seus condicionamentos tecnológicos, mas também refletir sobre as questões relativas à memória social. Neste sentido, retomando as discussões iniciais importa lembrar que a obra de Halbwachs, e a de seus herdeiros, é fundamental para se pensar os objetivos institucionais presentes no website *People's War*. As interfaces deste acervo digital nos informam sobre um projeto de construção de uma memória inglesa, na qual a participação na Segunda Guerra Mundial é um elemento marcante de coesão e constituição de uma identidade nacional.

A exaltação do sacrifício do povo inglês durante o conflito, sobretudo enfocando uma vida familiar repleta de privações, é um elemento central neste processo de enquadramento da memória, para usar os termos de Michel Pollack. Nos destaques das categorias, nos testemunhos selecionados pela equipe e nas orientações para os usuários, percebe-se claramente o lastro oficial da BBC. Todavia, o acervo não se resume a esta operação com a memória. O fato de cada indivíduo poder inserir *online* seu testemunho, sem mediações diretas com a equipe do projeto, abriu espaço para dois fenômenos: a fragmentariedade dos relatos e as vozes dissonantes. Assim, se devemos afirmar uma operação da memória por parte da equipe da BBC, devemos também mencionar que neste

acervo digital há que se perceber os pontos de fuga que podem levar a uma navegação por percursos discordantes de tal projeto. Uma pesquisa sobre a recepção do acervo (por indivíduos ou escolas) poderia nos informar até que ponto estas vozes dissonantes são efetivamente acessadas, mas este é tema de um outro estudo.

Nossa aposta neste trabalho foi a de lançar as primeiras sondas de observação em algumas encruzilhadas teóricas e práticas do mundo virtual. Se houvesse trilha sonora possível escolheríamos uma canção popular de Zeca Baleiro: *é mais fácil mimeografar o passado do que imprimir o futuro*. Neste percurso de pesquisa, notamos que é de fato fácil encontrar passados mimeografados. Há um imenso desafio não apenas de se pensar as relações entre memória e história, mas também de considerar tais relações no bojo das transformações tecnológicas em que estamos mergulhados. Esta dissertação é uma primeira aproximação com as redes deste nosso presente, com suas narrativas *mimeografadas* do passado e milhares de *bits* que nos conectam a um futuro de *lay out* indefinido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. *Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social*. IN: In: Gondar, Jô e Dodebei, Vera. *O que é memória social?* Rio de Janeiro; Contracapa/PPGMS, 2005.

AFONSO, Carlos A A *Internet no Brasil: o acesso para todos é possível?* Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.idrc.ca/uploads/user-S/10245206800panlacafoant.pdf>. (acessado em 15 de fevereiro de 2008).

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

ARTIERES, Philippe . *Arquivar a própria vida. Estudos Históricos*, 1998. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br (acessado em 15 de fevereiro de 2008).

BARRET-DUBROCCQ, Françoise (org.) *Por quoi se souvenir?*. Académie Universelle des Cultures. Paris: Bernard Grasset, 1999.

BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. *Uma história social da mídia – de Guttenbergh à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.

BOONSTRA, BREURE, DOORN. *Past, present and future of historical information science*. Historical Social Research / Historische Sozialforschung, Vol. 29 (2004), No. 2. Disponível em: http://www.niwi.knaw.nl/en/geschiedenis/onderzoek/onderzoeksprojecten/ppf_of_his/final_report/toonplaatje (acessado em setembro de 2007).

BURKE, Peter. (1991) *A escola dos Annales (1929-1989) – A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP.

BURKE, Peter (org.) *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

Instituto de pesquisas V2. *Capturing Unstable Media*. Holanda, 2003.. Disponível em: <http://www.v2.nl/> (acessado em agosto de 2007).

CHARTIER, Roger (1994). *A ordem dos livros*. Brasília, Ed. UnB.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. Unesp/ Imprensa Oficial, 1999.

_____, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2000.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo, Estação Liberdade/Unesp, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

_____, Michel. *A invenção do cotidiano- artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

_____, Manuel. *A galáxia da internet – reflexões sobre a internet , os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. *A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança*. Rio de Janeiro, Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, 2006.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. *Cibercultura: do caos informacional à produção de subjetividade*. Anais do XX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Informação. Ceará, junho de 2002.

CRARY, Jonathan. *Suspensions of perception: attention, spectacle and modern culture*. Cambridge(MA): MIT Press, 2001.

DARTON, Robert. *The new age of the book* The New York Review of the Book, vol. 46, n.5, 1999. Disponível em www.nybooks.com/articles/546 (acessado em 6 de dezembro de 2005).

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. *Espaços míticos e imagéticos da memória social*. In: Memória e espaço. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

_____, Vera L.D. *Patrimônio e memória digital*. Morpheus, Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano 4 N. 8, 2006. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm> (acessado em 10 de outubro de 2007).

_____, Vera L.D.. *Patrimônio e memória digital*. Morpheus, Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano 4 N. 8, 2006. <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>

ELEY, Geoff. *Finding the People's War: Film, British Collective Memory, and World War II*. *The American Historical Review* 106.3 (2001). Disponível em :<http://www.historycooperative.org/journals/ahr/106.3/ah000818.html>. (acessado em 30 de outubro de 2007).

FERREIRA, Marieta de Moraes. (2000) . *Les professeurs français et l'enseignement de l'histoire à Rio de Janeiro pendant les années 1930*. In: François Crouzet; Philippe Bonnichon; Denis Rolland. (Org.). Pour l'histoire du Brésil - Mélanges offerts à K. de Queirós Mattoso. 1 ed. Paris, v. 1, p. 123-140.

_____(2001) *A cadeira de História Moderna e Contemporânea: um espaço de crítica e renovação do ensino da História*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira et al.(Orgs.). Escritos sobre História e Educação: Homenagem à Maria Yedda Leite Linhares. 1 ed. Rio de Janeiro, 2001, v. 1, p. 553-568.

GODOY, Karla Estelita. Ciberespaço e memória. In: COSTA, Icléia Thiessen Magalhães e DILL ORRICO, Evelyn Goyannes (orgs). *Memória, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2002.

GONDAR, Jô. (2005). *Quatro proposições sobre memória social*. In: Gondar, Jô e Dodebei, Vera. *O que é memória social?* Rio de Janeiro; Contracapa/PPGMS, 2005.(p.11-27).

GONÇALVES, J. Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.) **Memória e Patrimônio**. Ensaaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-29.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *On the decent uses of history*. History and Theory, February 2001, v. 40, pp 117-127.

HARTOG, François, REVEL, Jacques . *Note de conjoncture histotigraphique..* In: HARTOG, François, REVEL, Jacques (orgs.) *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions de L'école des Hautes Études en Sciences Sociales, 2001.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Ao sul da Web*. World Culture Report, Unesco, 2000.
Hutton, Patrick. *History as an art of memory*. Vermont, University Press, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora revista do tribunais,1990 (primeira edição 1950).

_____, Maurice. *Lês cadres . Sociaux de la mémoire*, Paris, Editions de Minuit,1994 (primeira edição 1925).

HEARTFIELD, James. *Second World War : The Battle of the Books*.
(<http://www.spiked-online.com/Articles/0000000CAB12.htm>) Acessado em 10 de agosto de 2007.

HEYMANN, Luciana. *O "devoir de mémoire" na França contemporânea : entre a memória, história, legislação e direitos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 27f. Texto apresentado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas no III Seminário Pronex "Cidadania e direitos". Rio de Janeiro, 27-29, nov. 2006

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.

HARTOG, François. *Tempos do mundo, História, Escrita da História*. In: Salgado, Manuel Luiz Guimarães (org.). *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006.

HARTOG, François, REVEL, Jacques . *Note de conjoncture histotographique*. (p.20). In: HARTOG, François, REVEL, Jacques (orgs.) *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions de L'école des Hautes Études en Sciences Sociales, 2001.

HUTTON, Patrick. *Recent scholarship on memory and history*. *The history teacher*, vol. 33, n. 4 , 2000, 533-548.

KEEN, Andrew. *The cult of amateur – how today's internet is killing our culture*. New York : Doubleday/Currency, 2007.

KASTRUP, Virginia. *A rede : uma figura empírica da ontologia do presente*. In: Parente, André. (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre, Sulina, 2004 (p.80-91).

KLEIN, Kerwin Lee. *On the emergency of memory in historical discourse*. *Representations*. N. 69. Special Issue: Grounds for remembering. Winter, 2000 (p. 127-150)

JULIA, Dominique. BOUTIER, Jean. *Passados recompostos – campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV/Editoras UFRJ, 1998.

LAVABRE, Marie-Claire. *A memória fragmentada – pode-se agir sobre a memória?* *Cahiers Français* . 303. Juillet-aôut 2001 .

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____, Pierre. *Abrir o espaço semântico em prol da inteligência coletiva*. RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 129-140, jan-jun, 2007. Disponível em: <http://www.reciis.cict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/43/37> (acessado em 15 de fevereiro de 2008).

LICKLIDER, J. C. R. "The Computer as a Communication Device" *Science and Technology*, April 1968. Disponível em: <http://sloan.stanford.edu/mousesite/Secondary/Licklider.pdf>. (acessado em agosto de 2007).

LYMAN, P. "Archiving the World Wide Web." In: *Building a national strategy for digital preservation*. Washington, D.C.: Council on Library and Information Resources and Library of Congress, 2002.

Disponível em: <http://www.clir.org/pubs/abstract/pub106abst.html> (acessado em agosto de 2007).

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das Cidades*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2005.

JOHSON, Steven. *Cultura da interface – como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LAGROU, Pieter. Historiographie de guerre et historiographie du temps présent : cadres institutionnels en Europe occidentale, 1945-2000 » in *Bulletin du Comité international d'histoire de la deuxième guerre mondiale*, vol. 30-31, 1999-2000, pp. 191-215. En ligne : http://www.ihtp.cnrs.fr/equipe/Lagrou/historiographie_pl.html. (acessado em janeiro de 2006)

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LE GOFF, J. Memória. *Verbetes Enciclopédia Einaudi*. Campinas: Editora Unicamp, 1998.

LEJEUNE, Philippe. *Pour l'autobiographie*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

LERNER, Kátia. "Entrevistando sobreviventes do Holocausto reflexões sobre a construção de um arquivo". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 36, 2005.

LOWENTHAL, David. *Possessed by the past: the heritage crusade and the spoils of History*. Londres: The Free Press, 1996.

MARCUSCHI, LA, XAVIER, AC (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor. *Useful Void: The Art of Forgetting in the Age of Ubiquitous Computing*. Faculty Research Working Papers Series, John F. Kennedy School of Government - Harvard University, 2007.

MERLIN, D. *Is a picture really worth 1000 words?* *History and Theory*. N. 43, Outubro 2004, pp 379-385

MINUTI, Rolando. *Internet et le métier d'historien – réflexions sur les incertitudes d'une mutation*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

NAMER, Gerard (1994) Reediter Lês Cadres. Sociaux de la mémoire de Maurice Halbwachs. In: Halbwachs, Maurice. Lês cadres . Sociaux de la mémoire, Paris, Editions de Minuit.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Projeto História, PUC-SP, dez.1993.

NOVICK, P. *That noble dream. The objectivity question and the american historical profession*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi.(1994) *A América hoje: comemorando o quê?* Revista Estudos Históricos, n. 14.

O'REILLY, Tim. *What is web 2.0?* (2005). Disponível em : <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> (acessado em 5 de dezembro de 2007)

PARENTE, André (org.) *Tramas da rede – novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *Field notes from Harlam County*. Disponível em: <http://www.albany.edu/jmmh/http://www.albany.edu/jmmh/>)

REIFF, Janice I. *Structuring the past: the use of the computer in History*. Washington, D.C: American Historical Association, 1991.

REVEL, Jacques. *História e ciências sociais: uma confrontação instável*. In: JULIA, Dominique. BOUTIER, Jean. *Passados recompostos – campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV/Editoras UFRJ,1998.

RICOUEUR, Paul. Entrevista. *Historia, Antropologia y Fuentes Orales*. N. 30, 2003.

ROZENZWEIG, Roy. *Scarcity or Abundance? Preserving the Past in a Digital Era*. *American Historical Review* 108, 3 (June 2003): 735-762 Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/resources/essays/d/6> (acessado em 12 de fevereiro de 2008).

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. RJ: FGV, 2002.

ROUSSO, Henry. “O arquivo ou indício de uma falta”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.17, 1996.

ROUSSO, Henry. *Les dilemmes d'une mémoire européenne (no prelo)*. Disponível em alemão <http://www.zeithistorische-forschungen.de/16126041-Rouso-3-2004> (acessado em janeiro de 2006). Henry Rouso, «Das Dilemma eines europäischen Gedächtnisses», *Zeithistorische Forschungen/Studies in Contemporary History*, Online-Ausgabe, 1 (2004), H. 3.

SALGADO, Manuel Luiz Guimarães (org.). *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006,

SANTOS, Myriam Sepúlveda. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Anablume, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado – cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo, Cia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

STALEY, David J. *Computers, visualization and History – how new technology will transform our understanding of the past*. New York: M.E Sharpe, 2003.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória – temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo, UPF; Caxias do Sul, EDUCS, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem – indagações sobre o século XX*. São Paulo, Arx, 2002.

WEHLING, Arno e WEHLING, M. Jose. (1997) *Memória e História. Fundamentos, convergências, conflitos*. In: *Memória social e documento: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: UNI-RIO.

UNESCO. *Basic Texts on the Information Society*. 2003. Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.phpURL_ID=21647&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html (acessado em 10 de janeiro de 2008).

UKOLN. *Collecting and preserving the World Wide Web*. Londres, 2003. Disponível em <http://www.ukoln.ac.uk/>

VIEGAS, Fernanda. *Revealing Individual and Collective Pasts: Visualizations of Online Social Archives*. Tese de Doutorado, MIT, 2005. Disponível em: http://smg.media.mit.edu/papers/Viegas/viegas_thesis.pdf (acessado em 05 de janeiro de 2007)

ANEXOS

1. Quadro Cronológico do projeto *People's War*: elaborado a partir de um quadro contido no *website* e acrescido de algumas informações.

Maio /2002	Projeto original do <i>site</i> desenvolvido por Chris Warren, então um diretor-executivo da BBC.
Junho/2002	Execução de orçamentos, recrutamento da equipe e captação de recursos.
Novembro/ 2002	Início das atividades do projeto e desenvolvimento do <i>site</i>
Junho/2003	Projeto piloto iniciou suas atividades.
Novembro/ 2003	Lançamento oficial do <i>site</i> e início de uma campanha para recolher testemunhos.
Junho/ 2004	60º aniversário do Dia D (6 de junho de 1944).Foi lançada uma campanha publicitária do <i>site</i> na TV.
Julho/ 2004	Uma nova ferramenta é adicionada ao projeto possibilitando que inclusão de imagens pelos usuários.
Setembro/2004 – Junho/ 2005	Um módulo de caráter pedagógico passou a ser adicionado mensalmente no <i>site</i> .
Maio /2005	Organizou-se uma série de eventos comemorativos por conta do 60º aniversário do Dia da Vitória (<i>VE day</i> – 8 de maio de 1945). Programas de radio e TV tiveram como tema o projeto do site Peoples War.
Jullho /2005	Vários eventos públicos para recolhimento de testemunhos, especialmente em bibliotecas e museus que montaram uma estrutura para auxiliar pessoas com dificuldades de acesso à internet.
Agosto /2005	60º aniversário do final da guerra (15 de agosto de 1945)
Janeiro /2006	O <i>site</i> deixa de aceitar novos testemunhos e inicia a preparação do acervo fixo.
Março /2006	Lançamento do <i>site</i> atual. A Biblioteca Nacional Britânica aceitou ser depositária perpétua do acervo digital People's War.

2. **Instruções contidas no site** recolhidas em outubro de 2005. Este material não está disponível online.

“Everyone has a story to tell. Share your World War Two memories.

WW2 Peoples War is a site dedicated to capturing people's personal stories of World War Two in a lasting archive. Whether the writer was military or civilian, at home or abroad, on the front-line or home front, every story plays a vital part in helping future generations understand the sacrifices made by a nation at war.

If you lived through the war, please contribute your story; you can now add pictures too. Or if you know someone who remembers those days but is not used to computers, why not help them add their account? For a full explanation of how to make contributions to the site take the [Guided Tour](#).

Please note that WW2 Peoples War is an internet-only project, which means that contributions made by letter or telephone cannot be accepted. However, there are now over 2,000 People's War centres nationwide where you can find help getting your story online. If you would like information about your nearest People's War Centre, please call the helpline on **08000 150950**. You can also find a list of some of the centres, and find out more about their activities on their Personal Pages, on the [People's War Centres](#) page. Not all the centres are listed here, so call the helpline for the latest information.

Also on this page:

[Who can contribute to the archive?](#)

[What will happen to the archive?](#)

[How is the archive authenticated?](#)

[How can I become more involved in WW2 People's War?](#)

Who can contribute to the archive?

If you lived or fought through World War Two, please contribute your story.

Stories can be about any aspect of the war years and any length (although we do advise you to divide stories of more than 3,000 words into smaller stories). Please don't feel that your story isn't 'important' or 'serious' enough - *everyone* has a story to tell. World War Two was fought as much by those working in the factories and living through the Blitz, as it was by the Armed Forces of land, air and sea. Ordinary people found themselves taking part in extraordinary events, and WW2 People's War provides the opportunity for their stories to become part of a commemorative archive.

If you were born after World War Two, why not help someone else add their stories or pictures to the site?

The sort of stories we are looking for include:

First-hand accounts and recollections written by people who lived through the war.

First-hand accounts and recollections written on behalf of people who lived through the war. For example, a story dictated to a friend, relative or helper, who then adds it to the site.

Transcripts of diaries and letters dating from World War Two.

Transcripts of audio or video recordings of those who lived through the war.

Photographs dating from World War Two.

Stories compiled using any of the above.

Please note: If you are using material which does not belong to you - such as diaries, letters, audio or video recordings, or photographs - please ensure

you have the permission of the author/owner, or their legal next-of-kin. For more information about copyright, please see the [House Rules](#).

What will happen to the archive?

WW2 People's War is a two-year project running from Remembrance Sunday in November 2003 to Remembrance Sunday 2005. During this time we hope to gather many thousands of World War Two memories from members of the public.

In November 2005, WW2 Peoples War will cease to take new contributions, so please ensure you have added your stories and pictures before that date. The archived stories will then be organised into a categorised and searchable format to serve as **an educational resource and enduring tribute to the war generation as part of the BBC History website.**

For a full explanation of how to contribute your stories or pictures, take the [Guided Tour](#).

How is the archive authenticated?

The WW2 People's War website accepts stories on the understanding that they are submitted in good faith. We rely on our contributors to ensure that their stories are, to the best of their knowledge, a truthful and accurate recounting of events, in keeping with the commemorative nature of the project.

The archive is not intended to be an objective and impartial history of World War Two. On the contrary, it is meant to capture the often-overlooked experiences and personal histories of the people who fought and lived through the war.

Stories are contributed by the public and are not fact-checked by the BBC, but all members may use the forums at the end of each story to comment on content or add further information.

Most of the experiences recounted on the WW2 People's War website happened over 60 years ago, and we ask users of the archive to bear this in mind when commenting on stories. These unique perspectives are what make People's War so valuable, and we would like members to feel that they can tell their stories exactly as they remember them.

How can I become more involved in WW2 People's War?

There are plenty of ways to become more involved, including showing new users around the site, helping members write their stories or looking into research questions."

3. Carta da Preservação Digital

4. Sumário do ensaio sonoro de Charles Hardy e Alessandro Portelli

I Can Almost See the Lights of Home ~ A Field Trip to Harlan County, Kentucky

An Essay-In-Sound

Charles Hardy III & Alessandro Portelli

HOST INTRODUCTION (4:15)

Dee Dee Napier, Stig Hornshøj-Møller, Hiram Day

INTRODUCTION: AN ITALIAN IN HARLAN (2:21)

Charles Hardy III, Alessandro Portelli

CHAPTER 1: MY HOME UP IN THE HILLS (7:19)

Music: Arthur Johnson, "My Home up in the Hills."
Dee Dee Napier, Alessandro Portelli, Annie Napier, Gladys Hoskins, William Gent

FIRST MOVEMENT: *SNAKES* (5:34)

Alessandro Portelli, Charles Hardy III, Chester Napier,
Riverside Church, Liddy Surgener

SECOND MOVEMENT: *SISTER LIDDY* (3:29)

Alessandro Portelli, Liddy Surgener, Hiram Day

THIRD MOVEMENT: *COAL MINES* (3:56)

Music: Becky Ruth Brae, "Coal Miners."
William Gent, Alessandro Portelli, Annie Napier

CHAPTER 2: *THE ACTS OF MAN* (9:46)

Music: Day Family, "The Night Old Crank's Creek Went Down."
Gladys Hoskins, Annie Napier, Alessandro Portelli, Day Family

CHAPTER 3: *THE THIRD WORLD SUITE* (11:08)

Music: Becky Ruth Brae & Annie Napier, "Smokey Mountain Sunday Morn."
Chester Napier, Alessandro Portelli, Lowell Wagner, Mildred Shackelford

CHAPTER 4: *SURVIVAL* (8:55)

Music: Arthur Johnson, "Lost Creek"; Becky Ruth Brea, "Candles on the Table."
Alessandro Portelli, Annie Napier, Day Family, Chester Napier

FOURTH MOVEMENT: *THE TALES OF WILLIAM GENT* (11:52)

Music: Riverside Church, "Travelling the Highway Home."
Alessandro Portelli, William Gent, Hiram Day

FIFTH MOVEMENT: *RECAPITULATION AND PROLOGUE* (2:17)

Music: Cranks Creek Church, "I Can Almost See the Lights."
Alessandro Portelli, Hiram Day, Dee Dee Napier, Annie Napier

CHAPTER 5: *DEATH AND GHOSTS* (12:17)

Music: Becky Ruth Brae, "I Can Fly."

Charles Hardy III, Alessandro Portelli, Annie Napier, Becky Ruth Brae

SIXTH MOVEMENT: VIOLENCE AND CARE (13:37)

Chester and Annie Napier, Charles Hardy III,

Alessandro Portelli, William and Omie Gent

CHAPTER 6: THE ACTS OF GOD (16:48)

Music: Becky Ruth Brae, "Don't Cry for Me."

Becky Ruth Brae, Liddy Surgener, Annie Napier, Charles Hardy III, Alessandro Portelli

CHAPTER 7: MOVEMENT AND DECLINE (9:40)

Music: Day Family, "I've Never Been This Lonesome Before";

Arthur Johnson, "My Home up in the Hills," "Courting Song."

Gladys Hoskins, William Gent, Chester Napier, Annie Napier

CHAPTER 8: THE ACTS OF MAN CONTINUED (19:26)

Music: Arthur Johnson: "The Dream of the Miner's Child."

Annie and Chester Napier, Charles Hardy III, Alessandro Portelli,

Gladys Hoskins, Joan Robinett

FINAL MOVEMENT: A KENTUCKIAN IN ROME (8:07)

Music: Riverside Church, "Feed Me Jesus."

Annie Napier, Dee Dee Napier, William Gent, Charles Hardy III, Alessandro Portelli

INTRODUCTION: AN ITALIAN IN HARLAN

Hardy: Ah, there we go. Yes. I see it moving. Okay.

Portelli: Are you ready?

Hardy: Yes. I should be on mic two. We've got our two-track mono going here. I'll move that down a little bit. Let's start from the beginning. Last October, you went back to Harlan County, and you did a series of new interviews. What were you trying to get?

Portelli: Well, basically I was trying to get some decent sounding tape and try to experiment on using another medium to present my findings. I began fieldwork in Harlan County in '86. So that was ten years. Also, for the first time, I was getting a chance to air some of my views in front of people in the community. Because there was a seminar that the University of Kentucky was setting up in Benham, which is one of the mining towns in Harlan, and I got a chance to speak to them.

SFX: audience chatter

Portelli (at Benham): Well. Thank you. And it's really from the heart because I've been wanting to come here for 30 years ever since the sixties, of course, when everybody wanted to come to Harlan County. Fortunately, I didn't And I did some study previous. It took me about 20 years. I finally made it. And I've been coming here almost every year, and depending on whether I could afford it for the last ten years or so. And last night I ran into a friend in the streets of Whitesburg and he says, "How come you're here?" And my response was, "Well, I needed to touch my roots."

CHAPTER 1: MY HOME UP IN THE HILLS

Bill Johnson:

"My Home Up in the Hills" (music)

Come and see me in my home up in the hills
Where the mocking bird is singing by the rail
And the lonesome dove that sings at break of day
From my home I wander never far away.

When I was a lad a cabin was my home
As I watched the river flow I longed to roam
But as seasons come and go with friends so near
I enjoy my mountain home from year to year.

Friends and neighbors gathered round when work was done
'Neath the tree there in our yard that set off sun
Where we'd talk and sing of times both good and bad
Oh such memories of those folk make my heart glad.

Once I wandered from my home in search of fame
Sought for fortune and to make myself a name
Then one day a whistle blew along the track
Tell my ma her wanderin' boy is comin' back.

Many years have past and still the river flows
Late at night I listen to the wind that blows
Spring or summer, fall or when the winter chills
I shall ever be at home up in the hills.

Dee Dee Napier.

Source: Annie

Napier.

Portelli: And what do they make you read? Do they make you learn poems and recite things?

Dee Dee Napier: They just make us read in our reading book and our Kentucky history book.

Q: Okay. So what's Kentucky history about?

Dee Dee: It's about Kentucky and the first settlers.

Q: Alright. And what do they teach you about the first settlers? Like Daniel Boone? You've read about him?

Dee Dee: Uh-huh.

Q: What did you read about? Do you remember something about Daniel Boone from school?

Dee Dee: He freed the—well, the slaves or whatever they was, and he —

Q: I thought that was Abraham Lincoln. Was it Daniel Boone?

Dee Dee: He freed some slaves in some foreign country, and then he walked back there wherever it is, made that wild place, and they call it Boonesboro.

Annie and Chester Napier.

Source: Annie Napier.

Annie Napier: Oh, I don't know if that was me or Chester who told you about that but there, there was ah, a tree down here at the foot of the hollow. And there was a man that raised a family of seven children in a tree stump. You can't imagine the stump being that big.

Gladys Hoskins: And I came to Harlan when I was 15 and finished high school here. But that year I had gone to four high schools. We sort of followed the trees around. At that time, Harlan was just finishing the labor disputes and all the labor trouble that had been going on in Harlan County.

Q: So that, that must have been '39—when was it?

Gladys: '37. And so it was really getting over. There was still some of that going on, but Harlan, at that time, did have that terrible reputation, which, as you know, has calmed down and it is a changed place. It's not as violent as it once was.

Annie: And it's a thousand wonders any of us survived. I'm telling you the truth. . . . And you got a laxative once a month whether you needed it or not. I said, "No wonder I's sick," you'd sit in the outhouse for three days in the wintertime. [laughs]

(Underneath Bill Gent:) But you know, ah, just to think back, you know, how we'd growed up and I never have found out why they put a dime on a string, it had to be a silver dime and they'd put it on a string and a kid wore it around their neck. I don't know what that was for. I never have found that out. And one of the things they did for colic. You know what a sowlbug is?

Q: No.

Annie: You know what a pillbug is?

Q: No.

Annie: Well that's a scientific word for it's a pillbug. It's little ole bug about that long.

William (Bill) and Omie Gent. Source: Annie Napier.

Bill Gent: We owned our own property and stuff but where you know generated down, handed one generation to the other down so that it'd the property would be owned and most the stuff it was ate ate, grew you know up then then, hogs, chickens, cows E'en for milk, butter and this such. Most of the camp folk they would some of the some maybe a

house raised or some or built the brothers, the sisters, the cousins, whatever, come in and it'd all putted it together. And in 'bout half a day it was done.

Annie Napier: And what it looks like is a little bitty armadillo. You find 'em under a rotten wood. You can touch em and they'll roll up in a little ball. For the colic, a baby's colic, they'd go under the floor and nine healthy sowbugs.

Q: It had to be nine?

Annie: Nine.

(Underneath Gladys Hoskins:) How they ever found out they were healthy is beyond me 'cause they're all wrinkles. But they'd get nine bugs, put 'em in a white cloth and tie 'em up in a white cloth, and drop 'em in boiling water. And make like a tea. And they'd give the baby a teaspoonful of that sowbug tea for the colic.

Gladys: And it is a changed place. It's not violent, as it once was. . . . It's certainly not true any more. And I'm glad of that. And Harlan is a beautiful place, and I found it to be a very warm and friendly place. At that time Harlan County had 75,000 people, which is just unbelievable now, to think that we're down to 37,000, and, of course, the mines were very, very active.

Annie: Chester had it. He also had polecat grease.

Q: Polecat?

Annie: You know what a skunk is?

Q: Yeah.

Annie: Well, they catch a skunk—this is for asthma—they kill a skunk, skin it, boil the whole polecat, and take its two hind legs, make the kid eat the two hind legs and over a period of weeks drink a pint of polecat grease.

Q: This was for asthma?

Annie: Asthma. It's supposed to cure asthma. It didn't.

Q: How 'bout sheep tea?

(Underneath Gladys Hoskins:) What was that for?

Annie: That was to break you out with measles. Sheep manure tea. That was to break the measles out.

Gladys: Because I can remember going to California. And we were in a restaurant in San Francisco, and Georgella was just little. . . . But the woman who owned the restaurant came over, and she said, "You have such nice, well-behaved children." And I said, "Well, they're very tired. We've come a long way." And she said, "And where are you from?" And we said, "Harlan, Kentucky." And she just sat down, and she said, "Oh, have you ever seen any television?"

Bill Johnson's "Home Up in the Hills" continued.

Annie: I'm a hillbilly.

Q: Well what is a hillbilly?

Annie: I don't really know what a hillbilly is. They call them a back woods person. But I ain't a back woods person because I've been in 38 states.

Q: Plus, at least in Italy.

Annie: Yeah, and Canada.

Q: And Canada, yes.

Annie: But, I've drove through 38 states. I wouldn't classify myself as a hillbilly. But I am proud to be from the Appalachian Mountains. They call it Appalachian Mountains but the old people called it the Appalachee Mountain.

SFX: "Here kitty, kitty. What's that? What's this tape recorder? That tape recorder pointing to you?"

CHAPTER 3: THE THIRD WORLD SUITE

Becky Ruth Brae:

"Smokey Mountain Sunday Morn" (music)

Just little white church in the mountains

At the end of that old black tar road.

Well, I found me a friend

I will have good memories,

And wish on the savor and lord.

(...)

And we'd pray for the sick

And we'd pray for the rain

Sing God bless the beans and the corn

And we would sing songs of praise

In my childhood days

On a Smokey Mountain Sunday Morn.

Many years now have passed since my childhood

And that little white church house is gone.

Oh, I often think back to that small mountain shack

And all the love that my life's built upon

Well, we'd pray for the sick

(...)

Chester Napier: Our closest neighbor was approximately a mile away. And there wasn't many families in there, so. And everybody was just like family, you know, the whole [inaudible]. We'd go pick beans all day. And the rest of the neighbors, they would gather round the next day and help us work them beans up. We'd can beans. We'd dry beans. And we'd pickle beans. We didn't pickle beans like they do today in a quart jar. We put them in a 55-gallon oak barrel. And corn. We pickled it the same way. Kraut, we had a 35-gallon barrel for sauerkraut. So I guess we lived just about like the pioneers did.

Q: That's something that I always moved me about this part of the country that it's so near and yet, you know, it's so much like the beginnings.

Annie Napier: So much like the beginnings and yet so modern, too, to what it was when I was growing up. See, they didn't even have highways in the part of Smith where I was raised at when I was growing up. All they had was wagon roads. A lot of people still used

the horse and wagon. And back where we lived out in the mountain there wasn't anything back there but a wagon road.

Portelli: Well, ever since I began work in Harlan I had this question. What does the title of the movie *Harlan County, USA* mean exactly? Because, I mean, it does not mean that all of USA is like Harlan County. To some people, and maybe in the intention of the authors, it's an oxymoron. It's a contradiction. How can such a place exist in the United States?

Chester: I guess we was just about like the Indians back in the mountain where we was raised at.

Q: In what ways?

Chester: Oh, we just, you know, we just hunted and fished and would raise all of what we would eat from just a hillside farm. Use horses, didn't have a tractor or anything. Have no automobile. Where we went, we walked. We'd walk from where we lived at into Rose Hill, Virginia, and carry our food back, either on our back or on a horse or a mule.

Q: You're talking about the forties.

Chester: I'm talking about the forties and fifties. So in the fifties well, we made moonshine and sold it. During the summer we'd pick huckleberries, blackberries; sell them. The huckleberries we'd carry into Virginia, sell for a dollar a gallon. The blackberries we only got a quarter a gallon. But we'd get enough money from that to buy clothes and some food for the winter. Mostly what we bought for in the food line was cornmeal and lard, beans, soup beans, what we got pinto beans. We call 'em soup beans yet today. So it was a rough life but a good life.

Q: Well I had the microphone off, of course. So, Lowell Wagner, and you live in Jackson, County.

Lowell Wagner: I live in Jackson County right.

Q: OK. And you were here in?

Lowell: I came here in 1968. I came here to work with the VISTAs or the Appalachian Volunteers back in 1968, but I was originally from Virginia And I felt a real kinship between this part of the United States and the Third World culture that I experienced in the Peace Corps. There was a lot more personal relations, things were slower, people seemed more interested in how they related to one another than they might have in the mainstream culture. Those were the things, I guess, that attracted me, and just the physical beauty of the place. Although I knew that there were some things like wherever you had coal controlling things . . . environmental things like pollution and strip mining and stuff that, you know, were sort of detrimental to the way people lived.

Q: She was part Cherokee, wasn't she?

Chester: Yes, yes. She was part Cherokee. And I got Cherokee coming in on both sides, my mother's side and Dad's side, too, so, I guess I'm still like, in a way, like pioneers. I like to hunt and fish. I raise a lot of my own food that I eat. It's still, like I said, when I was a kid we was raised just about like the pioneers. I guess they'd call it a Third World country. But we loved it. We may not have had much, but we had love.

Portelli: As for being an Italian doing this, I got all sorts of reactions. It's the first thing people told me as soon as I started doing this Appalachian thing. For one thing, why are you studying Appalachia and why aren't you studying Las Vegas, Hollywood? And my sense is that, as you've said, Americans have been studying us and of course they do expect us to study you, but not the way you study us. We're being studied, on the one hand and on the other hand we should learn from America.

Charles Hardy III: We diagnose you and you emulate us is the traditional formula.

Portelli: Yes. I mean, God knows, we need diagnosis and there's a lot to emulate. But on the other hand, you need some diagnosis, too, although that's not what I'm here for. That's the other great thing that Mildred told me. My friend Mildred Shackelford. She's a woman miner. She's a poet. She's a political organizer. And she said—because I asked her—I said, "Look, what am I doing right? Why are people talking to me?" And she says, [*Shackelford on other channel*] "Well, first of all, you're not from New York. You're not from Chicago. You're not from Lexington. You're not from Louisville." And I said, "Okay, I'm not from where power comes from." She says, "Right."

And immediately you see that—well, I formulated this in an article once. It's called "Two Peripheries Talking to Each Other." And it's a strange definition of peripheries because Rome, after all, is not exactly—it's not *Caput Munde*, it's not the center of the world anymore. And on the other hand, these people may be marginal, but they're United States. So, it's contradictory there. And then [*Shackelford on other channel*] she went on and she said, "Also, you don't have anything to teach us." She says, "Now if you were a coal miner from Wales and you were telling us about mine safety, people will listen to you. But you're only listening to us. You're only trying to gather a little knowledge."

And so ultimately, you know, I've talked about fieldwork as an experiment in equality. And that's what it turned out to be. The reason I was able to have access to something was that there was no sense of me being superior. Basically because I was Italian. Of course, on the other hand, anybody who's from across the waters is a Russian or a Communist but that didn't come up much. I've never put it this way, but it's really been an experiment in equality because I don't have any power over them. On the other hand, they don't know that the Italian State Oil Conglomerate, ANI, owns coal mines in Kentucky and uses non-union labor and all sorts of terrible things.

3. Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital - Preservar para garantir o acesso.

Disponível em www.arquivonacional.gov.br (acesso em agosto de 2007).



Considerando que a informação arquivística, produzida, recebida, utilizada e conservada em sistemas informatizados, vem constituindo um novo tipo de legado: o patrimônio arquivístico digital;

Considerando que este patrimônio arquivístico digital se encontra em perigo de desaparecimento e de falta de confiabilidade, e que sua preservação em benefício das gerações atuais e futuras é uma preocupação urgente no mundo inteiro;

Considerando que a Carta para a Preservação do Patrimônio Digital da UNESCO manifesta a necessidade de os Estados membros, incluindo o Brasil, estabelecerem políticas e ações para proteger o patrimônio digital;

Considerando que o Conselho Internacional de Arquivos estabeleceu entre seus princípios que os arquivos devem facilitar o estabelecimento de políticas, procedimentos, sistemas, normas e práticas que levem os produtores de documentos a criar e manter documentos arquivísticos fidedignos, autênticos, preserváveis e acessíveis;

Considerando que o Conselho Nacional de Arquivos tem por finalidade definir a política nacional de arquivos públicos e privados e exercer orientação normativa visando à gestão documental e à proteção especial aos documentos de arquivo, independente do suporte em que a informação está registrada;

O **Conselho Nacional de Arquivos**, em sua 34ª reunião plenária, realizada em 6 de julho de 2004, no Rio de Janeiro, aprova a presente Carta.

As organizações públicas e privadas e os cidadãos vêm cada vez mais transformando ou produzindo documentos arquivísticos exclusivamente em formato digital, como textos, bases de dados, planilhas, mensagens eletrônicas, imagens fixas ou em movimento, gravações sonoras, material gráfico, sítios da internet, dentre muitos outros formatos e apresentações possíveis de um vasto repertório de diversidade crescente.

As facilidades proporcionadas pelos meios e tecnologias digitais de processamento, transmissão e armazenamento de informações reduziram custos e aumentaram a eficácia dos processos de criação, troca e difusão da

2

informação arquivística. O início do século XXI apresenta um mundo fortemente dependente do documento arquivístico digital como um meio para registrar as funções e atividades de indivíduos, organizações e governos.

Os documentos arquivísticos são gerados e mantidos por organizações e pessoas para registrar suas atividades e servirem como fontes de prova e informação. Eles precisam ser fidedignos e autênticos para fornecer evidência das suas ações e devem contribuir para a ampliação da memória de uma comunidade ou da sociedade como um todo, vez que registram informações culturais, históricas, científicas, técnicas, econômicas e administrativas.

A eficácia de um documento arquivístico depende da qualidade e do rigor dos procedimentos de produção e manutenção realizados pelas organizações produtoras de documentos. Entretanto, como a informação em formato digital é extremamente suscetível à degradação física e à obsolescência tecnológica – de *hardware*, *software* e formatos –, essas novas facilidades trazem conseqüências e desafios importantes para assegurar sua

integridade e acessibilidade. A preservação dos documentos arquivísticos digitais requer ações arquivísticas, a serem incorporadas em todo o seu ciclo de vida, antes mesmo de terem sido criados, incluindo as etapas de planejamento e concepção de sistemas eletrônicos, a fim de que não haja perda nem adulteração dos registros. Somente desta forma se garantirá que esses documentos permaneçam disponíveis, recuperáveis e compreensíveis pelo tempo que se fizer necessário.

A preservação de documentos arquivísticos tem por objetivo garantir a autenticidade e a integridade da informação, enquanto o acesso depende dos documentos estarem em condições de serem utilizados e compreendidos. O desafio da preservação dos documentos arquivísticos digitais está em garantir o acesso contínuo a seus conteúdos e funcionalidades, por meio de recursos tecnológicos disponíveis à época em que ocorrer a sua utilização.

Assim, é importante alertar os governos, as organizações públicas e privadas, as instituições de ensino e pesquisa e todos os setores da sociedade brasileira comprometidos com a inclusão informacional para os seguintes problemas:

_ Dependência social da informação digital

O governo, a administração pública e privada, a pesquisa científica e tecnológica e a expressão cultural dependem cada vez mais de documentos digitais, não disponíveis em outra forma, para o exercício de suas atividades.

_ Rápida obsolescência da tecnologia digital

A preservação de longo prazo das informações digitais está seriamente ameaçada pela vida curta das mídias, pelo ciclo cada vez mais rápido de obsolescência dos equipamentos de informática, dos *softwares* e dos formatos.

_ Incapacidade dos atuais sistemas eletrônicos de informação em assegurar a preservação de longo prazo

Atualmente, não obstante os pesados investimentos em tecnologia da informação, há uma crescente debilidade estrutural dos sistemas eletrônicos de informação, que os incapacitam de assegurar a preservação de longo prazo e o acesso contínuo às informações geradas num contexto de rápido avanço tecnológico.

_ Fragilidade intrínseca do armazenamento digital

A tecnologia digital é comprovadamente um meio mais frágil e mais instável de armazenamento, comparado com os meios convencionais de registrar informações, tendo um impacto profundo sobre a gestão dos documentos digitais no presente para que se tenha garantia de acesso no futuro.

_ Complexidade e custos da preservação digital

A preservação de documentos digitais pressupõe uma constante atualização de suporte e de formato, além de estratégias para possibilitar a recuperação das informações, que passam pela preservação da plataforma de hardware e software em que foram criados, pela migração ou pela emulação. Estas são algumas iniciativas que vêm sendo tomadas, mas que não são ainda

respostas definitivas para o problema da preservação de longo prazo. Não há soluções únicas e todas elas exigem investimento financeiro elevado e contínuo em infra-estrutura tecnológica, pesquisa científica aplicada e capacitação de recursos humanos. __

_ Multiplicidade de atores envolvidos

A preservação da informação em formato digital não se limita ao domínio tecnológico, envolve também questões administrativas, legais, políticas, econômico-financeiras e, sobretudo, de descrição dessa informação através de estruturas de metadados que viabilizem o gerenciamento da preservação digital e o acesso no futuro. Desta forma, preservar exige compromissos de longo prazo entre os vários segmentos da sociedade: poderes públicos, indústria de tecnologia da informação, instituições de ensino e pesquisa, arquivos e bibliotecas nacionais e demais organizações públicas e privadas. Reconhecida a instabilidade da informação arquivística digital, é necessário o estabelecimento de políticas públicas, diretrizes, programas e projetos específicos, legislação, metodologias, normas, padrões e protocolos que minimizem os efeitos da fragilidade e da obsolescência de *hardware*, *software* e formatos e que assegurem, ao longo do tempo, a autenticidade, a integridade, o acesso contínuo e o uso pleno da informação a todos os segmentos da sociedade brasileira. Isto só será possível se houver uma ampla articulação entre os diversos setores comprometidos com a preservação do patrimônio arquivístico digital, e em cooperação com os organismos nacionais e internacionais.

Desta forma, manifestamos a importância das instituições arquivísticas, do poder público, da indústria de tecnologia da informação e comunicação e das instituições de ensino e pesquisa, implementarem ações, especialmente no que concerne a:

1 - Elaboração de estratégias e políticas

_ Gestão arquivística de documentos

Definir procedimentos e estratégias de gestão arquivística de documentos quando da criação, transmissão e preservação de documentos em formatos digitais, com o objetivo de garantir a produção e manutenção de documentos fidedignos, autênticos, acessíveis, compreensíveis e preserváveis.

• Instrumentalização dos arquivos

Orientar quanto à criação de infra-estrutura nas instituições arquivísticas e nas organizações produtoras e acumuladoras de documentos, no que concerne a equipamentos, sistemas, metodologias e recursos humanos capacitados, para que possam desempenhar um papel ativo na gestão da preservação dos documentos digitais.

• Governo eletrônico

Promover a participação de representantes das instituições arquivísticas nos projetos de governo eletrônico, para a definição de estratégias, padrões e normas de gestão, preservação e acesso a documentos e informações, __ conforme orientação do

Conselho Internacional de Arquivos e da UNESCO.

_ Ações cooperativas

Incentivar programas cooperativos de preservação de documentos digitais para aplicação e compartilhamento de recursos sob a forma de acordos, consórcios, convênios e parcerias.

2 - Estabelecimento de normas

_ Padrões e protocolos

Definir e/ou recomendar a utilização de padrões e protocolos abertos e de aceitação ampla na criação, uso, transmissão e armazenamento de documentos digitais; e desenvolver soluções em cooperação com organizações de pesquisa e a indústria de tecnologia da informação e comunicação.

_ Requisitos funcionais

Definir os requisitos funcionais e estimular sua adoção para orientar o desenvolvimento e a aquisição de sistemas eletrônicos
5
de gestão arquivística, que sejam adequados às especificidades da legislação e das práticas arquivísticas brasileiras.

_ Metadados

Definir estruturas padronizadas de metadados e determinar a sua utilização nos sistemas eletrônicos de gestão arquivística, com o propósito de gerir a preservação e a acessibilidade dos documentos digitais.

_ Segurança da informação digital

Definir política de segurança da informação, que considere os aspectos legais, organizacionais, humanos e tecnológicos, de modo a garantir a autenticidade dos documentos digitais e o sigilo da informação, bem como a proteção contra perdas, acidentes e intervenções não autorizadas.

3 - Promoção do conhecimento

_ Agenda de pesquisa

Desenvolver uma agenda nacional de pesquisa para a preservação e longevidade dos documentos digitais, alinhada com as principais iniciativas nacionais e internacionais, com a participação das agências governamentais de fomento e de amparo à pesquisa, universidades e outras entidades dos setores público e privado.

• Ensino e formação de recursos humanos

Estimular a inserção do tema Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital na formação dos profissionais de informação, especialmente dos arquivistas, nos cursos de graduação e pósgraduação.

_ Disseminação do conhecimento

Estabelecer ações de identificação, disseminação e compartilhamento do conhecimento e a utilização de metodologias e técnicas para a gestão e a preservação de documentos arquivísticos digitais.

O CONARQ reafirma o seu compromisso com a aplicação de políticas públicas voltadas para a preservação do patrimônio arquivístico digital, e convoca os setores públicos e privados, envolvidos com a produção e proteção especial dos documentos em formato digital, a envidarem esforços para garantir sua preservação e acesso contínuo, condição fundamental para a democratização da informação arquivística em nosso país e a preservação da memória nacional.